



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

GABRIELA NEVES MARQUES DE ALMEIDA

**INFERÊNCIA DE PREDIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO EM UMA ATIVIDADE DE  
LEITURA DE HISTÓRIAS EM SALA DE AULA**

Recife

2009

GABRIELA NEVES MARQUES DE ALMEIDA

**INFERÊNCIA DE PREDIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO EM UMA ATIVIDADE DE  
LEITURA DE HISTÓRIAS EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Psicologia Cognitiva.  
**Área de concentração:** Linguagem e Argumentação

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Selma Leitão Santos

Recife  
2009

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

A447i Almeida, Gabriela Neves Marques de.  
Inferência de predição e argumentação em uma atividade de leitura de histórias em sala de aula. / Gabriela Neves Marques de Almeida. – 2009.  
175 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Selma Leitão Santos.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2009.  
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia cognitiva. 2. Compreensão na leitura. 3. Leitura – Desenvolvimento. 4. Psicologia da leitura. 5. Raciocínio. I. Santos, Selma Leitão (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2023-016)

GABRIELA NEVES MARQUES DE ALMEIDA

**INFERÊNCIA DE PREDIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO EM UMA ATIVIDADE DE  
LEITURA DE HISTÓRIAS EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia Cognitiva.

**Aprovada em:** 31/08/2009.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Selma Leitão Santos (Orientadora e Presidente)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Vilar de Melo (Examinadora Externa)  
Universidade Católica de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alina Galvão Spinillo (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, que me proporcionaram o acesso à educação de qualidade desde o início, acreditando ser esse o caminho de grandes conquistas futuras; essa é a mais valiosa herança que os pais podem deixar um dia para os filhos. Acredito que eles sejam os meus maiores torcedores em todos os aspectos da minha vida.

Às minhas avós, por serem exemplos de mulheres independentes e batalhadoras, exemplos de superação e determinação; de amor e dedicação. Elas são o alicerce de tudo.

À minha irmã e primas-irmã, que acreditam na minha capacidade, me agüentaram nos momentos difíceis e proporcionaram ótimos momentos de descontração. Com elas eu sei que posso contar sempre. Ao meu irmão, pelo exemplo de pessoa dedicada ao mundo dos livros, o que faz dele alguém extremamente inteligente; e pelos livros achados e “roubados” do seu quarto, os quais foram de grande utilidade.

Às minhas tias, Simone, Nelice e Eline, e a tio Paulo, que estavam sempre perguntando como estava o mestrado, tentando entender o que eu estudava e mostrando apoio e admiração. Ao meu tio Sílvio, que desde pequena me presenteara com vários livros no natal, despertando em mim o gosto pela leitura.

A mais nova integrante da família, minha neném, Luiza, que mesmo sem ter nascido ainda já me faz re-significar toda uma visão de ser, estar e fazer no mundo. Tudo muda com sua presença.

À minha orientadora, Selma Leitão, exemplo de dedicação ao mundo acadêmico e competência naquilo que se propõe fazer. Sem ela esse trabalho não teria sido iniciado e nem concluído. Obrigada pelo incentivo sempre.

Aos professores da Pós-graduação, contribuindo durante as disciplinas, qualificação e demais momentos acadêmicos.

Ao grupo do Núcleo de Pesquisa em Argumentação, pelas proveitosas sextas-feiras de discussões teóricas e metodológicas; além da atenção e disponibilidade extra grupo. Um agradecimento especial à Tícia, de quem tomei o estudo da sua tese como base para o desenvolvimento do meu trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, que compartilharam todos os momentos de desenvolvimento deste trabalho. Em especial à Marisa, Rosita, Mari e René, que são

muito mais que colegas, mas amigos que me ajudaram a enfrentar os momentos de crise e estiveram sempre presentes, discutindo desde teorias, métodos e conceitos até coisas triviais do cotidiano, trazendo contribuições para minha formação, ajudando, dando força e motivando.

Às minhas amigas psis da graduação, pessoas extremamente importantes na minha vida, que continuaram presentes nessa nova etapa, sempre acrescentando algo, seja apoio emocional ou crescimento intelectual. Marina, Karina (agregando Bruno), Karine, Isabelle, Roberta, Ana, Sabrina, Thaís e novamente Marisa.

À Abner, pelo incentivo, preocupação e disponibilidade, além da grande ajuda na formulação do abstract em cima da hora.

À todos os amigos que contribuíram, direta ou indiretamente, em algum momento deste percurso, se interessando e me incentivando sempre. Em especial à Lud, Raquel, Lílian, Susana, Carol, Ana, Bruno, Hugo, Diego, Marcela, Alemão e Tetê.

À Viviane Bona, pela atenção, receptividade, disponibilidade e interesse pela pesquisa. A minha ponte entre a teoria e a possibilidade de realização do empírico.

Aos pais dos alunos, que acreditaram na seriedade deste trabalho e autorizaram a participação dos seus filhos na pesquisa.

Aos participantes da pesquisa, alunos e professora, os quais fizeram esse trabalho acontecer. Especialmente à professora, pelo engajamento nas atividades propostas, procurando fazer sempre o melhor.

À diretora e demais funcionários da escola, sempre receptivos e atenciosos.

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro nesses dois anos, em forma de bolsa de estudo.

Enfim, a todos que fizeram parte da minha vida nesses dois anos, pois estes, direta ou indiretamente, estiveram contribuindo, cada qual à sua maneira, para que eu chegasse até aqui.

## RESUMO

A inferência é um processo cognitivo fundamental para a compreensão textual, possibilitando que o leitor dê sentido ao que está lendo. A inferência de predição é um tipo de inferência inerente ao processo de compreensão textual, estando relacionada à capacidade de prever fatos futuros se baseando em indícios e relatos já disponibilizados. Duas premissas serviram como ponto de partida para o presente estudo: a idéia de que argumentar e inferir são processos estreitamente relacionados; e resultados descritos no estudo recente de Cavalcante sugerindo que a predição teria uma base eminentemente argumentativa. A predição exige do leitor a consideração de múltiplas hipóteses de continuidade do texto, argumentando e contra-argumentando com os elementos explicitados neste, bem como com outros de natureza contextual (pragmática), para dar sentido àquilo que está lendo; processo este considerado aqui como de natureza caracteristicamente dialógica. Com base nestas premissas, este trabalho procurou investigar: (1) como ocorre o processo de inferenciação preditiva em crianças ainda não leitoras, no contexto de narrativas em sala de aula; e (2) de que maneira esse processo, uma vez “saturado” por atividades de argumentação, poderia contribuir no desenvolvimento do raciocínio inferencial da criança. A hipótese deste trabalho é de que a implementação de movimentos argumentativos, durante a realização de inferências preditivas em leituras na sala de aula, favoreceria o desenvolvimento do processo inferencial de predição nas crianças, sendo estas mais freqüentes e coerentes. Os participantes foram 15 alunos de uma escola particular de Recife, com idades de aproximadamente 5 anos, e sua professora. O método utilizado foi o de *compreensão on-line*, o qual consiste na leitura interrompida do texto, durante a qual o leitor deve responder a perguntas inferenciais sobre cada passagem lida. Dez atividades de leitura desta natureza foram registradas no estudo. Nas primeiras 3 sessões e na última a atividade preditiva das crianças transcorria sem que a argumentação fosse efetivamente implementada pela professora. Nas demais (sessões 4 a 9), as crianças eram estimuladas a argumentar sobre as suas inferências. A análise dos dados foi realizada em dois momentos distintos: 1) micro-análise, com o objetivo de observar qualitativamente a ocorrência de inferências de predição no curso das dez sessões de leitura registradas; 2) macro-análise, com o objetivo de por em perspectiva as inferências de predição realizadas

pelas crianças durante atividades de leitura com e sem implementação deliberada de atividade argumentativa. Com estas análises foi possível observar que, quando demandadas a argumentar, seja apresentando pontos de vista, justificativas, oposições ou respostas às oposições, as crianças produziram maior número de inferências de predição. Conseguimos ainda observar como crianças que ainda não dominam a leitura constroem inferências de predição a partir do que está sendo lido para elas. Com este trabalho espera-se contribuir para um melhor entendimento acerca do desenvolvimento da capacidade inferencial de predição de crianças “não-leitoras”, além de contribuir com a ampliação de conhecimento sobre a natureza argumentativa de processos cognitivos básicos, no caso, a inferenciação. O estudo aponta ainda como a argumentação pode ser utilizada como recurso efetivo em ambientes de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** argumentação; inferência de predição; compreensão textual.

## ABSTRACT

The inference is a cognitive process essential to textual understanding, enabling the reader to know the meaning of what it's reading. The inference of prediction is a type of inference inherent to the process of textual understanding, being related to the ability to predict future events based on evidence and reports already available. Two assumptions were used as a starting point for this study: the idea that arguments and inferences are a closely related processes, and the results described in the recent Cavalcante's study suggesting that the prediction could be extremely argumentative based. The prediction requires that the reader should consider multiple continuity hypotheses of the text, arguing and counter-arguing with the elements described on it, as well as other types of contextual (pragmatic), in order to give some meaning to what it is reading, this process is considered here as dialogical nature. Based on these assumptions, this study tried to investigate: (1) how the process of predictive inference occurs with children that aren't able to read yet, considering the narrative context inside the classroom, and (2) in which way this process, once (saturated) by argumentation activities, could help in the inferential development of the child. The hypothesis of this study is that the implementation of argumentative moves, during the performance of predictive inferences in reading inside the classroom, encourage the inferential development process of prediction in children, thus being more frequent and consistent. The participants were 15 students at a private school in Recife, approximately 5 years old, and their teacher. The method used was the online understanding, which is a text interrupted reading, where the reader must answer the inferential question about each piece of text it has read. Ten such reading activities were recorded in this study. During the first 3 sessions and in the last, the predictive activity with children proceeded without any effectively argumentation made by the teacher. In the others (sessions 4 to 9), children were encouraged to argue about their inferences. The data analysis was made in two different moments: 1) micro-analysis, in order to observe qualitatively the occurrence of inferences to predict the course of ten recorded reading sessions, 2) macro-analysis, aiming to put in prospect of predicting the inferences made by children during reading activities, with and without deliberate implementation of argumentative activity. With these tests it was possible to observe that when they are requested to argue, just presenting viewpoints,

justifications, objections or answers to objections, children produced much more prediction inferences. We could also observe how children that are not able to read yet can construct predictive inferences from what is being read to them. With this study it is expected to contribute to a better understanding about the development of inferential prediction ability of non-reading children, and also contribute to the expansion of knowledge about the argumentative nature of basic cognitive processes, in this case, the inferencing. The study also shows how the argumentation can be used as an effective resource in the teaching-learning environments.

**Keywords:** argumentation; predictive inference; text comprehension

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>15</b>
2.1	LEITURA EM SALA DE AULA - UMA SITUAÇÃO PARTICULAR DE COMPREENSÃO TEXTUAL .....	15
2.1.1	A compreensão textual numa abordagem dialógica .....	16
2.1.2	Coerência Textual .....	18
2.2	O PAPEL DAS INFERÊNCIAS NA COMPREENSÃO .....	19
2.2.1	Métodos de estudo dominantes sobre inferências de predição ....	21
2.3	ARGUMENTAÇÃO E INFERÊNCIA .....	25
2.3.1	Noção de Argumentação .....	25
2.3.2	Argumentação e Inferência .....	28
<b>3</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>30</b>
3.1	PARTICIPANTES .....	30
3.2	PROCEDIMENTO E CONSTRUÇÃO DOS DADOS .....	30
3.2.1	Planejamento da atividade .....	31
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	<b>35</b>
4.1	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE .....	35
4.2	MICRO-ANÁLISE .....	37
4.3	MACRO-ANÁLISE .....	82
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>86</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>90</b>
	<b>APÊNDICE A – ANÁLISE DA HISTÓRIA 1</b> .....	<b>93</b>
	<b>APÊNDICE B – ANÁLISE DA HISTÓRIA 2</b> .....	<b>101</b>
	<b>APÊNDICE C – ANÁLISE DA HISTÓRIA 4</b> .....	<b>110</b>
	<b>APÊNDICE D – ANÁLISE DA HISTÓRIA 5</b> .....	<b>120</b>
	<b>APÊNDICE E – ANÁLISE DA HISTÓRIA 6</b> .....	<b>133</b>
	<b>APÊNDICE F – ANÁLISE DA HISTÓRIA 8</b> .....	<b>144</b>
	<b>APÊNDICE G – ANÁLISE DA HISTÓRIA 9</b> .....	<b>161</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral compreender melhor o processo de formulação de inferências de predição por parte de crianças ainda não leitoras em ambiente de compreensão textual e como estas inferências são geradas, revistas e/ou trabalhadas em um ambiente rico em atividade reflexiva, proporcionada pela argumentação. Seu enfoque psicológico envolve questões de linguagem, conhecimento e relações de ensino.

Existem, de maneira geral, duas formas de se relacionar linguagem e cognição. Uma delas vê a linguagem como algo que explicita os processos cognitivos internos, ou seja, a fala é meramente a reprodução de um pensamento pré-existente. Outra forma de se conceber a linguagem é vê-la como constituinte dos processos cognitivos. Essa segunda definição é a utilizada aqui neste trabalho.

A concepção de linguagem que norteia esse trabalho está ligada especialmente à concepção dialógica, a partir dos pressupostos de Bakhtin. Segundo este autor, o estudo da linguagem devia ser dividido em duas disciplinas distintas: a lingüística, que se preocuparia com o estudo gramatical, com as unidades da língua, sentenças e palavras sem autor ou sentido; e a translingüística ou metalingüística, que voltar-se-ia para o estudo das práticas socioverbais, dos enunciados, ou seja, das relações dialógicas estabelecidas no ato de falar. (Faraco, 2003).

A linguagem, nessa segunda concepção estipulada, é discurso. Discurso é definido por Bakhtin como “a língua em sua totalidade concreta e viva” (citado por Faraco, 2003, p.91) Um discurso é constituído pela interação de diversos enunciados. A linguagem é constituída sempre a partir de um contexto sócio-histórico e de outros enunciados, passados, presentes e futuros, sendo assim, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem. Falar é produzir sentido. (Fiorin, 2006) Assim, o sujeito é concebido como elemento participativo e atuante do processo comunicativo.

Segundo Bakhtin (1997), o estudo do enunciado tem importância fundamental para o entendimento sobre a comunicação, este autor procura superar a noção simplificada desta e melhorar a compreensão sobre a natureza das unidades da língua. Um enunciado sempre cria algo novo, irreproduzível, que está sempre rela-

cionado a uma posição axiológica e situacional de quem o diz. Entretanto, este é sempre criado a partir de algo que já é posto, que já existe antecipadamente (a língua, o fenômeno, o sujeito, o sentimento vivido, etc). Além disso, cada enunciado é criado a partir de outros enunciados e desencadeia que outros enunciados surjam. Os enunciados estão continuamente respondendo a algo que já foi dito e provocando respostas no que está para ser dito. Daí uma das mais importantes características do diálogo, a responsividade. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados.

Assumindo o pressuposto teórico de que a linguagem (e assim também a argumentação) está inserida num contexto sócio-histórico, dialógico, e que esta constitui os processos cognitivos, assim como também concebe Vygotsky, é de fundamental importância para este estudo procurar entender a relação entre pensamento e linguagem, ou discurso e cognição.

Vygotsky (2005) estuda o desenvolvimento da cognição concebendo-o como uma construção do sujeito em função das interações entre estes, interações estas mediadas pela linguagem e num contexto histórico-cultural específico. Esta abordagem sócio-culturalista enfatiza duas dimensões das quais o desenvolvimento cognitivo resulta: a externa – a apropriação da cultura nas inter-relações sociais – e a interna – o processo de interiorização.

De acordo com a teoria proposta por este autor, o desenvolvimento cognitivo se dá através das relações entre o pensamento e a fala, estes entendidos como processos independentes que apresentam origens distintas. Desta forma, ele fala da existência de um estágio pré-linguístico no desenvolvimento do pensamento, assim como de um estágio pré-intelectual no desenvolvimento da fala, este último relacionado às ações. Nesta fase, a linguagem apresenta função social e emocional. Em um determinado momento do desenvolvimento, as evoluções do pensamento e da fala se entrecruzam, produzindo uma nova forma de comportamento, caracterizada pelo pensamento verbal e pela fala racional. É preciso deixar claro que, mesmo após esta coincidência na linha de evolução, continua a haver formas de pensamento e de fala que não dependem um do outro.

A partir da aquisição da linguagem, a criança passa a ser capaz de operar simbolicamente, ou seja, o funcionamento psicológico não se limita mais às ações

concretas. A apropriação dos sistemas simbólicos, objetivada na descoberta da criança de que cada coisa tem um nome, é, para Vygotsky, de extrema importância para o desenvolvimento das funções mentais superiores. Para Vygotsky, a partir da aquisição da linguagem, existe um salto quantitativo e qualitativo no desenvolvimento de todos os processos cognitivos.

Segundo Morato (2000), Vygotsky confere ao dialogismo um papel como elemento constitutivo dos processos cognitivos e à interação como fundadora de todo gesto interpretativo humano. Assim como Bakhtin, ele concebe a ação humana como derivada da interação. Dentro desse viés de raciocínio, em que a linguagem é tida como constituinte da cognição, o interesse desse estudo volta-se, mais especificamente, para a questão da inferência e argumentação em sala de aula, entendendo essas questões como fenômenos lingüístico-dialógicos.

Baseando-se na perspectiva teórica de Leitão na qual a argumentação é destacada como atividade discursiva, esta vem sendo estudada muitas vezes a partir do seu papel mediador como recurso ou estratégia de ensino, no qual se criam espaços de negociação particularmente propícios para a (trans)formação do conhecimento.

Alguns estudos têm focado na relação entre argumentação e inferência. (Pinto, 1995; Marcuschi, 1996; Santa-Clara e Spinillo, 2006). Inferências são definidas como um processo cognitivo específico, necessário e fundamental para a compreensão textual, pois é a partir dela que o leitor/ouvinte pode dar sentido ao que está lendo/escutando. O processo inferencial é o que vai permitir que o sujeito faça uma relação entre as partes do texto e dê coerência ao texto como um todo. A compreensão do texto é construída na produção de sentido que vai se estabelecendo entre o leitor/ouvinte e o texto e envolve tanto a capacidade inferencial do leitor, como diversas outras habilidades, sendo essas tanto cognitivas como lingüistas. Entretanto, esses estudos ora partem de uma concepção cognitivista, ora focalizam pontos de convergência entre esses dois processos.

Cavalcante (2006), em tese de doutorado, voltou-se para o estabelecimento de uma relação entre inferências de predição e argumentação onde concebe essa relação como de constutividade e indissociabilidade. A inferência de predição é um dos tipos de inferência considerada inerente ao processo de compreensão textual, a

qual está relacionada à capacidade de prever fatos futuros se baseando em indícios e relatos já disponibilizados. Baseando-se no estudo desta autora, parte-se do pressuposto de que a predição é uma atividade inerentemente argumentativa. Assim, ao realizar uma predição, o leitor negocia dialogicamente alternativas de fazer sentido ao texto até escolher uma hipótese de continuidade para tal. Essa negociação é constituída de pontos de vista, justificativas e oposições; e é a partir desta atividade de negociação de perspectivas que o leitor constrói e reconstrói sentidos para o que está lendo.

Tomando como pressuposto as idéias defendidas por essa autora, a hipótese deste trabalho foi de que, se predizer em situações em que existem múltiplas alternativas ‘convoca’ argumentação, é possível que contextos argumentativos (reflexivos) criados em situações de leitura/escuta sejam contextos privilegiados para desenvolvimento de capacidades de inferenciação. A atividade argumentativa funcionaria como um recurso epistêmico que favoreceria o desenvolvimento do processo inferencial de predição. Sendo assim, procurou-se investigar, especificamente, como o engajamento em uma atividade argumentativa pode estar favorecendo a emergência de novos sentidos para a criança (novas inferências e, consequentemente, novas compreensões acerca das leituras).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 LEITURA EM SALA DE AULA - UMA SITUAÇÃO PARTICULAR DE COMPREENSÃO TEXTUAL

O papel básico e fundamental da escola é ensinar a ler e escrever. Entretanto, ensinar o b-a-bá e formar pessoas aptas para decodificar letras a partir de práticas pedagógicas como o ditado, caligrafia e cópia de textos estão totalmente ultrapassadas. O intuito da nova pedagogia é a formação de leitores conscientes, críticos, capazes de uma convivência social num mundo dominado pela linguagem. (Freire, 1991)

Para a criança adquirir o hábito da leitura e para a formação de bons leitores, a narração de histórias é uma prática cotidiana nas escolas do ensino infantil. Mesmo antes de aprender a ler, as crianças adentram no mundo da leitura através da escuta de histórias lidas e narradas por outrem. Segundo Solé (2003):

Na educação infantil, âmbito no qual o trabalho por projetos, as oficinas e, de maneira geral, o enfoque globalizador estão bastante difundidos, encontramos um contexto excelente para o uso funcional da leitura. Implica também implementar atividades que estimulem o prazer de ler – como ler para as crianças – e que permitam experimentar o poder da leitura de nos transportar a outros mundos, reais ou imaginários. (p.73)

Desta forma, a conduta do professor no momento da elaboração e execução de uma tarefa de leitura pode facilitar ou dificultar a compreensão dos alunos, estimular ou desmotivar o seu interesse pela leitura. Solé (2003) diz ainda que “Aprende-se a ler vendo outras pessoas lerem, prestando atenção às leituras que estas fazem para outras pessoas, experimentando e equivocando-se, em um processo cujo resultado inicial será seguramente menos convencional do que o esperado, mas não muito diferente do que é produzido com outras aprendizagens” (p.72)

Solé (2003), citando Weaver e Resnick (1979), diz que “durante muito tempo, ler era o mesmo que declamar o texto impresso; ler significava leitura oral e aceitava-se que o texto tinha sido compreendido quando era pronunciado de forma clara e correta. As coisas começaram a mudar quando se abriu caminho para a compreensão” (p.22)

### 2.1.1 A compreensão textual numa abordagem dialógica

Diante do conceito de enunciado, trazido por Bakhtin, este autor define um texto como sendo a forma pela qual se constitui o pensamento, o sentido, o significado de alguém e que se manifesta numa situação e numa cadeia de outros textos. Desta forma, todo texto tem um autor, o qual produz sentido no ato de escrever. Entretanto, o ato de ler faz com que novos sentidos sejam gerados pelo leitor a partir daqueles enunciados. Bakhtin afirma que é impossível neutralizar a consciência de quem lê, de quem toma conhecimento de um determinado texto.

Um texto, tido no seu sentido mais amplo, é um enunciado e, como tal, é único e irreproduzível ao mesmo tempo em que tem uma interdependência dialógica com outros textos, passados, presentes ou futuros.

Todo texto, assim como o enunciado, ao ser criado, possui um destinatário, do qual o autor espera e pressupõe uma atitude responsiva. Segundo Aguiar (2004):

O percurso de um texto qualquer, do autor ao leitor é constituído por um movimento em que se desenvolvem complexas relações, na medida em que o texto instiga à leitura, à crítica e à transposição, gerando novas produções que se dão como réplicas e trélicas em um diálogo que fecunda novos sentidos, novos textos.

É no ato da leitura que, segundo Bakhtin (1997), “há sempre o encontro de dois textos, o que está concluído e o que está sendo elaborado em reação ao primeiro. Há, portanto, encontro de dois sujeitos, de dois autores.” (p.333) Assim, quando um texto está sendo lido, narrado, este já não é mais o mesmo texto, se transforma num outro. Por exemplo, na leitura em que se realiza na escola, a professora, ao ler, primeiramente realiza essa atividade com uma finalidade específica da situação e momento que se encontra; além disso, existe a forma de ler, a entonação gerada por ela, os comentários realizados, as pausas, as indagações, etc, especificidades as quais são influenciadas por fatores também próprios dela, como seus valores, seu conhecimento de mundo. Outro fator essencial é para quem se lê, quem são os destinatários desse texto. Todos esses aspectos estarão envolvidos na constituição de sentido pelo ouvinte.

Porém, ler e escutar nem sempre significa compreender. Para a compreensão de um texto, não basta decodificar a língua, é essencial ter noção do que é dito dentro do contexto de sua produção. “Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente.” (Bakhtin, 2006, p.137)

Uma vez que a linguagem é vista aqui como um ato comunicativo expresso pelo enunciado, “A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa... Toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçadamente a produz: o ouvinte torna-se locutor” (Bakhtin, 1997, p. 209).

Para Bakhtin, de acordo com Faraco (2003),

a compreensão não é mera experiência psicológica da ação dos outros, mas uma atividade dialógica que, diante de um texto, gera outro(s) texto(s). Compreender não é um ato passivo (um mero reconhecimento), mas uma réplica ativa, uma tomada de posição diante do texto. (p.42)

Todo ato de compreensão é necessariamente uma resposta, pois introduz o objeto em um novo contexto, contexto este potencial de resposta. Para ele: “compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra.” ( Bakhtin, 2006, p.137)

A compreensão pode, então, ser vista como um diálogo entre o leitor/ouvinte do texto com o autor deste e as demais vozes existentes nesse contexto. Com o método adotado no presente estudo, ao pedir para a professora interrompa a leitura de um texto e estimule a fala das crianças sobre como estão entendendo este texto, espera-se que essas vozes e esse diálogo de compreensão textual possam ser, em parte, explicitados.

Quando um texto está sendo lido, narrado, este já não é mais o mesmo texto, se transforma num outro. A professora, ao ler, além da entonação gerada por ela, também estão presentes seus valores, seu conhecimento de mundo. Além disso, a situação de produção interfere nessa leitura, quem são os ouvintes, a finalidade da atividade, etc. Esse novo texto, produzido nessa atividade dialógica que, como assim foi constituído, jamais se repetirá, é único.

O percurso de um texto qualquer, do autor ao leitor é constituído por um movimento em que se desenvolvem complexas relações, na medida em que o texto instiga à leitura, à crítica e à transposição, gerando novas produções que se dão como réplicas e trélicas em um diálogo que fecunda novos sentidos, novos textos. (Aguilar, 2004)

Desta forma, a compreensão dos sentidos do texto ultrapassa o que foi escrito pelo autor e se constitui com base, também, em toda a situação de leitura neste momento de sala de aula. A compreensão do aluno não está restrita apenas ao que está escrito no livro, mas a tudo que está sendo falado e significado neste momento.

Porém essa atividade cognitiva e lingüística de compreensão textual não ocorre de forma solta, não se pode compreender qualquer coisa a partir de um dado texto, o texto impõe limites para isso. É aí que entra o critério utilizado por nós de coerência textual.

### 2.1.2 Coerência Textual

A coerência textual é freqüentemente estudada pela lingüística textual, ciência que estuda a estrutura e o funcionamento dos textos, fundada na década de 60 na Europa. Não convêm a este trabalho fazer todo o retrospecto dos estudos de coerência textual, sendo adequado para este momento apenas uma definição desta.

Segundo Fávero (1997) o texto é “mais do que a soma dos enunciados que o compõem, sua produção e compreensão derivam de uma competência específica do falante – a competência textual.” (p.6) O texto é uma forma de manifestação do discurso, que é definido como uma passagem falada ou escrita que forma um todo significativo. Fatores da textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

Embora alguns autores vejam a coerência e a coesão como fenômeno único, imbricados, Fávero define a coesão como sendo de nível microtextual, referindo-se ao modo como os componentes do universo textual estão ligados entre si dentro de uma seqüência. Já a coerência, em nível macrotextual, refere-se ao modo como os

componentes do universo textual se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. “Assim, a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos”. (p.10) Este autor diz ainda que “A coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente”. (p.59)

Para Marcuschi (1985) a coerência está relacionada à conexão conceitual entre as partes do texto, já a coesão textual seria uma conexão seqüencial do texto, e ambas são de extrema importância uma vez que a compreensão não é um processo arbitrário. São esses processamentos lingüísticos que norteiam a compreensão do leitor de acordo com a intencionalidade do autor.

Spinillo e Martins (1997) dizem que “Dentre as diversas áreas do conhecimento relativas ao comportamento humano, a Psicologia Cognitiva surge como um enfoque que pode contribuir para fornecer uma visão de desenvolvimento quanto aos processos relativos ao estabelecimento da coerência.” Neste sentido, segundo as autoras, as investigações com crianças são de particular importância, quer sejam elas colocadas na perspectiva daquele que recebe um texto (compreensão), quer sejam elas colocadas na perspectiva daquele que constrói o texto (narrador).

## 2.2 O PAPEL DA INFERÊNCIA NA COMPREENSÃO

No estudo do papel das inferências na compreensão, as perspectivas cognitivistas parecem ser as que mais têm contribuído. É característico do cognitivismo conceber a compreensão textual exclusivamente (ou quase) por aspectos subjetivos (no sentido de ‘do sujeito’/leitor), processos cognitivos internos. Na explicação dos processos de compreensão/inferência, a ênfase parece toda posta em capacidades internas (do sujeito) de extração de informações do texto e do conhecimento de mundo. O leitor é retratado como ‘receptor’ (papel passivo).

Serra e Oller (2003):

A constante interação entre o conteúdo do texto – quer se trate de um relato romanceado ou da explicação de um fenômeno científico – e o leitor é regulada pela intencionalidade com que lemos o texto,

como também pela ativação de um conjunto de microprocessos que ajudam na compreensão significativa de nossa leitura. (p.35)

Inferir é um processo cognitivo que está diretamente relacionado à linguagem e é crucial no processo de compreensão textual. Além disso é uma habilidade adquirida, que se desenvolve com a idade, estando sujeita ao desenvolvimento cognitivo e às situações de aprendizagem. Segundo Santa-Clara & Spinillo (2006)

estabelecer inferências é atividade cognitiva responsável pela formação de sentidos e de uma representação mental organizada e coerente do texto, resgatando a não explicitude das informações nele vinculadas. (...) É através delas que as informações textuais e as informações derivadas do conhecimento de mundo do receptor do texto (leitor ou ouvinte) se integram e se conectam em uma representação mental coerente.

Kintsch (1998) foi um grande inspirador dos estudos de base cognitiva sobre compreensão textual. Para ele, compreender refere-se a formar conexões entre as idéias expressas no texto e o conhecimento prévio do leitor resultando num todo coerente. A representação do texto é construída sequencialmente. Seu modelo de Construção-Integração (CI), mais aceito na área, pretende explicar como as informações textuais e as informações de conhecimento de mundo do leitor se integram em uma representação mental coerente.

Na primeira fase o modelo mental é construído a nível local a partir do significado das palavras e das proposições. Na segunda fase o leitor adiciona novas informações, constrói sentidos e detecta as incoerências do texto através das informações textuais e da relação destas com seu conhecimento de mundo. Este modelo pressupõe duas instâncias, o texto-base (que é a representação baseada na integração das proposições explicitadas no texto) e o modelo situacional (onde a representação mental corresponde às elaborações do leitor, formadas a partir dos conhecimentos lingüísticos, experiências e conhecimento de mundo). A maioria das inferências é gerada durante a construção do modelo situacional.

Segundo este modelo o autor considera que na compreensão se apreende primeiro o significado e depois o sentido. Numa perspectiva dialógica, o leitor captura sempre o sentido (isto é, o significado em contexto), não parecendo fazer sentido, nesta perspectiva, pensar uma captura de significado 'puro'.

Além disso, esse autor separa as inferências em dois grupos a partir de sua origem – inferências intratextuais e extratextuais. (Kintsch, 1993, 1998). As inferências intratextuais derivam de conexões estabelecidas entre palavras, sentenças e proposições, garantindo a continuidade entre os diferentes ciclos de processamento do texto. As inferências extratextuais derivam de uma conexão entre aquilo que está explicitado no texto e o conhecimento de mundo do leitor, sendo acionadas informações prévias contidas na memória de longo prazo.

Entretanto, numa perspectiva dialógica, interno/externo (intra-/extratextual) não são categorias mutuamente exclusivas – quando se infere a partir do dado no texto (intratextual) o sujeito não ‘suspende’ os elementos contextuais (conhecimento de mundo, etc.); constrói sentido se apoiando também nestes. O mesmo pode ser dito em relação às inferências extratextuais.

Segundo Cavalcante (2006), as inferências podem ser classificadas de várias maneiras, e estas classificações são um tanto quanto confusas, pois não existe um consenso na literatura sobre tal aspecto. Não é objetivo deste trabalho discutir sobre as diversas classificações existentes sobre as inferências, até porque, tanto quanto se sabe, não parece haver sido produzida ainda uma teorização sobre tais processos na psicologia que se inspira no dialogismo. Sendo assim, ressalta-se que o recorte deste trabalho foi realizado nas inferências de predição pelos objetivos propostos anteriormente mencionados. Segundo Cavalcante (2006) “as predições são processos passíveis de desenvolvimento consciente pelos leitores, uma vez que estes elaboram hipóteses sobre a continuação do texto e são capazes de verbalizá-las.” (p.183)

### 2.2.1 Métodos de estudo dominantes sobre inferências de predição

Segundo Brandão e Spinillo (1998) a compreensão de textos tem sido investigada, de maneira geral, através de duas tarefas específicas: a reprodução (oralmente ou por escrito) de um texto (lido, ouvido, apresentado em gravuras); ou através de respostas a perguntas realizadas sobre um texto. Além disso, tarefas de reprodução são geralmente aplicadas de forma oral em crianças pequenas; enquanto que tarefas de perguntas são realizadas com crianças mais velhas e adultos, envolvendo leitura de textos.

Partindo da hipótese de que tarefas distintas possam avaliar diferentes mecanismos cognitivos e lingüísticos, essas autoras investigaram 40 crianças de classe média, as quais foram divididas em dois grupos de acordo com suas idades: 4 anos e 6 anos. As tarefas utilizadas foram: reprodução das histórias ouvidas e perguntas inferenciais sobre a mesma história. Verificou-se a progressão da precisão das respostas em função da idade e algumas dificuldades de compreensão em algumas partes dos textos.

Dessa forma, as autoras lançam, entre outras questões, as seguintes perguntas: seria possível investigar se crianças pré-escolares, que ainda não dominam a leitura, constroem inferências a partir de um dado texto? Como seria o desempenho de crianças pré-escolares em tarefas de respostas a perguntas inferenciais?

Em estudo recente, Spinillo e Mahon (2007) investigaram a compreensão de textos de crianças de 7 e 9 anos de idade em relação a três diferentes tipos de inferências estabelecidas durante a leitura de uma história: inferências causais, de estado e de previsão. O estudo investigou se a capacidade de crianças em estabelecer inferências durante a leitura de um texto varia em função da natureza da informação inferencial, e se essa capacidade se altera em função da idade/escolaridade.

Segundo as autoras a maioria das pesquisas na área adota uma metodologia em que após a apresentação do texto são feitas perguntas sobre ele (Brandão & Spinillo, 1998, 2001; Dias, Morais & Oliveira, 1995; Ferreira & Dias, 2002, 2004; Marcuschi, 1989; Oakhill & Yuill, 1996; Yuill & Oakhill, 1991). Esta metodologia denominada offline examina a compreensão após a leitura de todo o texto. O fato das perguntas serem feitas após a leitura impede que algumas facetas da compreensão sejam investigadas, como as inferências de previsão. (Spinillo e Mahon, 2007)

Elas falam então da metodologia on-line, a qual examina a compreensão durante a leitura do texto e não após, consistindo, basicamente, em uma leitura interrompida do texto, em que após cada passagem são feitas perguntas sobre o que foi lido até então ou sobre o que o leitor acredita que virá a seguir (previsão).

Investigou-se nesse estudo quarenta crianças de classe média, alunas de escolas particulares da cidade de Olinda, Pernambuco, as quais foram divididas em dois grupos: alunas da 1ª série do ensino fundamental com idade média de 7 anos e

2 meses; e alunas da 3ª série do ensino fundamental com idade média de 9 anos e 4 meses.

Através da metodologia on-line, as autoras verificaram que as inferências de previsão envolvem informações extratextuais e requerem a formulação de hipóteses sobre a continuidade da narrativa; gerando nas crianças certa dificuldade em prever eventos que estão para acontecer. Concluiu-se que a capacidade de estabelecer inferências durante a leitura de um texto varia em função da natureza da informação inferencial solicitada; e que esta capacidade se desenvolve com a idade.

Spinillo e Mahon (2007) discutem ainda o caráter inovador da metodologia on-line e sua relevância para a pesquisa na área. Além da metodologia adotada, outros dois aspectos dessa pesquisa são importantes de serem considerados aqui: a classificação das perguntas realizadas para as crianças, que eram literais ou inferências; e as categorias propostas no sistema de análise dela, as quais eram divididas em:

Categoria I – não responde

Categoria II – A resposta era incoerente ou improvável.

Categoria III – A resposta era coerente ou provável.

As autoras definiram incoerente/coerente a partir dos seguintes critérios: As respostas incoerentes eram de caráter idiossincráticos, onde o investimento do conhecimento de mundo da criança era muito grande. Sendo as respostas consideradas desautorizadas, que extrapolam o sentido do texto (Marcuschi, 1989, 1996; Solé, 1998; citados por Spinillo e Mahon, 2007).

As respostas coerentes eram geradas a partir do conhecimento prévio do leitor e/ou a partir do texto, caracterizando-se pela reunião de informações do próprio texto e de conhecimentos não contidos no texto, porém associados a ele, as respostas mantinham uma conexão com a cadeia narrativa da história (Marcuschi, 1989; Solé, 1998; citados por Spinillo e Mahon, 2007).

O presente estudo baseou-se no método *on-line* citado por Spinillo e Mahon (2007) (e também utilizado por Cavalvante, 2006); e utilizou, nos procedimentos de análise, tanto a classificação das perguntas (divididas em literais e inferenciais)

como as categorias de coerência e incoerência. Os resultados dessas duas pesquisas citadas, os quais estão relacionados à idade das crianças, mostraram-se bastante relevantes para as investigações propostas aqui, uma vez que pretendia-se pesquisar a produção de inferências em crianças pré-escolares.

Até o momento, as inferências, e mais especificamente as inferências de predição, foram definidas como freqüentemente são estudadas na área da lingüística e psicologia cognitiva. Entretanto, este estudo se propõe a ver a predição de outra perspectiva, recentemente adotada e, portanto, muito pouco explorada, o dialogismo.

Na perspectiva dialógica sobre cognição/comunicação, o sujeito não parece ser o único aspecto a ser considerado/mencionado, nem o predominante, nem o que regula – subjetivamente (a partir de habilidades internas/competências) – a produção/compreensão do texto. Ele tanto regula, como é regulado pela linguagem (na qual o texto é indissociável das condições contextuais de sua produção/recepção). Esta segunda dimensão (situação) permanece ausente, ou subestimada e/ou separada da primeira (texto) nas perspectivas cognitivistas (da psicologia, na lingüística do texto, etc) – como se cada uma pudesse ser apreendida separadamente.

Neste aspecto, retoma-se as teorias de Vygotsky e Bakhtin aqui propostas inicialmente como estruturadoras deste trabalho. Para Vygotsky, a linguagem não apenas organiza ou estrutura as experiências, como é organizada ou estruturada por estas. Ao afirmar que o sentido das palavras é praticamente a origem da ação reguladora da linguagem sobre as ações simbólicas humanas, Vygotsky sugere que todo pensamento verbalizado é (auto) regulador.

Segundo Morato (2000) não se trata de algo puramente metacognitivo: a organização interna da linguagem é fundamentalmente estruturada pelas regularidades enunciativo-discursivas constitutivas das interações humanas. Segundo essa autora Vygotsky confere ao dialogismo um papel como elemento constitutivo dos processos cognitivos e à interação como fundadora de todo gesto interpretativo humano. Do mesmo modo como Bakhtin, ele concebe a ação humana como derivada da interação.

Assim, este estudo concebe a inferência de predição como uma tomada de posição, onde a criança vai produzir sentidos de acordo com sua unicidade, con-

siderando o momento histórico e as situações específicas em que se encontra, o que confere a cada inferência de predição um atributo singular. Baseando-se nos estudos de Cavalcante de que as inferência e a argumentação são co-constitutivas, faz-se necessário discorrer um pouco sobre a noção de argumentação para atingir sua relação com os processos inferenciais.

## 2.3 ARGUMENTAÇÃO E INFERÊNCIA

### 2.3.1 Noção de Argumentação

Segundo Leitão (1996) “o estudo psicológico do raciocínio tem se apoiado sobretudo numa tradição normativa que adota sistemas dedutivos formais como critério de correção na avaliação do raciocínio de indivíduos” (p. 11), o que corresponde à concepção de argumento a partir da lógica formal, onde existem premissas as quais dão suporte para uma conclusão.

Leitão (1996) diz que

Na psicologia e na educação o interesse pela atividade argumentativa coincide com o surgimento da idéia de argumentação como um modelo básico que o raciocínio assume em parte substancial do pensar cotidiano dos indivíduos (Billig, 1987) e como um recurso fundamental de que estes se utilizam na construção do conhecimento (Johnson, 1991; Miller, 1987; Pontecorvo, 1987). (citados em Leitão, 1996, p. 45)

A noção de argumentação que o presente trabalho se ancora é a proposta por Leitão (1999, 2003, 2007). A partir dos limites e críticas realizadas a teorias tradicionais nos estudos sobre argumentação (Toulmin; Billig; Van Eemeren, Grootendorst e Henkemans, etc) Leitão enfatiza um novo olhar sobre esta, definindo cinco dimensões constituintes da argumentação (dialógica, dialética, epistêmica, social e cognitiva) e propondo um modelo metodológico para estudos na área, o qual apresenta como unidade de análise três elementos: argumento, contra-argumento e resposta. Nesta perspectiva a argumentação é definida como:

uma atividade social e discursiva na qual pontos de vista divergentes são negociados com vistas ao convencimento último do interlocutor. (...) A argumentação é uma atividade de natureza eminentemente **dialógica**, onde uma multiplicidade de perspectivas se inter cruzam e respondem umas as outras. (Leitão e Ferreira, 2006, p.237)

Desta forma, a argumentação é vista como “um processo de negociação de perspectivas que envolve a construção, avaliação e reconstrução de significados e que tem no diálogo o seu lócus privilegiado e prototípico.” (Leitão, 1999).

É importante ressaltar que a multiplicidade de perspectivas e o caráter dialógico não necessariamente requerem dois ou mais indivíduos, uma vez que a o diálogo pode acontecer em um mesmo indivíduo, quando ele pensa sobre duas ou mais questões. Bakhtin (citado em Faraco, 2003) diz que o diálogo (no sentido de conversa ou turnos de falas entre duas ou mais pessoas) é um tipo simples de relação dialógica, uma vez que estas são muito mais amplas, variadas e complexas. Essas relações dialógicas são definidas por ele como sendo relações de sentido que se estabelecem entre enunciados. A argumentação é vista aqui como uma relação dialógica, seja ela uma relação face-a-face ou não. O que está sendo levado em conta é a pluralidade de perspectivas (ou vozes) que se expõem através de enunciados e interagem numa situação de disputa e/ou negociação.

Leitão e Ferreira (2006) dizem ainda que “para que o discurso se caracteriza como argumentação, mais do que a existência de múltiplas perspectivas é requerido – é preciso que entre estas se estabeleçam relações de oposição, o que confere ao discurso argumentativo uma **dimensão dialética**.” (p. 237). O conflito produzido pela oposição entre pontos de vista diferentes vai ser o propulsor da atividade argumentativa, pois é se deparando com uma opinião contrária que o argumentador poderá repensar sobre suas perspectivas, procurando justificá-las e/ou reformulá-las.

Além da natureza dialógica e do caráter dialético inerentes na concepção de argumentação aqui proposta, existe ainda a **dimensão epistêmica**. Leitão (2003) diz que existe, na argumentação, um espaço de negociação que favorece a emergência e a transformação de perspectivas. Uma vez que diferentes pontos de vista estão sendo colocados em contraposição, seus “defensores” precisam justificar e revisar seus conhecimentos acerca do tema debatido a fim de “ganhar” a disputa discursiva. Esse tipo de atividade confere à argumentação uma dimensão epistemi-

ca, o que a torna um recurso privilegiado de mediação em processos de construção de conhecimento.

A argumentação é ainda definida pela sua **dimensão social e cognitiva**. Social porque sua estrutura e funcionamento são sensíveis à situação social que é produzida, onde tanto o contexto quanto a audiência, ou o outro proponente, interferem diretamente na atividade argumentativa; e cognitiva porque várias formas de raciocínio estão envolvidas no processo argumentativo, como enumera Leitão (1996):

1. Planejamento, monitoramento e avaliação do processo e do produto da argumentação.
2. Geração e/ou seleção de um ponto de vista a ser defendido, de elementos de apoio a este e antecipação de possíveis objeções.
3. Organização de uma estrutura argumentativa que explicita relações entre os conteúdos gerados.
4. Formulações ou transformações de pensamento em linguagem
5. Outras habilidades comuns ao processo de produção de fala, como processamento de informação, recurso à memória, habilidades de raciocínio, etc.

Além do modelo teórico proposto por Leitão, esta define como unidade de análise a tríade Argumento, Contra-argumento e Resposta. O **argumento** é composto de um ponto de vista de um proponente e uma justificativa que dê sustentabilidade a este ponto de vista. O **contra-argumento** é um ponto de vista contrário ao ponto de vista inicial, que vai produzir a situação de confronto. Já a **resposta** refere-se à reação do proponente à oposição estabelecida. Esta pode ser de aceitação (total ou parcial) ou refutamento.

Apenas a partir desses três componentes vai ser possível investigar o processo argumentativo como gerador de mudança de perspectivas, no seu caráter dialógico/dialético proposto aqui. É através da resposta gerada pelo confronto argumento/contra-argumento que se pode ter acesso à mudança ocorrida no pensamento do argumentador.

### 2.3.2 Argumentação e Inferência

Tanto quanto se sabe, poucos estudos se propõem realizar uma relação entre argumentação e inferência.

Pinto (1995) reflete acerca do papel do argumento no desencadeamento das inferências que levam à conclusão deste. Para este autor a inferência é uma ação ou evento mental que leva à conclusão a partir de um conjunto de premissas ou evidências. Já a argumentação é definida como um evento social entre duas ou mais pessoas, onde o argumento é um conjunto de premissas oferecidas pra induzir alguém a aceitar uma conclusão. A hipótese central do seu trabalho é de que o argumento propiciará o desencadeamento de inferências: “If I am right, then, arguments are invitations to inference” (p. 276) A inferência é uma espécie de raciocínio que é desencadeado por argumentos.

Para Marcuschi (1996) a argumentação favorece a compreensão textual, possibilitando uma maior reflexão sobre os processos inferenciais envolvidos na compreensão textual. Segundo este autor o texto não é concebido como um produto acabado, ele impõe limites na sua compreensão, por este motivo se trata de um evento comunicativo e precisa existir uma coerência entre o que está dito no texto com aquilo que se infere em suas entrelinhas (sentido construído pelo leitor). Cabe ao leitor, então, ao realizar previsões, testar e escolher justificações e respostas coerentes com os dados que lhe são fornecidos. Desta forma, ao realizar a predição, o leitor está argumentando com as vozes dialógicas que emergem na medida em que lê.

Santa-Clara e Spinillo (2006) realizam uma reflexão sobre a relação entre inferência e argumentação, pontuando algumas características comuns entre ambos os processos. Essas características seriam o envolvimento de premissas e conclusões, a natureza situacional, a natureza dialógica e a previsão. Para essas autoras, tanto o inferir quanto o argumentar requerem a elaboração de premissas e conclusões, porém esses processos são tratados de forma separada.

Este estudo, assim como o de Cavalcante (2006), difere de Pinto quanto ao conceito de argumentação e quanto ao papel da argumentação na constituição das

inferências. Aqui os movimentos argumentativos não são apenas desencadeadores de inferências, mas fazem parte do processo inferencial, constituem as inferências de predição.

Assim, toma-se como referência a proposta de Cavalcante (2006), na qual ela indissocia a relação entre inferência e argumentação. Para a autora o processo de compreensão de texto é constituído dialogicamente e a constituição da inferência de predição é inerentemente argumentativa. Assim, ao realizar uma predição, o leitor negocia dialogicamente alternativas de fazer sentido ao texto até escolher uma hipótese de continuidade para tal. Essa negociação é constituída de pontos de vista, justificativas e oposições; e é a partir desta atividade de negociação de perspectivas que o leitor constrói e reconstrói sentidos para o que está lendo.

O estudo de Cavalcante teve como objetivo analisar micro-analiticamente o processo de geração de inferências de predição. Para tanto foi realizada uma atividade de continuação de uma história com 07 leitoras universitárias, com idades entre 20 e 23 anos, que cursavam fonoaudiologia numa universidade particular de Recife. A atividade de leitura foi realizada individualmente com cada uma dessas participantes as quais eram solicitadas a responderem oralmente a questões que apareciam no decorrer do texto (teste de compreensão *on-line*)

Os resultados mostraram que as inferências preditivas possuem natureza essencialmente argumentativa, onde todas as operações argumentativas permitiram a constituição das inferências de predição a partir de uma atividade de negociação de perspectivas. Essas operações argumentativas apareceram em paralelo com as inferências, mas sim imbricadas na sua constituição. É partindo destes resultados que este estudo se propõe a investigar a relação entre inferência de predição e argumentação em situações de leitura e compreensão textual de crianças em sala de aula.

### 3 MÉTODO

O método refere-se a um conjunto de técnicas utilizadas por um pesquisador para capturar o fenômeno desejado. Este, ao ser adotado, precisa estar concernente com o referencial teórico-metodológico no qual a pesquisa baseia-se. Uma vez que este trabalho tem como base a noção de desenvolvimento sócio-histórico de Vygotsky, na qual a linguagem é tida como um recurso semiótico, dialógico, o método adotado deverá então ser sensível às dimensões cultural, histórica e semiótica no estudo do funcionamento humano.

O objetivo geral desta investigação é compreender melhor como se dá a geração de inferências de predição em atividades de compreensão de textos por crianças de aproximadamente cinco anos, ainda não leitoras, no contexto de sala de aula. Especificamente, deseja-se investigar se, e de que maneira esse processo de inferenciação pode ser facilitado pela implementação de atividades de reflexão (argumentação) durante o referido processo. Parte-se da hipótese de que, num ambiente rico em atividade argumentativa a produção de inferências de predição se tornará mais recorrente e estas serão mais coerentes, e desta forma, possam promover um melhor processo de compreensão textual.

#### 3.1 PARTICIPANTES

Fizeram parte da pesquisa os alunos de uma turma de uma escola particular de Recife, com idades entre 4 e 5 anos, e a professora destes. A série escolar foi a denominada Infantil IV, na qual as crianças estão em fase de pré-alfabetização. A turma contava com 19 alunos, entretanto de 4 destes não se obteve autorização dos pais para que participassem da pesquisa. Sendo assim, participaram deste estudo 15 crianças, sendo 7 meninas e 8 meninos. Ressalta-se que nem todas estavam presentes em todos os momentos da construção dos dados.

#### 3.2 PROCEDIMENTO DE CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Realizou-se registros videográficos de dez sessões de leitura de histórias, pela professora, em sala de aula, as quais aconteceram em dias diferentes e previamente combinados com a professora, num período de aproximadamente quatro semanas. A vídeo-gravação foi realizada pela própria pesquisadora, durante a qual participou apenas como observadora do contexto de sala de aula.

Para tanto, foi necessário obter inicialmente a autorização dos pais, diretoria e professora, envolvidos diretamente na pesquisa. Com a autorização da escola, foram formulados os Termos de Consentimento, tanto para os pais e/ou responsáveis pelas crianças, quanto para a professora que participaria da pesquisa, nos moldes exigidos pela Resolução 196/96 CNS/MS relativa aos procedimentos éticos na pesquisa com seres humanos. Após o aval do comitê, os termos de consentimento foram encaminhados para os pais, através da agenda escolar dos alunos, junto com uma carta a qual explicava informalmente a pesquisa. Dos 19 termos enviados, 12 retornaram até o início previsto do estudo. Desta forma, a pesquisa iniciou-se com o comprometimento de que, embora todos os alunos participassem de todas as atividades vídeo-gravadas, não se utilizariam dados das crianças que não tivessem as devidas autorizações. No final do período de construção dos dados, foram novamente enviados Termos de Consentimento, para os pais que não os haviam retornado no primeiro envio, juntamente com uma nova carta, informal, na qual se enfatizava a importância da participação dos alunos nessa pesquisa. Três destes retornaram assinados, havendo, portanto, ao final, uma perda de quatro crianças, as quais não tiveram autorizações e cujos dados não foram, portanto, incluídos no estudo.

### 3.2.1 Planejamento da atividade

As situações definidas para capturar o fenômeno investigado foram os momentos de leitura de histórias, atividade recorrente na sala de aula. O método utilizado foi a denominada *compreensão on-line* a qual, segundo Mahon e Spinillo (2007), consiste na leitura interrompida do texto, sendo feitas perguntas inferenciais sobre cada passagem lida e sobre o que o leitor acha que virá a seguir. Segundo as autoras, o método on-line é o que melhor permite investigar as inferências de predição, pois captura o processo durante a situação de leitura. Esse método procu-

ra fazer com que um processo cognitivo seja externalizado através da fala, tornando-se consciente e lentificado para que seja estudado.

Sendo assim, numa primeira conversa com a professora, foi pedido que esta, ao ler histórias para as crianças, o fizesse como de habitual, acrescentando, porém, algumas pausas, em partes selecionadas a seu critério, e perguntas às crianças sobre o que elas achavam que iria acontecer a partir daquele momento. A escolha dos textos ficou igualmente a critério da professora, enfatizando-se apenas que era importante que as crianças não conhecessem as histórias, uma vez que precisariam criar hipóteses sobre seus acontecimentos. Não foi questionado à professora o que a mesma fez para atender a esse critério, sabe-se que alguns livros foram trazidos pela mesma e outros faziam parte do próprio acervo da escola. Em algumas histórias lidas um ou dois alunos demonstraram já conhecer o texto, nestas situações suas predições não foram incluídas nas análises.

As histórias eram lidas diretamente do livro, com as crianças sentadas em semicírculo (com exceção de uma delas na qual as crianças estavam nas mesinhas da sala de aula). Desta forma as crianças tinham acesso às figuras do livro, tanto da capa quando as demais, que eram mostradas pela professora no momento da leitura. Isto eventualmente serviu como fatores contextuais extra-verbais de base para as inferências feitas.

Na tabela abaixo se encontram listados os títulos das histórias, na seqüência em que foram lidas e suas respectivas fontes.

As filmagens foram todas realizadas pela própria pesquisadora a qual foi apresentada anteriormente às crianças pela professora, que explicou o que ia acontecer e mostrou a câmera. As crianças não demonstraram nenhum estranhamento nem timidez diante da situação, parecendo agir de forma natural. Não foi utilizado o tripé, a pesquisadora se posicionava num canto da sala de aula fora do semicírculo, com a filmadora na mão.

Nas duas primeiras filmagens, percebeu-se que a professora não estava conseguindo realizar a atividade, fazendo sempre perguntas sobre o que já havia acontecido (passado) e não sobre o que iria acontecer (futuro). Foi, então, explicado novamente o intuito da pesquisa, sempre com a preocupação de não dizer que a professora estava fazendo errado, mas enfatizando junto a ela a necessidade de

acrescentar novos questionamentos que demandassem das crianças a realização de inferências preditivas. A partir da terceira filmagem, a professora começou a incentivar a predição.

Na quarta história a professora foi orientada a implementar a argumentação nas pausas da leitura, sempre que, durante a realização das predições, mais de uma hipótese de continuidade da história fosse levantada pelas crianças. A partir daí, a professora, além de estimular a inferência de predição, estimularia ainda a apresentação de justificativas para as predições feitas, o levantamento (quando cabível) de contra-argumentos/oposições para hipóteses formuladas e resposta, pelo proponente de uma hipótese, às oposições eventualmente formuladas à sua idéia, por outras crianças ou pela professora. Durante a leitura de seis histórias esse mesmo procedimento foi adotado. Na décima e última situação de leitura gravada, foi pedido à professora que não estimulasse mais a argumentação, voltando a agir de modo semelhante ao que fizera na terceira sessão da atividade proposta.

Nome da História	Referência
Cocoricó: seres vivos	(Não foi encontrada a referência deste texto)
O corvo que quis imitar a águia	Coleção: FABULAS DE LA FONTAINE Autor: La Fontaine, Jean de Tradutor: Belli, Roberto Editora: Todo Livro 1ª Edição - 2005
O caçador	Coleção: BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS Autor: Leitura Editora: Leitura 1ª Edição - 2006

O leão e o camundongo	<p>Coleção: FABULAS DE LA FONTAINE          Autor: La Fontaine, Jean de          Tradutor: Belli, Roberto          Editora: <i>TODOLIVRO</i></p>
Saci, o amigo da floresta	<p>Coleção: FESTA NA FLORESTA          Autor: Lufe          Organizador: Lazzaroti, Ronaldo          Editora: Leitura          1ª Edição - 2004</p>
O boto cor de rosa	<p>Coleção: FESTA NA FLORESTA          Autor: Lufe          Organizador: Lazzaroti, Ronaldo          Editora: Leitura          1ª Edição - 2004</p>
O palhacinho de corda	<p>Coleção: ANA E PEDRO          Autor: Rodrigues, Anna Maria          Editora: Villa Rica Editora</p>
Lalá, a latinha de lixo	<p>Autor: Miranda, Socorro          Ilustrador: Lixo, Wamberto          Editora: Edições Bagaço 1ª Edição</p>
Fantasma	<p>Coleção: MONSTRINHOS          Organizador: Teles, Raquel          Editora: Leitura          1ª Edição – 2006</p>
Monstro	<p>Coleção: MONSTRINHOS          Organizador: Teles, Raquel          Editora: Leitura          1ª Edição – 2006</p>

## 4 RESULTADOS

### 4.1 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Pode-se dizer que a análise dos dados foi realizada em três etapas: transcrição, micro-análise e macro-análise. No momento da transcrição dos dados, alguns aspectos começam a ser percebidos pelo pesquisador, destacando-se dos demais. Além disso, é nesse momento que acontece toda a organização estrutural dos dados, o qual perpassa por escolhas e interpretações do pesquisador.

Na transcrição procurou-se passar para o papel as falas das crianças e professora literalmente como ocorreram, com repetições, erros gramaticais, pausas e entonações (ver anexos X – Y). Para tanto, foram utilizados alguns sinais conversacionais, alguns deles baseados nos propostos por Marcuschi (1999). São eles:

Falas inaudíveis: ( )

Falas interrompidas: /

Pausa: [...]

Leitura do texto: “entre aspas”

Comentários contextuais do Analista: (MAIÚSCULO, ENTRE PARÊNTESES)

Ênfase ou acento forte: LETRAS MAIÚSCULAS

As histórias foram enumeradas de 1 a 10, de acordo com a ordem em que foram lidas. Os turnos de falas de cada participante foram numerados de 1 ao número correspondente à quantidade de turnos de falas ocorridos na leitura de cada história. Quando um determinado trecho da leitura de história foi apresentado na análise, este foi identificado com o número da história a qual pertence seguido do sinal / e dos números relativos aos turnos de fala contidos no trecho em questão. Por exemplo:

*2/45 Professora: Por que ele tava com tanta inveja da águia, Henrique?*

2/46 Henrique: *Porque ele queria imitar, a águia.*

2/47 Professora: *Ah, porque ele queria imitar. E porque ele queria imitar, hein?*

2/48 Marcos: *Por que ele tava com muita fome.*

Neste trecho, o número 2 refere-se ao número da história “O corvo que quis imitar a águia”, que foi a segunda contada às crianças. Já os números 45, 46, 47 e 48 referem-se aos turnos de fala durante uma das interrupções/discussões havidas durante a leitura desta história.

Procurou-se também transcrever ações não-verbais realizadas durante as gravações, como gestos e outros movimentos individuais ou grupais. Todos os nomes utilizados nas transcrições dos dados são fictícios, a fim de preservar a identidade dos participantes.

Após transcritas, as histórias foram organizadas em tabelas, onde a primeira coluna contém o transcrito, a segunda coluna a análise das inferências e a terceira coluna a análise da argumentação (análises estas referentes à segunda etapa deste procedimento). As falas que não tiveram análise nas tabelas foi porque não se detectou nenhuma ação verbal importante para o estudo neste momento.

Além disso, os transcritos foram divididos em tópicos temáticos a fim de facilitar a micro-análise das ações discursivas dos participantes, pois a medida em que a professora lia uma parte da história e dava a pausa para discutir determinado assunto, vários temas surgiam durante uma mesma narrativa. Entretanto, os tópicos temáticos fazem parte de uma mesma situação de produção, ou seja, eles se ramificam de uma mesma situação de produção e, portanto, foram analisados como um todo.

Um tópico foi definido como um conjunto de elementos direcionados para um mesmo tema. Ele geralmente se inicia com uma pergunta por parte da professora, após interrupção na leitura de alguma parte da história ou a partir de algum assunto trazido por algum aluno. Sua duração é variável de acordo com o desenrolar da discussão. O término ocorre quando a professora dá a discussão do tópico por encerrada e volta à leitura do texto, ou quando outro tema entra em pauta. Entretanto, é importante dizer que nem sempre os tópicos aparecem ‘em bloco’, numa mesma se-

qüência de turnos de fala Estes podem se misturar, acontecendo por vezes de um tema discutido no início da leitura de uma narrativa voltar no meio ou final desta; ou que dentro de um tópico surjam uma ou mais discussões de diferentes naturezas temáticas. Outra possibilidade é que uma fala pertencente a um tópico pode dar surgimento a outro tópico.

Uma última observação a fazer nesta introdução à apresentação das análises: apesar da palavra “estímulo” ser bastante utilizada nas análises, este uso remete a ações discursivas da professora a qual procura provocar outras ações discursivas responsivas dos alunos; tal uso nenhuma relação tem, portanto, com as concepções behavioristas de estímulo-resposta.

A segunda etapa da análise dos dados refere-se à uma micro-análise do discurso dos alunos e da professora nas situações de leitura das histórias, com o objetivo de observar qualitativamente as produções discursivas destes participantes através do método on-line de produção de inferências com e sem o estímulo à atividade argumentativa.

A Terceira etapa trata-se de uma análise quantitativa dos elementos discursivos de todas as situações de leitura das histórias (macro-análise), ilustradas numa tabela, com o objetivo de delinear padrões de comportamento a partir dos quais possam ser levantadas hipóteses desenvolvimentistas.

## 4.2 MICRO-ANÁLISE

O objetivo desta análise foi observar o discurso dos participantes nas situações propostas pelo estudo, ou seja, o que ocorreu nos três momentos de construção dos dados. Analisou-se então:

1. A produção de inferências de predição por parte das crianças;
2. A produção de argumentos, justificativas, oposições e respostas por parte dos alunos e da professora;
3. Outras ações discursivas que porventura tenham ocorrido nestes momentos (outros tipos de inferências, digressões, etc).

Faz necessário deixar claro que os mesmos enunciados são analisados sob o ponto de vista inferencial e argumentativo. A fala é tida como ação discursiva e um mesmo enunciado pode estar realizando duas ou mais ações ao mesmo tempo.

#### Identificação e Análise das Inferências:

Na primeira parte da micro-análise foram identificadas todas as inferências que foram realizadas nas situações de produção. Ressalta-se que, para o objetivo deste trabalho, apesar de todas as inferências serem identificadas, o foco da análise recai sobre as inferências de predição, assim, as demais não foram classificadas.

Como dito anteriormente, a definição de inferência de predição, adotada no presente estudo, é que esta se refere a um processo cognitivo de antecipação de informações; ou seja, a partir dos elementos textuais (senso estrito) e extratextuais (contextuais) que vão sendo dados ao sujeito (leitor, ouvinte ou espectador) no curso da leitura/fala, este vai criando sentidos e antecipando o que está por vir no texto, conectando essas informações com o seu conhecimento prévio de mundo.

Com base na idéia acima, foram inicialmente identificadas todas as predições feitas em voz alta pelas crianças a partir dos indícios que eram disponibilizados pela professora durante o ato de contar uma história. Além de identificadas, as predições foram também analisadas de acordo com a sua coerência e se surgiam em resposta à estimulação imediata da professora, ou não (espontaneamente, a partir de estimulação por parte de colegas).

O critério “coerente”/“incoerente” foi determinado a partir do conceito de coerência formulado na lingüística, o qual determina uma continuidade de sentidos, como já referido anteriormente no capítulo 1. Sabe-se então que a coerência do texto é estudada tanto com relação a quem constrói o texto, como com relação a quem recebe esse texto e o interpreta. Nesse caso, o nosso foco recai sobre a coerência de quem lê ou ouve o texto, uma vez que estamos analisando a coerência das crianças ao produzirem inferências para os textos que estão sendo narrados para elas.

No caso presente, a coerência aqui pensada refere-se à produção de predições cujos sentidos sejam factual e conceitualmente compatíveis, defensáveis

à luz dos elementos dados numa história lida num dado momento (no texto, num sentido estrito), com as demandas e características do contexto no qual aquele texto está sendo lido, bem como com o conhecimento de mundo de quem o escuta (crianças).

Além do explicitado acima, para a análise da coerência das inferências, levou-se em consideração também uma das proposições-chave do dialogismo bakhtiniano (teoria de linguagem que serve de referência ao presente estudo), segundo a qual todo enunciado é um elo numa cadeia de produção de sentido: é formulado para alguém e instiga sempre, neste outro (presente ou não na situação imediata de sua produção), uma atitude responsiva. Diante disto, a atitude responsiva dos outros participantes presentes na situação de leitura de histórias (professora, colegas), quando uma determinada inferência era proposta, tornou-se relevante como critério de avaliação da coerência/incoerência daquela. A reação/resposta da professora e/ou dos demais alunos auxiliou-nos na análise de uma possível coerência ou incoerência de uma inferência – ou seja, do que, naquele contexto específico de leitura era tratado como coerente. Dois breves exemplos dos procedimentos de micro-análise realizados são dados abaixo:

- Inferência de predição coerente

*História 3: O caçador. Tópico 4: “O que Lucas vai fazer depois de ter atingido o pássaro”*

*3/39 Professora: “Lucas, muito triste também, joga sua espingarda fora, pois fica muito triste porque atingiu o pequeno pássaro.” O que será que eles vão fazer agora, Ricardo, depois que eles foram embora?*

*3/52 Matheus: Eu sei, ele vai lá pra floresta ficar chorando*

*3/53 Professora: Ele vai lá pra floresta ficar chorando. Vamos ver. “Vamos pra casa, Lucas’. Ele logo se recupera: ‘Tá bom irmãzinha, nunca mais brincarei com essa espingarda, pois pode machucar outros seres vivos’”. E aqui acabou a história.*

A resposta de Matheus foi considerada coerente, pois, apesar de não ter acontecido, é uma possibilidade viável, já que Lucas não fez por querer e ficou muito triste por ter acertado o pássaro com a sua espingarda. Com relação à reação da professora, esta não demonstrou nenhum estranhamento nem oposição à inferência de Matheus, apenas dando continuidade à história para ver se essa possibilidade aconteceria ou não.

- Inferência de predição não-coerente

*História 4 “O Leão e o Camundongo”. Tópico 5: “Como o camundongo pode soltar o leão da rede”*

*4/63 Prof: Como será que ele ( o camundongo) tirou ele (o leão) da armadilha?*

*4/74 Bianca: Puxando.*

*4/75 Professora: Puxando? E você acha que ele teria força suficiente pra puxar ele de lá?*

Neste caso, a inferência de Bianca, logo à primeira vista, mostra-se incoerente com os indícios disponibilizados pelo texto, o qual fala de dois personagens díspares com relação a tamanho, força e natureza instintiva: um leão e um camundongo. A reação da professora, de estranhamento e oposição à resposta da aluna (questionando-a sobre a mesma) legítima, pragmaticamente, o movimento analítico de atribuição de incoerência; deixa perceber que, no próprio contexto em que a predição em questão foi enunciada/produzida, foi recebida como tal.

### Identificação e Análise dos Elementos Argumentativos

Um segundo aspecto destacado na análise de dados foi o contexto argumentativo em que as predições foram produzidas. Os elementos argumentativos focalizados baseiam-se naqueles definidos por Leitão (1999, 2003, 2007): pontos de vista, justificativas, oposições e respostas. Um ponto de vista é um posicionamento do sujeito diante de algo. Considerando-se o ambiente em que os pontos de vista foram produzidos (sala de aula) e a atividade em meio à qual foram gerados (dirigida

pela professora que, deliberadamente, no sentido de estimular as crianças a sucessivas tomadas de posição (na forma de predições) não gera qualquer surpresa que, em quase todas as situações argumentativas analisados, os pontos de vista emergiram diante de um questionamento realizado pela professora. O ponto de vista será doravante referido (muitas vezes) como PV. O segundo elemento argumentativo destacado na análise – a justificativa – é o que vai dar suporte a esse ponto de vista. Nas análises aqui realizadas, a justificativa dada ante uma inferência é também elemento crucial à atribuição de coerência/incoerência a uma dada predição; ela aponta para elementos que a criança julga capazes de dar sentido (coerente) a uma predição feita. O terceiro elemento, a oposição, é definida como qualquer enunciado (ou gesto) que tem como ‘colocar em xeque’ um determinado ponto de vista. A oposição pode ser explícita ou implícita. A resposta, finalmente, é a reação do proponente de um ponto de vista a uma oposição levantada em relação a ele.

Alguns operadores argumentativos, que dão suporte à identificação dos elementos argumentativos, baseados em Koch (2000), foram destacados durante a análise e nos deram suporte nesta. À semelhança do que foi feito anteriormente, um breve exemplo de análise dos elementos argumentativos aparece em seguida:

*História 9 “Fantasma”. Tópico 5: “Se o fantasma vai conseguir pegar a coruja”*

9/51 Professora: “...Fan deveria encontrar uma coruja, tirar as unhas da coruja e realizar um chá de pó de unha. A tarefa não seria nada fácil, mas Fan não desistiu.”

9/54 Professora: *Você acha que ele vai conseguir pegar uma coruja?(ESTÍMULO DA PROFESSORA PARA A FORMULAÇÃO DE PVs)*

9/55 Letícia: *Não (PONTO DE VISTA), porque (OPERADOR ARGUMENTATIVO QUE INTRODUZ UMA JUSTIFICATIVA) a coruja se assusta e ela voa. (JUSTIFICATIVA DO PV 1)*

9/59 Matheus: *Não, (OPOSIÇÃO AO PV 1) eu acho que ele vai pegar, (PV 2) porque fantasma voa também. (JUSTIFICATIVA DO PV 2)*

9/61 *Letícia: Mas (OPERADOR ARGUMENTATIVO QUE ORIENTA PARA CONCLUSÃO CONTRÁRIA) voa muito devagar. (RESPOSTA AO PV 2)*

A numeração dos elementos argumentativos está relacionada ao tópico temático em que estes se encontram. Por exemplo: um PV 4.1 significa que este ponto de vista é o primeiro do quarto tópico desta história, ou seja, é o primeiro ponto de vista sobre um determinado tema ou discussão.

Todas as dez histórias foram integralmente analisadas. Para efeito da apresentação de dados neste capítulo, porém, três delas (nº3, nº7 e nº10) foram selecionadas para uma análise mais detalhada e comentada das predições e discussões ocorridas no curso de sua leitura; as demais se encontram em anexo.

A primeira delas foi a história número 3, lida em classe pela professora quando esta ainda não havia sido instruída a estimular a argumentação entre os alunos. Foi-lhe pedido que lesse a história para os alunos da forma que costumava fazer no dia a dia, acrescentando apenas algumas pausas para perguntar o que eles achavam que ia acontecer após naquele momento (estímulo à inferência de predição). Esta história foi considerada a primeira na qual a professora conseguiu atingir o objetivo proposto, pois nas duas anteriores isso não foi verificado, a professora apenas lê o texto e faz perguntas literais, sobre o que já foi dito.

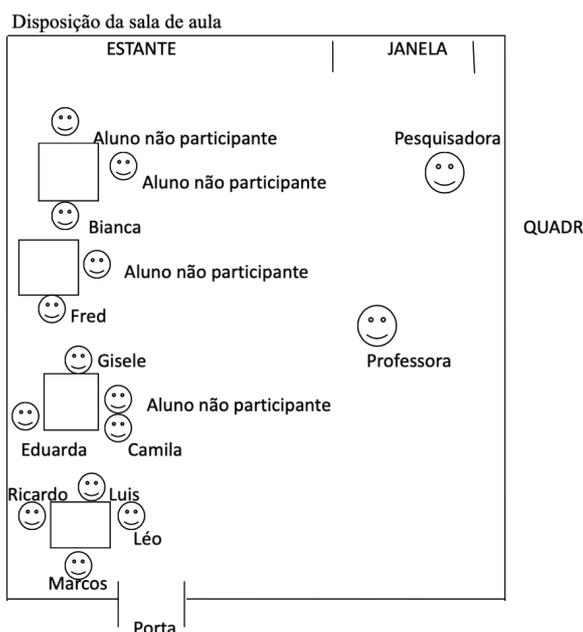
Das histórias de número 4 até a de número 9, a professora procurou estimular ao máximo tanto as inferências de predição das crianças, como as suas participações nas discussões sobre a narrativa (argumentação). Sendo assim, na escolha da segunda história para detalhamento da análise optou-se pela a de número 7 por se encontrar no meio deste intervalo e um momento no qual se considera que a professora atuava com desenvoltura prática na atividade proposta.

A terceira e última foi a história de número 10, na qual a professora foi instruída a retirar a ênfase na argumentação, procurando agir durante a leitura da história, de forma semelhante à adotada na leitura da história de número 3.

Nas análises comentadas destas três histórias, cada uma delas apresenta, de início, a forma como as crianças, a professora e a pesquisadora estavam dispostas em sala de aula. Logo após, encontra-se uma descrição da situação de sala

de aula e um pequeno comentário sobre a história do livro, para que em seguida, seja apresentado o transcrito e suas respectivas análises.

### História nº 3



**Descrição da situação:** Nesta situação, em especial, as crianças estavam sentadas nas suas bancas, e não em roda como nas outras histórias. Como foi estipulado que a pesquisadora iria interferir o mínimo possível na forma que a professora conduziria as situações de narrativa, essa arrumação não foi questionada e nem pareceu ter alguma influência na produção das crianças.

**Resumo da História:** A história escolhida pela professora tinha como título “O caçador” e contava sobre um menino que, ao passear com sua irmã, usa uma espingarda para brincar e termina atingindo, sem querer, um passarinho, o qual fica ferido. Sua duração foi de aproximadamente quatro minutos e quinze segundos.

## Tópico 1: “Discussão sobre o título do livro - O caçador”

<i>Transcrito</i>	<i>Plano Inferencial</i>	<i>Plano Argumentativo</i>
1. <u>Prof.</u> : Esse livro não tem um autor específico. Esse livro é da coleção: brinquedos e brincadeiras. O nome dessa história é “O caçador”. Se o nome da história é o caçador, você acha que essa história vai contar o que, Júnior?	<i>Pergunta Inferencial - Estimula uma inferência de predição</i>	<i>Estimula um PV</i>
2. <u>Júnior</u> : (DÁ OS OMBROS)		
3. <u>Prof.</u> : O nome é O caçador. E você, Ricardo?	<i>Insiste na demanda de inferência</i>	<i>Reforça o estímulo</i>
4. <u>Ricardo</u> : Eu acho que vai contar do caçador...	<i>Inferência de Predição Coerente</i>	
5. <u>Prof.</u> : E caçador de quê?	<i>Estimula uma inferência</i>	<i>Estimula PVs</i>
6. <u>Ricardo</u> : [NÃO DÁ PRA ENTENDER]		
7. <u>Prof.</u> : De quê?	<i>Repete a pergunta</i>	<i>Repete o estímulo</i>
8. <u>Ricardo</u> : De atirar.	<i>Inferência de Predição Coerente</i>	<i>PV 1.1</i>
9. <u>Prof.</u> : De procurar.		
10. <u>Marcos</u> : [Vira pra Ricardo como que para consertar o que ele disse] Procurar...		
11. <u>Prof.</u> : E você acha que vai procurar o que, <u>Fred</u> ?	<i>Pergunta Inferencial - Estimula novas inferência</i>	<i>Estimula novos PVs</i>
12. <u>Fred</u> : Um bicho.	<i>Inferência de predição (coerente)</i>	<i>PV 2</i>

<p><i>13. <u>Prof: Um bicho. Olha, você disse que ele ia procurar. Ele acha que ele ia procurar um bicho. Será que esse bicho vai estar onde? Na mata? Marcos? Vai estar onde esse bicho?</u></i></p>	<p><i>Aceita a inferência e estimula outras - Pergunta inferencial</i></p>	<p><i>Aceita o PV e estimula novos PVs</i></p>
<p><i>14. <u>Marcos: Na floresta.</u></i></p>	<p><i>Inferência de predição (coerente)</i></p>	<p><i>PV 3</i></p>
<p><i>15. <u>Prof: Na floresta. Vamos ver.</u></i></p>	<p><i>Aceita 'sob condição' a inferência</i></p>	<p><i>Aceita o PV</i></p>

No primeiro tópico a professora lê o título da história e, disponibilizando apenas o título como indício narrativo desta, utiliza-o como um elemento 'canalizador' de inferências. A partir das respostas da criança, ela mobiliza outros conhecimentos acerca do tema, perguntando sobre o que o caçador pode estar atrás e onde ele pode fazer isso.

Assim, a primeira ação discursiva da professora (turno 1) foi analisada como sendo um estímulo a uma inferência de predição, pois ela questiona o que está por trás da palavra "caçador", apela ao conhecimento de mundo das crianças, fazendo-as pensarem sobre as possibilidades do desenrolar da história.

A reação de Ricardo à pergunta da professora (turno 4), não gera uma inferência, pois ele está parecendo repetir o que já foi dito pela professora: que era uma história sobre um caçador. Um olhar mais atento permite, entretanto, perceber que com base no título da história e, possivelmente, em seu conhecimento desse gênero discursivo, Ricardo afirma que o texto 'vai contar do caçador' (da sua vida? suas aventuras?). Na medida em que a professora estimula que as crianças pensem sobre o tema, estas vão construindo sentidos para a palavra, começando a predizer o tipo de conteúdo que pode vir a ser apresentado num texto que é uma história e história de caçador. Esta primeira resposta de Ricardo parece predizer mais sobre o gênero [o tipo de conteúdo que pode aparecer numa história e numa história de caçador] do que sobre os acontecimentos da história.

Na seqüência, turno 8, o próprio Ricardo fala que a história do caçador pode conter ações como a de “atirar”. Aqui parece ter havido uma relação entre ‘caçador’ e armas e tiros, o que pode ser considerado coerente uma vez que para caçar algo é necessário uma arma e esta, no mundo em que vive Ricardo, relaciona-se na maioria das vezes, com armas de fogo. Talvez se Ricardo vivesse em outra cultura, indígena, por exemplo, sua resposta seria lança, arco e flecha ou alguma outra arma utilizada naquele contexto. A professora não entende a resposta de Ricardo, trocando a palavra “atirar” por “procurar”, e passa então a incorporar a inferência, entendida errada, à sua fala.

Fred, no turno 12, realiza igualmente uma inferência de predição. Utilizando-se, provavelmente, da informação de que a história vai falar de um caçador e, a partir do seu conhecimento de mundo sobre caçadores, diz que este vai estar à procura de um bicho. A professora parece aceitar essa inferência e provoca a elaboração da inferência indagando/fazendo-o pensar onde este bicho poderia estar para que o caçador pudesse procurá-lo.

Uma vez que a professora não refutou nenhuma das colocações anteriores, Marcos então, no turno 14, provavelmente com base nas informações de que a história trata de um caçador (dado no texto), que possuía uma arma de fogo (inferido) e que estava atrás de um bicho (inferido) sugere a possibilidade deste caçador estar numa floresta. Interessante observar como todas estas inferências de fato *precedem* a efetiva leitura do texto (à exceção do seu título).

A professora não rejeita a inferência de Marcos como sendo uma possibilidade como uma viável para o decorrer da história, entretanto coloca-a ‘sob condição’ da continuação do texto. Fazendo isso, ela parece estar informando às crianças, implicitamente, que – diferente do que seria uma ‘adivinhação’ ou mero ‘palpite’ – as inferências precisam ser legitimadas pelo próprio texto e por isso é preciso estar atento ao texto. Essa postura dela aparece freqüentemente ao longo das dez leituras.

No plano argumentativo, neste primeiro episódio ainda, apenas pontos de vista são formulados. Uma vez que a professora estimula as crianças a produzirem inferências, estimula, simultaneamente, o surgimento de posicionamentos diante de alguma coisa – no caso, diante da progressão textual. Observe-se que em nenhum momento durante a elaboração desse tópico, é estimulada a reflexão sobre as bases

das inferências o que, no plano argumentativo equivaleria à produção de justificativas.

Percebe-se ainda que a professora, em todos os turnos, direciona sua fala para alguém específico, selecionando o falante. Esse movimento é característico de sala de aula, onde a professora determina as situações nas quais se pode falar ou não e a ordem que acontece. Mesmo sabendo que o papel da professora é educativo, fazendo com isso que se mantenha uma organização na sala de aula e possibilitando que todas as crianças participem das discussões, algumas vezes ela perde pelo excesso de controle.

Após a reflexão sobre o tema do caçador, tem início a leitura da história.

*Tópico 2: "Discussão sobre o fato do caçador ter atirado no pássaro"*

<p><i>[CONTINUAÇÃO DO TURNO 15]</i>  <i>Prof: Vou começar um pedacinho. "Uma bela manhã para se apanhar flores no campo, mas de repente, Cíntia se assusta com o barulho de um tiro seco. No mesmo instante, ela escuta o pio triste de um pássaro..."</i></p>		
<p><i>16. Ricardo: Cíntia!!! Cíntia é o nome da minha mãe.</i></p>		
<p><i>17. Prof: Olha só (MOSTRA O DESENHO). "Ela foi colher flores e de repente ela escuta um tiro, pá. E logo em seguida ela também escuta um pio triste de um pássaro." Quem quer continuar a história? Vai acontecer o que Rafael? Conta pra mim.</i></p>	<p><i>Pergunta Inferencial de predição</i></p>	<p><i>Estimula PVs</i></p>
<p><i>18. Marcos: Eu sei!</i></p>	<p><i>Chama para si o turno</i></p>	
<p><i>19. Prof: Diz, continua então a história.</i></p>	<p><i>Passa a vez para Marcos</i></p>	<p><i>Estimula PVs</i></p>
<p><i>20. Marcos: [PARECENDO PENSAR UM POUCO]</i></p>		

21. <u>Prof</u> : O quê que tu acha que vai acontecer? Conta aí.	Estimula inferências de predição	Estimula PVs
22. <u>Marcos</u> : Eu acho (.....) o caçador vai atirar no bicho.	Inferência de Predição (coerente)	PV 2.1
23. <u>Prof</u> : Vai atirar num bicho? E qual é o bicho que ela viu antes?	Pergunta literal	
24. <u>Ricardo</u> : Um pássaro.	Resposta descritiva	
25. <u>Prof</u> : Um pássaro. “Rapidamente dirigiu-se até ao local onde pôde ver um passarinho caído no chão, que parecia pedir ajuda.”		
[MARCOS, RICARDO E LUIS ESTÃO CONVERSANDO ENTRE SI] 26. <u>Marcos</u> : Atirou [E FAZ UM GESTO REVÓLVER ATIRANDO COM A MÃO]	Inferência (coerente)	PV 2.1 – Repete o PV do T. 2.2 Posicionamento diante do que está acontecendo na história
27. <u>Luis</u> : [MEXE A CABEÇA NEGATIVAMENTE]: Atirou não.	Inferência	Oposição ao PV 2.1/ PV 2.2
28. <u>Marcos</u> : Atirou.	Reforça a inferência de T28	Resposta à Oposição do PV 2.1 / oposição ao PV 2.2
29. <u>Ricardo</u> : Atirou.	Concorda com a inferência do T28	Resposta 2 à Oposição do PV 2.1/ adere ao PV 2.1
30. <u>Prof</u> : Ele estava ferido. O que você acha que aconteceu com ele, Bianca? Porque ele estava ferido? O quê que aconteceu?	Pergunta sobre o que já aconteceu, mas é inferencial pois a resposta não está explícita no texto.	Estimula PVs
31. <u>Bianca</u> : [DÁ OS OMBROS		

32. <u>Ricardo</u> : O caçador atirou nele.	Reforça a inferência do T. 22	Reforça o PV 2.1
---	-------------------------------	------------------

No segundo tópico a professora parece se engajar plenamente na proposta deste trabalho e para a história em um momento crítico para questionar as crianças sobre a continuação desta.

No turno 22, podemos sugerir que Marcos, se apropriando de indícios da história (havia um caçador, a personagem ouviu um tiro e ouviu um pio triste de um pássaro), infere que o caçador iria atirar (teria atirado) no bicho. Embora o verbo utilizado por ele tenha sido no futuro, “vai”, talvez tenha feito isto porque a professora tinha pedido uma continuação *para a história* (e não para a seqüência das ações ‘atirar-ferir-pio triste’, como Marcos tenha talvez considerado); o tiro em questão havia sido narrado como fato já acontecido. Essa inferência provoca uma discussão paralela entre Marcos, Luis e Ricardo, pois Luis discorda que o caçador tenha atirado no pássaro. Entretanto, tanto a professora como os demais alunos parecem aceitar a inferência e dão continuidade à história.

Para efeito da presente análise, interessa focalizar a natureza dessa ‘discussão paralela’ e da intervenção da professora. Na conversa paralela que surge entre as três crianças, estas discutem sobre um mesmo tema, porém divergindo em suas opiniões, o que, de imediato, instaura raciocínios/movimentos discursivos de natureza argumentativa: PV, oposição e resposta são todos aí apresentados. Esta foi a primeira situação argumentativa que apareceu nesta sala de aula, com a característica de ter ocorrido sem o estímulo da professora. Mesmo que a professora, enquanto figura de autoridade na sala de aula e condutora da atividade, não tenha dado espaço para que a argumentação, esta surge quase como um cochicho entre os alunos, que demonstram assim carecer deste espaço de discussão. A forma como a professora interveio para resolver a divergência surgida, merece também atenção. Em vez de simplesmente legitimar um dos lados da questão (no caso, o ponto de vista ‘atirou’), ela retoma as informações dadas no texto (de fato uma inferência: o passarinho estava ferido) e estimula a reflexão sobre o que poderia ter ger-

ado aquele efeito (turno 30). Com isto, cria oportunidade para os alunos perceberem que predições feitas durante a leitura, se fundam (entre outras coisas) naquilo que é dado (ou inferido) do texto. A legitimação da inferência/ponto de vista virá somente depois, no turno 33.

No tópico seguinte, a professora continua selecionando os falantes, entretanto, em alguns momentos os alunos pedem a vez na discussão (T.18) ou respondem pelo colega que não sabe o que dizer (T. 32).

*Tópico 3: “Discussão sobre a intencionalidade do tiro do caçador, que atingiu o pássaro.”*

33. <i>Prof:</i> O caçador atirou nele. “O tiro havia saído da espingarda de rolha do seu irmão, Lucas, que brincava por aí. Lucas e sua irmãzinha levam o passarinho para repousar numa pequena casinha que eles haviam construído no sítio.” Lucas fez por querer?	<i>Pergunta Inferencial</i>	<i>Estimula PVs</i>
34. <i>Alguns alunos:</i> [BALANÇAM A CABEÇA NEGATIVAMENTE]	<i>Inferência (coerente)</i>	<i>PV 3.1</i>
35. <i>Prof:</i> Não. E por que quê isso aconteceu, Gisele? Por quê?	<i>Pergunta focada na compreensão literal</i>	<i>Estimula Justificativas</i>
36. <i>Gisele:</i> Porque ele atirou.	<i>Resposta Descritiva</i>	
37. <i>Prof:</i> Quando ele atirou, ele queria matar o passarinho, Camila?	<i>Pergunta Inferencial</i>	
38. <i>Alguns alunos:</i> Nããã.	<i>Inferência (coerente)</i>	

A partir dos indícios disponibilizados pela própria história, de que, após o tiro, os personagens cuidam do passarinho, as crianças inferem que o personagem da história não atirou no passarinho por querer (balançam a cabeça negativamente); não explicitam, entretanto, esse posicionamento, com palavras. A professora estimu-

la então a verbalização desse ponto de vista (turno 35) pedindo uma justificativa do porquê de Lucas ter atirado/ferido o passarinho se ele não tinha essa intenção. Apenas Gisele responde dizendo que tinha acontecido porque ele atirou. Como já acontecera no turno 15, a reação da professora à fala de Gisele mais uma vez não vem na forma categórica de certo-ou-errado; novamente ela se volta para os dados do texto permitindo que os alunos percebam que ali é um lugar legítimo de buscarem respostas (ou apoio para seus pontos de vista/inferências) para a questão proposta: “vamos ver se ele queria ou não” (turno 39, abaixo).

*Tópico 4: “O que Lucas vai fazer depois de ter atingido o pássaro”*

39. <u>Prof.</u> : <i>Queria não. Vamos ver se ele queria ou não. “Lucas, muito triste também, joga sua espingarda fora, pois fica muito triste porque atingiu o pequeno pássaro.” O que será que eles vão fazer agora, Ricardo, depois que eles foram embora?</i>	<i>A história confirma a inferência das crianças</i>	
40. <u>Ricardo</u> : <i>[BALANÇA A CABEÇA NEGATIVAMENTE.]</i>		
41. <u>Prof.</u> : <i>Você acha que eles foram pra onde João? O que eles foram fazer?</i>	<i>Estimula uma inferência de predição</i>	<i>Estimula PVs</i>
42. <u>Marcos</u> : <i>Eu sei, eu sei.</i>		
43. <u>Prof.</u> : <i>Diz Lucas, Lucas quer falar, Marcos já falou. Diz Lucas.</i>		
44. <u>Lucas</u> : <i>Ele vai pegar o pássaro.</i>	<i>Resposta Descritiva – o fato já aconteceu</i>	<i>PV 4.1</i>
45. <u>Prof.</u> : <i>Ah, ele vai pegar o pássaro, mas ele já não tinha deixado o pássaro lá?</i>		<i>Oposição ao PV 4.1</i>

<p>46. <u>Marcos</u>: <i>Eu sei, ele vai lá pra floresta ficar chorando</i></p>	<p><i>Inferência de predição coerente, apesar de não ter acontecido, é uma possibilidade viável já que Lucas não fez por querer e ficou muito triste</i></p>	<p>PV 4.2</p>
<p>47. <u>Prof</u>: <i>Ele vai lá pra floresta ficar chorando. Vamos ver. “Vamos pra casa, Lucas’. Ele logo se recupera: ‘Tá bom irmãzinha, nunca mais brincarei com essa espingarda, pois pode machucar outros seres vivos’”. E aqui acabou a história.</i></p>		<p>Aceita o PV 4.2</p>
<p>48. <u>Ricardo</u>: <i>Já?</i></p>		

O quarto e último tópico fala sobre o que as personagens irão fazer depois do ocorrido. Nos turnos 41, 42 e 43, existe uma disputa pelo turno, durante a qual a professora primeiramente seleciona João para falar, Marcos e Lucas pedem a vez e a professora seleciona então Lucas, justificando que Marcos já havia falado em outros momentos. Mais importante que isto é notar, entretanto, o que se passa entre os turnos 44-46. No plano inferencial, Marcos, no turno 46, infere e prediz que o personagem que atirou no pássaro, ia ficar chorando, uma vez que não o fez por querer e ficou triste pelo que aconteceu. Esta predição pode ser considerada coerente, apesar do que é predito não ter acontecido, é uma possibilidade viável (do ponto de vista de seu conhecimento de mundo), uma vez que tristeza leva uma pessoa a chorar. A professora aceita essa possibilidade.

Já no plano da argumentação, esta é desencadeada neste episódio quando a professora introduz uma oposição a um PV gerado por Lucas (turnos 44-45), o que estimula que Marcos outro aluno formule um novo PV (turno 46). Mais uma vez, o

*feedback* da professora para a resposta de Marcos surge na forma de um retorno ao texto, onde a professora busca ‘autorização’ para julgar a inferência feita.

### História nº 7



Descrição da situação: Filmagem realizada com as crianças na rodinha e logo no horário inicial das atividades. A história escolhida pela professora foi “O palhacinho de corda” e durou aproximadamente 06 minutos e meio.

Resumo da História: Esta história fala de uma menina que ganha um palhacinho de corda (corda no sentido de dar corda, daqueles brinquedos que precisa girar uma chave para que funcione). Esta e seu irmão gostavam muito de brincar com o palhaço até um dia que ele parou de funcionar. Pensando estar quebrado, levaram-no para um tio, que os informou que era preciso dar corda no brinquedo para que este voltasse a funcionar.

Tópico 1: “Brincadeiras que Bela poderia fazer com o palhacinho de corda.”

<i>Transcrito</i>	<i>Plano Inferencial</i>	<i>Plano Argumentativo</i>
1. <u>Prof.</u> : (LENDO) “O palhaço de corda. Bela ganhou um palhacinho de corda. Ela gostava tanto do palhacinho que passava horas brincando com ele.” (MOSTRA O DESENHO)		
2. <u>Simone</u> : Ah, é o mesmo do começo. (A ILUSTRAÇÃO É IGUAL À DA CAPA)		
3. <u>Prof.</u> : Você acha que ela brincava de que com ele, Marcos?	<i>Estimula a inferência</i>	<i>Estimula PVs</i>
4. <u>Marcos</u> : Éééé [...] ( )		
5. <u>Prof.</u> : De que?	<i>Reforça o estímulo à produção de inferências</i>	<i>Reforça a produção de PVs</i>
6. <u>Marcos</u> : De [...] de ginástica.	<i>Inferência</i>	<i>PV 1.1</i>
7. <u>Prof.</u> : De ginástica. Por que você acha que ela vai brincar de ginástica?	<i>Estimula a explicitação das bases da inferência</i>	<i>Estimula uma justificativa para o PV 1.1</i>
8. <u>Marcos</u> : (DÁ OS OMBROS) Eu acho que é.	<i>Reafirma a inferência</i>	<i>Reafirma o PV 1.1</i>
9. <u>Prof.</u> : Por que você acha que é de ginástica? Por que será?	<i>Estimula a formulação das bases da inferência</i>	<i>Estimula justificativa para o PV 1.1</i>
10. <u>Marcos</u> : Porque palhaço faz ginástica.	<i>Oferece as bases da inferência dita em T6</i>	<i>Justificativa do PV 1.1</i>

<p>11.<u>Prof</u>: Ah, porque palhaço faz ginástica. Quem mais? Quem acha que ela vai brincar de quê? De que? De que, Camila, que ela vai brincar com esse palhaço?</p>	<p>Aceita o que foi dito por Marcos e seleciona novo falante, estimulando novas inferências.</p>	<p>Estimula PVs</p>
<p>12.<u>Camila</u>: De dançar.</p>	<p>Inferência</p>	<p>PV 1.2</p>
<p>13.<u>Prof</u>: De dançar. Por que será que ela vai brincar de dançar? Por que você acha?</p>	<p>Estimula a formulação das bases da inferência</p>	<p>Estimula Justificativa</p>
<p>14.<u>Camila</u>: Porque o palhaço tá se mexendo pra lá e pra cá. (ABRE E FEUCHA OS BRAÇOS)</p>	<p>Oferece as bases da inferência dita em T12</p>	<p>Justificativa do PV 1.2</p>
<p>15.<u>Prof</u>: Ah, porque o palhaço tá se mexendo pra lá e pra cá. Ok. Vamos ver se é verdade.</p>	<p>A Prof aceita 'sob condição' o que foi dito por Camila.</p>	<p>Aceitação da justificativa do PV 1.2</p>

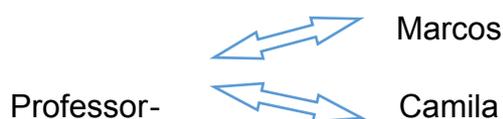
Neste primeiro tópico, foram identificadas duas inferências, no T6 e no T12. Na primeira delas Marcos apresentou uma possibilidade de ação do palhaço que pode ser coerente uma vez que a ginástica engloba diversos movimentos do corpo, os quais incluem cambalhotas, acrobacias, pulos, etc. Tanto que a sua justificativa foi bastante simples, pelo seu conhecimento de mundo, palhaços fazem ginástica.

Já na segunda Camila realizou uma inferência de algo que poderia acontecer baseando-se no seu conhecimento de mundo, de que palhaço dança; e pela ilustração do livro, que forneceu subsídios para ela pensar na ação de dançar.

Neste caso, podemos analisar as inferências de predição como coerentes, uma vez que são algo possível de acontecer (palhaços fazem acrobacias, dão cambalhotas e dançam, entre outras coisas), e que a própria professora aceitou as re-

spostas dos alunos, bem como as justificativas dadas por eles, não demonstrando nenhuma oposição ou estranhamento.

Com relação à ação da professora no estímulo à argumentação, esta fica no movimento caracterizado por Leitão de “pingue-pongue”, onde o diálogo acontece da seguinte forma:



Ou seja, a professora não promove, até o momento, um diálogo argumentativo entre os alunos, ficando este sempre preso ao modelo pergunta/resposta voltado exclusivamente à ela.

Os alunos, por sua vez, respondem aos estímulos dados pela professora, apresentando pontos de vista e justificativas. Entretanto, apenas esses dois elementos argumentativos compõem o episódio 1.

Esse episódio teve início com a leitura do livro e terminou quando a professora deu o assunto por encerrado, retomando a leitura da história, a qual dá início ao segundo tópico, o qual segue descrito abaixo.

### *Tópico 2: "Coisas que podem ter no quarto de Bela"*

<p><i>(CONTINUAÇÃO DO TURNO 15)</i>  <i>Prof: "Certo dia, seu irmão Pedro entrou na brincadeira, pegou o palhacinho e começou a brincar com ele, enquanto Bela arrumava o seu quartinho. Todos gostavam muito do palhacinho de corda". (MOSTRA A FIGURA) O que será que tem no quarto de Bela?</i></p>	<p><i>Estimula inferências e descrições</i></p>	<p><i>Estimula a formulação de um PV</i></p>
<p><i>16. Simone: Palhaço.</i></p>	<p><i>Resposta descritiva</i></p>	<p><i>PV 2.1</i></p>
<p><i>17. Prof: Tem o palhaço, tá aqui, a gente tá vendo que tem. O que tem mais no quarto?</i></p>	<p><i>Estimula uma inferência</i></p>	<p><i>Estimula a formulação de outros PVs</i></p>

18. <u>Simone</u> : Ah, boneca.	<i>Inferência</i>	<i>PV 2.2</i>
19. <u>Prof</u> : Por que você acha que tem boneca lá no quarto de Bela?	<i>Estimula que se formule as bases da inferência.</i>	<i>Estimula uma justificativa ao PV 2.2</i>
20. <u>Simone</u> : É porque meninas brincam com bonecas.	<i>Oferece as bases da inferência do T18, baseada no conhecimento de mundo</i>	<i>Justificativa do PV 2.2</i>
21. <u>Marcos</u> : É mesmo!!!	<i>Concorda com a inferência do T18</i>	<i>Adere ao PV 2.2</i>
22. <u>Prof</u> : Ah, <u>porque meninas brincam com bonecas.</u>	<i>Aceita a resposta do T20</i>	<i>Aceita a justificativa do PV 2.2</i>

Analisando o quadro das inferências, apenas uma delas foi identificada, no turno 18. Na figura do quarto de Bela tem a ilustração do seu irmão brincando com o palhaço, uma cadeira com uma mesa, um gatinho de pelúcia e uma bola. Bonecas não são mostradas na figura, desta forma, Simone inferiu que deveria haver bonecas no quarto de Bela uma vez que Bela é uma menina e meninas brincam de bonecas, como ela mesma justificou.

A inferência foi considerada coerente uma vez que é possível que no quarto de Bela tenha bonecas, sendo Bela uma menina. Não fugindo ao sentido do texto, essa inferência foi aceita tanto pela professora quanto por outro aluno, Marcos. Entretanto, não podemos considerar uma predição uma vez que não está relacionada à possíveis continuações da história.

Com relação à argumentação, neste episódio a ação da professora continua no “pingue-pongue”. Numa única situação, Marcos, por conta própria, no T21, responde a um enunciado de Simone (T20), sendo este o primeiro momento em que as crianças interagem entre si. Entretanto, aqui neste momento continuam aparecendo apenas dois elementos argumentativos, o ponto de vista e a justificativa.

## Tópico 3: "Motivos pelos quais o palhacinho parou de brincar"

(CONTINUAÇÃO DO TURNO 22) <i>Prof:</i> "De repente, o palhacinho não quis mais brincar." Por que será que ele não quis mais brincar, Luana?	<i>Estimula a produção de inferências de predição.</i>	<i>Estimula PVs</i>
23. <i>Camila:</i> Porque ele estava cansado	<i>Inferência de predição</i>	<i>PV 3.1</i>
24. <i>Marcos:</i> Porque ele queria brincar com as bonecas.	<i>Inferência de predição</i>	<i>Oposição implícita ao PV 3.1 + PV 3.2</i>
25. <i>Prof:</i> Porque ele estava cansado, porque ele queria brincar com as bonecas. Será que o palhacinho de corda tinha isso pra fazer?	<i>Oposição às inferências dos T23 e 24</i>	<i>Oposição aos PVs 3.1 e 3.2</i>
26. <i>Simone:</i> Não.	<i>Concorda com a oposição</i>	<i>Concorda com a oposição aos PVs 3.1 e 3.2</i>
27. <i>Luana:</i> Porque a pilha dele acabou.	<i>Inferência de predição</i>	<i>PV 3.3</i>
28. <i>Prof:</i> Ah, porque a pilha dele acabou. Você acha que é isso. Vamos ver. "Não se mexia mais. Os garotos estavam preocupados e ficaram muito tristes ( )" Por que será que ele não se mexia mais? (APONTA PRA LUANA)	<i>Coloca a inferência do T.27 sob condição da continuidade do texto / Estimula Inferências de predição</i>	<i>Estimula PVs</i>
29. <i>Marcos:</i> Porque ele [...]		
30. <i>Simone:</i> Porque ele ta sem pilha, porque gastou.	<i>Retoma a Inferência de predição do T.27</i>	<i>Adere ao PV 3.3 + justificativa do PV 3.3</i>
31. <i>Prof:</i> Talvez a pilha dele tenha acabado, como Luana disse. Vamos ver se ele acabou a pilha.	<i>Apresenta um a possibilidade de concordância com a inferência 'sob condição' do texto</i>	<i>Apresenta um a possibilidade de concordância com o PV 3.3</i>
32. <i>Camila:</i> Não, eu acho que ele só deu uma dormidinha.	<i>Inferência de predição</i>	<i>Oposição ao PV 3.3 + PV 3.4</i>

33. <u>Prof</u> : Ah, ele só deu uma dormidinha.		
34. <u>Bruna</u> : Eu acho que ele desmaiou.	<i>Inferência de predição</i>	<i>Oposição implícita ao PV 3.4+ PV 3.5</i>
35. <u>Luana</u> : Não.	<i>Não concorda com a inferência do T34.</i>	<i>Oposição ao PV 3.5</i>
36. <u>Bruna</u> : Foi.	<i>Reafirma a inferência do T.34</i>	<i>Resposta à oposição do PV 3.5</i>
37. <u>Prof</u> : Acha que ele desmaiou. Por que você acha que ele desmaiou?	<i>Estimula as bases da inferência do T.34</i>	<i>Estimula uma justificativa para o PV 3.5</i>
38. <u>Bruna</u> : Porque eu acho	<i>Dá a base para a inferência do T.34</i>	<i>Justificativa do PV 3.5</i>
39. <u>Prof</u> : Não, por que acha? Por que será que ele desmaiou?	<i>Não concorda com as bases da inferência</i>	<i>Não concorda com a justificativa e novamente estimula uma justificativa</i>
40. <u>Simone</u> : Palhaço não tem vida.	<i>Inferência</i>	<i>Oposição ao PV 3.5, 3.4, 3.3, 3.2 e 3.1 / Ponto de vista 4.1</i>
41. <u>Prof</u> : Ah, palhaço não tem vida, Simone <u>disse</u> .	<i>Concorda com a inferência</i>	<i>Concorda com a oposição</i>

Neste episódio foram identificadas sete inferências, todas elas de predição, uma vez que estão se baseando nos acontecimentos causais do texto para justificar o que aconteceu com o palhaço, que não quis mais brincar.

Apesar de aparentemente a professora se opor às inferências produzidas pelas crianças, Simone (que desde o turno 26 vem discordando de algumas inferências produzidas nos turnos 23 e 24, porém não conseguindo ainda formular um posicionamento para esta oposição), no turno 40, coloca em xeque tudo que está sendo

discutido, apresentando o ponto de vista “palhaço não tem vida”. Uma vez dito isso, Simone, que estava se referindo ao palhaço da história o qual era um brinquedo, se opõe a todas as inferências que estavam relacionadas às ações humanas, como estar cansado, dormir, desmaiar, etc.

É a partir daí que a professora passa para um novo questionamento, se palhaço tem ou não vida, fazendo o contraponto entre o palhaço da história, que era um brinquedo, e o palhaço do circo, que é uma pessoa fantasiada. No final do episódio quatro, o qual será analisado logo abaixo, chega-se à conclusão de que o palhaço da história é apenas um brinquedo, um boneco.

Seguindo essa lógica de análise, as previsões dos turnos 23, 24, 32 e 34 poderiam ser consideradas como incoerentes, não estando de acordo com os indícios disponibilizados pela história, com o conhecimento de mundo (as crianças voltaram-se apenas para a questão de ser um palhaço, esquecendo de que se tratava de um palhaço de brinquedo) e nem sendo aceitas pela Professora e alguns alunos.

Entretanto, devemos levar em consideração que, no mundo da fantasia, no qual as crianças se utilizam do brincar, os objetos ou brinquedos representam algo, ou alguém; eles adquirem um sentido de algo real, vivo. Uma criança que brinca com uma boneca, para ela a boneca representa um bebê o qual realiza ações como chorar, comer, fazer xixi, etc. Isso pode ser observado na própria linguagem do livro, o qual diz: *“De repente, o palhacinho não quis mais brincar.”* O verbo “querer” é utilizado como uma ação do palhaço/brinquedo. Se um brinquedo pode querer ou não algo, ele também pode estar ou não cansado.

Dessa forma, neste contexto, dizer que as crianças estão sendo incoerentes ao atribuir ações de um ser vivo a um brinquedo é estar indo de encontro com toda a concepção de produção de sentido aqui proposta. Mesmo que a Professora discorra todo um novo episódio sobre a diferença entre o “palhaço de brinquedo” e o “palhaço ser humano”, não podemos dizer que as crianças fizeram essas inferências por estarem confundido esses dois tipos de palhaço, pois no quinto episódio elas demonstram saber claramente como as características de cada um destes. As crianças inferiram ações vivas ao palhaço de corda por estas serem normalmente atribuídas aos brinquedos nas situações vivenciadas cotidianamente por estas.

Com relação à análise argumentativa, neste episódio aparecem pela primeira vez os elementos “oposição” e “resposta”. Nos turnos 34, 35, 36. Neste trecho a Professora começa a se utilizar das falas das crianças para estimular outras respostas, iniciando assim um intercruzamento dos discursos (T. 23,24 e 35). Levantando para a turma a possibilidade de existir outros pontos de vista, esta estimula a oposição das crianças, que começam a discutir possibilidades para o questionamento feito pela Professora, entretanto, esse movimento de intercruzamento, na maioria das vezes, acontece por iniciativa das próprias crianças.

Apenas no turno 25 a Professora coloca, ela mesma, uma oposição aos pontos de vista 3.1 e 3.2 dos alunos. A frase foi mal formulada, entretanto, ao se voltar às gravações, apesar de não conseguir ver para quem ela se direciona ao fazer a pergunta, pela sua postura corporal de cruzar os braços e colocar uma das mãos em baixo do queixo, e pela entonação da sua voz, pode-se entender que ela está fazendo um questionamento. Ao retomar as inferências “brincar com as bonecas” e “estar cansado” antes, entende-se que o “isso” utilizado pela Professora está relacionado a essas ações.

No turno 24, Marcos apresenta um ponto de vista o qual foi analisado como também sendo uma oposição implícita ao ponto de vista anterior, do turno 23. Isso aconteceu porque, ao colocar um novo ponto de vista, o participante pode estar complementando o ponto de vista anterior ou se opondo a ele, o que seria uma atividade cognitiva complexa. Como os sujeitos desta pesquisa são crianças com idade em torno dos cinco anos, dificilmente estariam aptas para esse tipo de ação discursiva.

Isto também acontece no turno 34, quando Bruna apresenta um novo ponto de vista para o ponto de vista anterior, formulado por Camila no turno 32. Já no caso desse turno 32, Camila além de apresentar um ponto de vista, apresenta também uma oposição, porém explícita, pois a sua fala se inicia com um “Não” e posteriormente com o marcador discursivo “só”, que indica uma exclusão de outras possibilidades.

Nos turnos 34, 35 e 36 deste episódio aparece o movimento argumentativo: ponto de vista – oposição – resposta. A resposta, neste caso, foi negar a oposição realizada e permanecer com o ponto de vista inicial, reafirmando-o.

Também é característica deste episódio, a Professora ler mais de um trecho da história. Porém, a discussão continuou sobre o tema “porque o palhacinho tinha parado de brincar/de se mexer”. Portanto, este só se finaliza quando outra questão entrou em pauta: “palhaço tem ou não vida”, o qual começou da colocação de Simone, no turno 40, de que palhaço não tem vida. Por isso seu ponto de vista foi classificado como 4.1, o primeiro ponto de vista do quarto episódio. A professora pegou a deixa e iniciou uma nova discussão, a qual dá início ao quarto episódio.

*Tópico 4: “Discussão se palhaço teria ou não vida”*

<p>(CONTINUAÇÃO DO TURNO 41)  <i>Prof: E aí? Palhaço tem vida ou não tem vida?</i></p>	<p><i>Estimula a concordância ou discordância da inferência formulada no T40.</i></p>	<p><i>Estimula outros PVs e possíveis oposições ao PV 4.1</i></p>
<p>42. <i>Marcos: Tem vida.</i></p>	<p><i>Oposição à Inferência do T40 e formulação de nova Inferência</i></p>	<p><i>Oposição ao PV 4.1 / Ponto de vista 4.2</i></p>
<p>43. <i>Simone: Não, tem não.</i></p>	<p><i>Oposição à nova inferência do T42 e reafirmação da inferência do T40.</i></p>	<p><i>Resposta à oposição do PV 4.1</i></p>
<p>44. <i>Marcos: Tem vida.</i></p>	<p><i>Reafirma inferência do T42</i></p>	<p><i>Resposta à resposta 4.1</i></p>
<p>45. <i>Camila: Eu já sei, porque ele ta sem a pilha.</i></p>	<p><i>Retoma a Inferência do T27</i></p>	<p><i>Retoma o PV 3.3, do T27e se opõe, implicitamente aos PV 4.2</i></p>
<p>46. <i>Prof: Por que você acha que ele tem vida?</i></p>	<p><i>Estimula as bases da inferência do T42</i></p>	<p><i>Estimula uma justificativa para o PV 4.2</i></p>
<p>47. <i>Camila: Porque acabou a pilha.</i></p>	<p><i>Formula as bases da inferência do T45</i></p>	<p><i>Justifica o PV 3.3</i></p>

48. <u>Marcos</u> : <i>Porque ele existe no circo.</i>	<i>Formula as bases da inferência do T42</i>	<i>Justificativa PV 4.2</i>
49. <u>Prof</u> : <i>Ah, porque ele existe no circo.</i>	<i>Entende as bases da inferência do T48</i>	<i>Entende a justificativa do T48</i>

Neste tópico a discussão está voltada para a questão do palhaço ter ou não ter vida, a qual foi iniciada pela inferência/ponto de vista do turno 40 do tópico anterior, realizada por Simone. Desta forma, as crianças estão concordando ou não com essa afirmação e procurando justificar seus posicionamentos. Marcos se coloca contra a afirmação de que palhaço não tem vida, apresentando a justificativa de que ele existe no circo. Neste ponto a Professora demonstra entender o raciocínio de Marcos, entretanto no início do próximo episódio, ela se opõe a ele, tentando fazer com que as crianças entendam a diferença entre o palhaço de circo e o palhaço da história.

Ainda neste momento da história, Camila volta com a questão da pilha, discutida no episódio anterior, dizendo que o palhaço tá sem pilha porque esta acabou. Podemos dizer que Camila está se referindo a um palhaço de brinquedo, que precisa de pilha para funcionar e, desta forma, não possui vida, concordando com o PV 4.1 e se opondo ao PV 4.2.

*Tópico 5: “Diferenças e semelhanças entre o palhaço do circo e o da história”*

(CONTINUAÇÃO DO TURNO 49) <u>Prof</u> : <i>Mas esse palhaço é o do circo?</i>	<i>Se opõe às bases da inferência do T48</i>	<i>Oposição à Justificativa do PV 4.2 e estímulo a formulação de PVs</i>
50. <u>Alunos</u> (INCLUSIVE MARCOS): <i>É não.</i>		<i>Resposta à oposição 4.2/ PV 5.1</i>

51. <u>Prof</u> : Que diferença tem do palhaço do circo pra esse palhaço, Simone?	Estimula Inferências	Estimula a formulação de justificativas para o PV 5.1
52. <u>Simone</u> : Esse palhaço é de corda.	Ação descritiva	Justificativa 1 do PV 5.1
53. <u>Prof</u> : Ah, esse palhaço é de corda. E o palhaço de circo, como ele é, Camila?	Estimula Inferências	Concorda com a justificativa do PV 5.1
54. <u>Camila</u> : Bem mais grande do que esse.	Inferência	Justificativa 2 do PV 5.1
55. <u>Prof</u> : Bem mais grande do que esse. Mas qual é a diferença? Ela disse que esse é de corda e ele disse que o palhaço tem vida, o do circo, porque?	Estimula Inferências	Estimula justificativas
56. <u>Bruna</u> : Porque ele faz muita palhaçada. E não acaba a pilha.	Inferência	Justificativa 3 do PV 5.1
57. <u>Camila</u> : E esse daí não, ele só dança.	Inferência	Justificativa 4 do PV 5.1
58. <u>Prof</u> : Ele só dança. O outro faz palhaçada também. Mas...		
59. <u>Simone</u> : É porque ele tem uma caixa com pilha.	Inferência	Justificativa 5 do PV 5.1
60. <u>Prof</u> : Ah, esse tem uma caixa com pilha. E o do circo? Tem o que?	Estimula Inferências	Estimula justificativas
61. <u>Bruna</u> : Tem corpo, tem vida.	Inferência	Justificativa 6 do PV 5.1
62. <u>Prof</u> : E no corpo dele também tem pilha?	Estimula Inferências	Estimula justificativas
63. <u>Alunos</u> : Nãããã.		
64. <u>Camila</u> : Pilha tem. Porque gastou a pilha.		

65. <u>Prof.</u> : Esse gastou a pilha. Mas ele disse que palhaço tem vida, e Simone disse que palhaço não tem vida. E ele disse que palhaço tem vida porque tem no circo e ela disse que esse não tem porque ta na caixa. O que é que tem no do circo que não tem nesse da caixa?		<i>Estimula justificativas</i>
66. <u>Alunos</u> : (FICAM PENSATIVOS)		
67. <u>Prof.</u> : O que é que tem no do circo?	<i>Estimula Inferências</i>	<i>Estimula justificativas</i>
68. <u>Camila</u> : É um homem enfeitado de palhaço.	<i>Inferência</i>	<i>Justificativa 7 do PV 5.1</i>
69. <u>Prof.</u> : Ah, é um homem enfeitado de palhaço. E esse daqui é um homem enfeitado de palhaço?	<i>Estimula Inferências</i>	<i>Estimula justificativas</i>
70. <u>Alunos</u> : Nããão		
71. <u>Camila</u> : É só um brinquedo.	<i>Inferência</i>	<i>Justificativa 8 do PV 5.1</i>
72. <u>Simone</u> : É só um boneco.	<i>Inferência</i>	<i>Justificativa 9 do PV 5.1</i>
73. <u>Prof.</u> : Ah, é só um brinquedo, é só um boneco.	<i>Concorda com as inferências produzidas nos T.71 e 72</i>	<i>Aceita as justificativas 8 e 9</i>

Após a discussão sobre o palhaço do livro ter ou não vida, esse tópico se inicia com a concordância de que o palhaço do livro não é o mesmo do palhaço do circo. Desta forma, existe aí um argumento e um novo tema passa a ser discutido, a diferença entre os dois tipos de palhaço.

Ducrot, citado em Koch (2000), fala de classes argumentativas, onde existe um conjunto de enunciados que servem de argumento para uma mesma conclusão. Utilizando-se da perspectiva de argumentação proposta neste trabalho, a conclusão seria o ponto de vista ou o argumento, o qual vai ser fundamentado por justificativas.

Desta forma, o ponto de vista que foi colocado pela professora e aceito pelos alunos é de que o palhaço de corda da história é diferente do palhaço do circo (T.49 e T.50).

A partir daí as crianças começam a dar justificativas que dão suporte a esse ponto de vista, dizendo que o palhaço do circo é bem maior do que o de corda (T.54), que o palhaço do circo faz muita palhaçada (T.56), que o palhaço de corda não faz palhaçada, só dança (T.57), que o palhaço de corda tem uma caixa com pilha (T.59), que o palhaço do circo tem corpo, tem vida (T.61), que o palhaço do circo é um homem enfeitado de palhaço (T.68), que o palhaço de corda é um brinquedo (T.71) e, por fim que o palhaço de corda é só um boneco (T.72). Todas as justificativas dão suporte ao ponto de vista 5.1 e ao mesmo tempo não apresentam nenhuma oposição uma às outras sendo, portanto, complementares.

Na medida em que as crianças vão justificando o ponto de vista, elas vão realizando algumas inferências sobre o palhaço de corda e o palhaço do circo. Essas são baseadas, na sua maioria, no conhecimento de mundo que possuem, já que palhaço faz parte do universo infantil, seja ele um brinquedo ou uma pessoa fantasiada. Assim, são realizadas oito inferências, sendo quatro sobre o palhaço de corda e quatro sobre o palhaço do circo, entretanto nenhuma delas diz respeito à história em si.

#### Tópico 6: “Discussão sobre o que é ‘dar corda’”

(CONTINUAÇÃO DO TURNO 73) <i>Prof: “Então, pegaram o palhacinho e foram na casa de Tio Paulo, que vendo a tristeza dos meninos disse: - Ora, ora, não fiquem tristes, crianças, é só vocês darem corda de novo que ele volta a funcionar normalmente.”</i>		
74. <u>Marcos</u> : <i>Eu não falei que não tem pilha?</i>		
75. <u>Prof</u> : <i>Então ele tem o que?</i>		
76. <u>Marcos</u> : <i>Ele só perde um cordão e fica sem energia.</i>	<i>Dá as bases da Inferência do T79</i>	<i>Justificativa do PV 6.2</i>
77. <u>Prof</u> : <i>Ah, ele só perde um cordão e fica sem energia. E o que é mesmo dar corda?.</i>	<i>Estimula inferências</i>	<i>Estimula PVs</i>

78. <u>Bruna</u> : Corda é quando a gente puxa.	Inferência	PV 6.1
79. <u>Marcos</u> : A corda é a vida dele.	Inferência	PV 6.2
80. <u>Prof</u> : A corda é a vida dele. Aí a gente puxa, só, e ele funciona. É isso, Bruna?		
81. <u>Bruna</u> : É.	Reafirma a inferência do T78	Reafirma PV 6.1
82. <u>Simone</u> : É não.	Discorda da inferência do T78	Oposição PV 6.1
83. <u>Marcos</u> : É sim.	Reafirma a inferência do T78	Resposta à oposição 6.1
84. <u>Simone</u> : É só pular a corda.	Inferência	Justificativa da oposição 6.1/ PV 6.3
85. <u>Prof</u> : Aqui tá dizendo que é só pular a corda?	Estimula uma oposição à inferência do T84 tomando como base o que foi dito no livro	Estimula oposição ao PV 6.3
86. <u>Marcos</u> : É não.	Se opõe à inferência do T84	Resposta à Oposição do PV 6.1/ Oposição ao PV 6.3
87. <u>Simone</u> : É sim.	Reafirma a inferência do T84	Resposta à oposição do PV 6.3
88. <u>Prof</u> : Aqui tá dizendo o que?	Estimula inferência	Estimula PVs
89. <u>Camila</u> : Tem que puxar a corda.	Reafirma a Inferência do T78	Retomada do PV 6.1
90. <u>Prof</u> : Ah, porque ele tem uma corda e tem que puxar a corda. Então essa corda é a corda que ela tá falando? (APONTA PARA SIMONE)	Oposição à inferência do T84	Estimula oposição ao PV 6.3
91. <u>Alunos</u> : Nãããã.	Concordância com a oposição	Oposição ao PV 6.3
92. <u>Marcos</u> : (FAZ CARETA PRA SIMONE)		

93. <u>Simone</u> : (DÁ LÍNGUA PRA MARCOS, DESPREZANDO)		
94. <u>Camila</u> : Porque essa tem um negócio pra puxar.	Dá as bases da inferência do T78	Justificativa do PV 6.1e da oposição ao PV 6.3
95. <u>Prof</u> : É verdade.	Concorda com as bases da inferência do T78	Concorda com a Justificativa do PV 6.1e da oposição ao PV 6.3
96. <u>Camila</u> : E a de pular não tem.	Complementação das bases da inferência do 78	Complementação da Justificativa do PV 6.1e da oposição ao PV 6.3
97. <u>Prof</u> : E a de pular não tem. Vamos lá. “Ufa, foi só um susto. Bela sempre dava corda no palhacinho e todos os dias ela brincava com ele. Até deu o nome de feliz para ele. Quanta alegria.” Quem gostou da história?	Concordância com o T96	Concorda e finaliza a história
98. <u>Alguns alunos</u> : Eu.		
99. <u>Prof</u> : Que bom que vocês gostaram da história.		

Nesse tópico, a discussão girou em torno da questão “o que é dar corda”, que foi dito na história. As três inferências identificadas foram: 1) que dar corda é puxar a corda; 2) dar corda é a vida do palhaço, é a energia dele; e 3) dar corda é pular corda.

A primeira das inferências (T78) apenas explica que dar corda é puxar a corda que tem no brinquedo, provavelmente pela experiência de já ter tido algum brinquedo semelhante, portanto baseia-se apenas no conhecimento de mundo da criança.

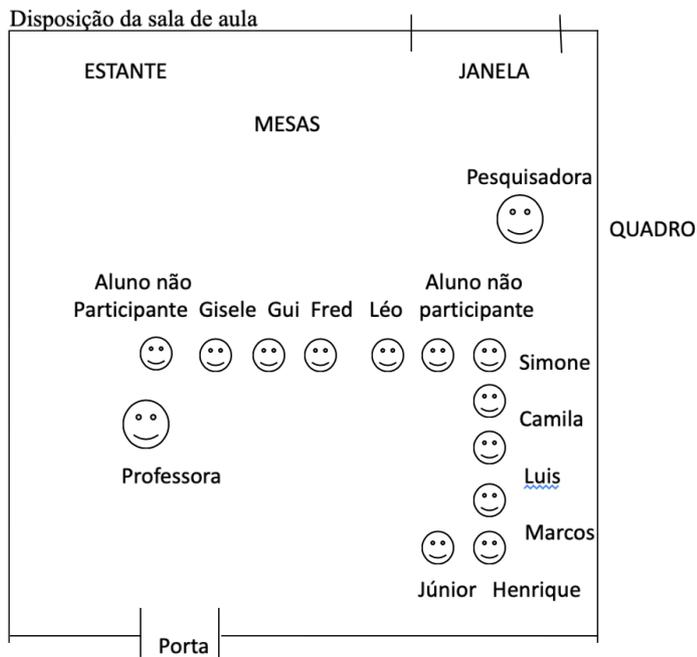
A segunda inferência (T79) é a que mais se aproxima do conteúdo do texto, que relaciona dar corda a dar vida, energia ao palhaço; a criança podia nem saber

como dar corda, entretanto respondeu adequadamente ao questionamento da professora pelos indícios disponibilizados na história.

Já a terceira inferência (T84) fugiu completamente do que estava sendo narrado; a criança parece ter esquecido o contexto da história e deteve-se apenas à palavra “corda”, a qual no seu conhecimento de mundo serve para pular. A professora parece rejeitar a inferência, entretanto coloca a questão para as crianças, se reportando ao que foi lido por ela no livro.

Com relação à argumentação, neste tópico aparecem os quatro elementos argumentativos, com estímulo da professora para que as crianças interajam entre si e produzam oposições e respostas. O embate fica entre os PVs 6.1 (dar corda é puxar a corda) e 6.3 (dar corda é pular corda). Marcos, mesmo apresentando o PV 6.2 de que dar corda é dar energia ao brinquedo, no T83 toma para si a defesa do PV 6.1, porém essa postura dele não se opõe nem nega o seu ponto de vista inicial.

### História nº 10



Descrição da situação: Essa história, assim como a de número 09, tem como especificidade a escrita com rimas, o que tornou a narração, e principalmente, o entendimento desta, confusa. A professora não utilizou deste recurso e leu a história corrida, muitas vezes atropelando o que estava escrito. Duração de aproximadamente 07 minutos e 15 segundos.

Resumo da História: O título é “Monstro” e refere-se a um monstro que comia muitos alimentos verdes e por isso era forte e veloz. Isso o fazia ganhar sempre das crianças nas corridas, pois estas não comiam alimentos verdes e ficavam fracas. Sendo assim, as crianças chamam um javali para competir com o monstro.

*Tópico 1: “Discussão sobre o que o monstro comia”*

<i>Transcrito</i>	<i>Plano Inferencial</i>	<i>Plano Argumentativo</i>
<i>1. Prof: O nome da história hoje parece um pouco com a de ontem, essa daqui é “Monstrinhos”, e tá dizendo que é o monstro, ta?! [INICIA A HISTÓRIA] “Monstro nasceu muito pequeno, menor que lagartinha. Lagartinha só comia amora e pra crescer foi uma demora. Monstro que queria ir longe, comia tudo que tinha, ficou forte, parrudo, grandão, de tanto comer.” [MOSTRA A FIGURA] O que vocês acham que o monstro come?</i>	<i>Pergunta Inferencial de Predição</i>	<i>Estimula PVs</i>
<i>2. Marcos: Eu acho que come frutas.</i>	<i>Inferência de Predição</i>	<i>PV 1.1</i>
<i>3. Prof: Por quê?</i>	<i>Estimula as bases da inferência</i>	<i>Estimula uma justificativa</i>
<i>4. Marcos: Porque ele come tudo.</i>	<i>Oferece as bases da inferência</i>	<i>Justificativa do PV 1.1</i>

5. <u>Prof.</u> : Certo ele come frutas porque ele come tudo. “Ele come couve, alface e agrião”. Couve, alface e agrião são frutas?	Pergunta de conhecimento de mundo	Oposição implícita ao PV 1.1
6. <u>Marcos</u> : Não.	Resposta	
7. <u>Prof.</u> : São o que?	Pergunta de conhecimento de mundo	
8. <u>Alunos</u> : [FICAM CALADOS.]		
9. <u>Prof.</u> : <u>Quem sabe? São hortaliças, né? Ela faz parte mais da alimentação de almoço, de folhas, elas são folhas.</u>	Rejeita a inferência	Justificativa da Oposição ao PV 1.1

Neste primeiro tópico a professora inicia a história, que fala de um monstro que comia de tudo para ficar forte e questiona sobre esses alimentos. Marcos, no T.2, infere que o monstro come frutas, e justifica sua opinião pela própria narrativa da professora, de que ele comia de tudo. Essa inferência pode ser classificada como uma predição, uma vez que Marcos se baseia na própria história para realizar esta inferência, e a própria história tem continuidade dizendo quais os alimentos que o monstro come.

A professora continua a leitura e esta vai de encontro com a predição realizada por Marcos, dizendo que o monstro come hortaliças. Entretanto, não podemos dizer que a inferência de Marcos foi incoerente, uma vez que naquele momento, pelos indícios disponibilizados pelo texto, era possível que o monstro comesse frutas ao invés de hortaliças.

Porém, no plano argumentativo, a história dá base para que a professora formule uma oposição ao PV emitido por Marcos (T.5), servindo como justificativa para esta oposição, que é também aceita pelo próprio aluno, que concorda que aqueles alimentos não são frutas.

*Tópico 2: “Discussão sobre o porquê dos meninos serem os últimos da fila”*

<p>(CONTINUAÇÃO DO TURNO 09)</p> <p><i>Prof: “Já os meninos, muito _____, moles, sem clorofila, verde nem pensavam em comer como monstro; queriam correr nas corridas, eram sempre os últimos da fila.” Por que vocês acham que os meninos eram os últimos da fila?</i></p>	<p><i>Pergunta inferencial de Predição</i></p>	<p><i>Estimula um PV</i></p>
<p><i>10. Camila: Por que eles viram o monstro.</i></p>	<p><i>Inferência</i></p>	<p><i>PV 2.1</i></p>
<p><i>11. Simone: O monstro.</i></p>		
<p><i>12. Prof: Por que eles eram os últimos da fila? O que você acha, Simone?</i></p>	<p><i>Repete a pergunta inferencial selecionando o falante</i></p>	<p><i>Estimula outros PVs</i></p>
<p><i>13. Marcos: É porque eles chegaram...</i></p>		
<p><i>14. Simone: Porque eles viram o monstro.</i></p>	<p><i>Repete a inferência do T.10</i></p>	<p><i>Repete o PV 2.1</i></p>
<p><i>15. Prof: Por que eles viram o monstro? Mas...</i></p>	<p><i>Começa a se opor</i></p>	<p><i>Inicia uma oposição</i></p>
<p><i>16. Marcos: Eu sei. É porque ele chegou atrasado.</i></p>	<p><i>Inferência</i></p>	<p><i>Ponto de vista 2.2</i></p>
<p><i>17. Prof: Porque ele chegou atrasado. Tá certo. “Eles queriam correr, mas nas corridas eram os últimos sempre da fila. Assustados, bobos, espantados, viam monstros a correr pelos atalhos”. Então eles sempre chegavam atrasados porque eles viam o que?</i></p>	<p><i>Aceita a inferência do T.16</i></p>	<p><i>Aceita o PV 2.2</i></p>
<p><i>18. Alunos: O Monstro</i></p>		
<p><i>19. Prof: O monstro. Simone disse, não é?</i></p>	<p><i>Aceita a inferência do T.10 a partir da continuidade do texto.</i></p>	<p><i>Aceita o PV 2.1</i></p>

A professora novamente inicia o segundo tópico com a leitura de um trecho do livro e uma pergunta inferencial. O tema em questão refere-se à fila na qual os personagens da história se encontram. Camila infere que o motivo dos meninos serem os últimos da fila era de que estes teriam visto o monstro. A professora não parece aceitar essa inferência e repete novamente a pergunta, desta vez selecionando um outro falante, no caso Simone. Simone repete a inferência de Camila e quando a professora parecia começar uma oposição (pronunciando um “Mas...”), Marcos a interrompe e apresenta outra inferência, a qual, pelo seu conhecimento de mundo de que uma fila é formada pelas pessoas que vão chegando ao local, os que ficam por último nesta são aqueles que chegaram mais tarde.

A pergunta da professora é relacionada a causa e consequência, então seria analisada como uma inferência qualquer, porém não uma predição. Entretanto, o livro dá continuidade à história apresentando as causas do fato narrado, e talvez por isso a professora tenha realizado essa pergunta, pensando na continuidade da história. Dessa forma, considera-se as respostas das crianças como predições.

Apesar de inicialmente parecer que a professora não havia aceitado a inferência de Camila, no turno 19, baseada no texto do livro, que diz que as crianças viam o monstro, ela aceita esta inferência como coerente, tomando-a como um complemento da pronunciada por Marcos: as crianças eram os últimos da fila por chegarem atrasados e chegavam atrasados porque viam o monstro correndo. A professora mais uma vez se ancora no texto para dar o feedback aos alunos sobre suas predições.

No plano argumentativo apenas PVs foram elaborados, sem maiores discussões sobre o tema.

*Tópico 3: “Discussão sobre o javali”*

<p>[CONTINUAÇÃO DO TURNO 19]</p> <p><i>Prof: "Resolveram então buscar outro amigo para completar mais sorte. Mais sorte, isso eles não tinham não. Não encontraram nenhum anão, mas um grande javali para não deixar bobo mentir." O que vocês acham que o javali vai fazer? O javali é esse animal aqui [MOSTRA A FIGURA]</i></p>	<p>Pergunta inferencial de predição</p>	<p>Estimula PVs</p>
<p>20. <u>Marcos</u>: <i>Eu já sei. Ele vai correr atrás da criança.</i></p>	<p>Inferência Coerente</p>	<p>PV 3.1</p>
<p>21. <u>Prof</u>: <i>Ele vai correr atrás das crianças. Por que você acha que ele vai correr atrás das crianças?</i></p>	<p>Estimula as bases da inferência</p>	<p>Estimula uma justificativa</p>
<p>22. <u>Marcos</u>: <i>Porque...</i></p>		
<p>23. <u>Simone</u>: <i>Porque ele tá nervoso.</i></p>	<p>Dá as bases da inferência do T. 20/ Inferência Coerente (pela figura)</p>	<p>Justificativa 1 do ponto de vista 3.1</p>
<p>24. <u>Alguém</u>: <i>Ele tá brabo.</i></p>	<p>Dá as bases da inferência do T. 20/ Inferência Coerente (pela figura)</p>	<p>Justificativa 2 do Ponto de vista 3.1</p>
<p>25. <u>Prof</u>: <i>Como é que você sabe que ele tá brabo?</i></p>	<p>Estimula as bases da inferência do T.24</p>	<p>Estimula uma justificativa para a justificativa</p>
<p>26. <u>Marcos</u>: <i>Porque ele ta com o olho assim [PUXA OS OLHOS PRA BAIXO]</i></p>	<p>Dá as bases da inferência a partir da ilustração</p>	<p>Justifica</p>

<p>27. <u>Prof:</u> Ah, porque ele tá com o olho assim.  “Um enorme porco, animal esperto, de comida verde sempre estava perto.” Ó [MOSTRA A FIGURA]. Ele sempre estava perto da comida verde. A comida que o monstro comia lá atrás, que a gente já falou, eram hortaliças e que são verdes. Por isso que o javali tava sempre perto, da onde? Das plantas que eram de que cor?</p>	<p>Pergunta literal</p>	
<p>28. <u>Marcos:</u> Verdes.</p>	<p>Descrição</p>	
<p>29. <u>Prof:</u> Verde. Vamos ver o que vai acontecer. Até agora ele não correu. Será que ele vai correr? [FALANDO DO JAVALI]</p>	<p>Pergunta inferencial de Predição</p>	<p>Estimula PVs</p>
<p>30. <u>Marcos:</u> Eu acho que não.</p>	<p>Inferência de Predição</p>	<p>Ponto de vista 4.1</p>
<p>31. <u>Prof:</u> Tu acha que não? Vamos ver.</p>		
<p>32. <u>Henrique:</u> Eu acho que sim.</p>	<p>Inferência de Predição</p>	<p>Oposição implícita ao PV 4.1/ PV 4.2</p>
<p>33. <u>Prof:</u> “Aqueles moles guris...” Guris são crianças. “... para ele não era páreo, pro javali. O velho amigo monstro, ah isso sim, era mesmo diversão sem fim. Apostar com gente fraca não tem graça.” Por que será que o monstro disse que apostar com gente fraca não tem graça? Por quê? Por que ele disse isso?</p>	<p>Pergunta Inferencial</p>	<p>Estimula PVs</p>
<p>34. <u>Simone:</u> Porque ele está mais grande do que as crianças.</p>	<p>Coerente, as crianças eram fracas porque eram menores que ele</p>	<p>PV 4.3</p>
<p>35. <u>Prof:</u> Ah, porque ele está mais grande do que as crianças. Muito bem.</p>	<p>Aceita Inferência</p>	<p>Aceita PV 4.3</p>
<p>36. <u>Henrique:</u> Maior.</p>		

37. <u>Prof: Maior. E ele apostou com quem?</u>	<i>Pergunta Inferencial</i>	<i>Estimula PVs</i>
38. <u>Alguém: Com o javali.</u>	<i>Inferência Coerente.</i>	<i>PV 4.4</i>
39. <u>Prof: Com o javali. Aí ele disse assim: “apostar com gente fraca não tem graça”. porque ele achou que o javali era o que?</u>	<i>Aceita a inferência Pergunta inferencial</i>	<i>Aceita o PV 4.4 e estimula novo PV</i>
40. <u>Alunos: Forte.</u>	<i>Inferência Coerente,</i>	<i>PV 4.5</i>

A professora lê mais um trecho da história e realiza uma nova pergunta inferencial de predição. Este tópico gira em torno do tema sobre o javali, novo personagem da história.

No turno 37 e 39, apesar de parecerem perguntas literais (“com quem o javali apostou?” e “o monstro achou que o javali era o que?”), essa informação não foi passada pela professora ao ler a história para as crianças. Até este momento, os indícios disponibilizados pela narrativa e as conclusões nas quais os alunos, juntamente com a professora, chegaram foram que: 1) as crianças sempre perdiam nas corridas para o monstro; 2) as crianças foram procurar o javali; 3) o monstro falou que apostar com gente fraca não tinha graça; 4) as crianças eram fracas.

Desta forma, os alunos precisaram juntar essas informações para concluir suas respostas (“Com o javali” e “Forte”). Ambas as inferências foram classificadas como coerentes uma vez que são pertinentes ao sentido da história e foram aceitas pela professora (Já que o monstro não apostou com as crianças, que eram fracas, tinha o javali na história; e forte é o oposto de fraco).

No plano argumentativo, podemos ver como elementos os pontos de vista e as justificativas. No turno 23 e 24, existem duas justificativas para o PV 3.1, de que o javali vai correr atrás das crianças, entretanto estas não são opostas, uma vez que nervoso e brabo são estados semelhantes de humor. Desta forma, podemos dizer que elas se complementam.

Tópico 4: “Discussão sobre o porquê do nome monstro”

<p>41.<u>Prof</u>: Forte. Vamos ver se o javali era forte mesmo. “As crianças ficaram pra trás e eles dois estão apostando.” E por que o nome monstro? Por que será que ele tem o nome monstro?</p>	<p>Pergunta Inferencial</p>	<p>Pergunta 5</p>
<p>42.<u>Marcos</u>: Porque...</p>		
<p>43.<u>Camila</u>: Porque ele é perigoso.</p>	<p>Coerente, a palavra monstro está relacionada a algo ruim, perigoso, mau</p>	<p>PV 5.1</p>
<p>44.<u>Prof</u>: Porque ele é perigoso. Por que será que ele tem o nome monstro?</p>	<p>Repete a pergunta inferência, porém sem desconsiderar a inferência produzida por Camila. Estimula outras respostas.</p>	<p>Estimula outros PVs</p>
<p>45.<u>Marcos</u>: Porque...</p>		
<p>46.<u>Simone</u>: É não, é porque ele é diferente dos humanos, aí por isso ele é verde.</p>	<p>Inferência de predição. Coerente, de acordo com a história</p>	<p>Oposição ao PV 5.1 PV 5.2</p>
<p>47.<u>Prof</u>: Ah, porque ele é diferente dos humanos. Vamos ver se é isso. “E por que o nome monstro? Porque ele sempre queria demonstrar que as crianças não comem verde, ah assim não dá.” Na história, ele é monstro porque ele come tudo...</p>	<p>Aceita a inferência e justifica-a com a continuação da história</p>	<p>Aceita o PV 5.2 e justifica</p>
<p>48.<u>Alunos</u>: Verde.</p>		
<p>49.<u>Prof</u>: Verde. E ele é o que? Que cor?</p>	<p>Pergunta Literal</p>	

<i>50. Alunos: Verde.</i>	<i>Resposta Descritiva</i>	
<i>51. Prof: Verde.</i>		

Este tópico gira em torno da discussão sobre o porquê do nome monstro. Assim, são identificadas duas inferências de predição, as quais também são pontos de vista sobre o tema. No turno 43 Camila se posiciona dizendo que o nome monstro é porque ele é perigoso, o que pode ser considerado coerente levando em conta o sentido da palavra “monstro”. Entretanto, precisa-se levar em consideração dois critérios de coerência explicitados no capítulo 2 deste trabalho: 1) o contexto da história, ou seja os fatos narrados pela professora; 2) a atitude responsiva dos demais integrantes da sala de aula.

Com relação ao critério 1, em nenhum momento da história foi mencionado qualquer adjetivo ou posicionamento do personagem monstro que levasse os ouvintes a considerá-lo como perigoso. Já com relação ao critério 2, primeiro a professora, apesar de não rejeitar essa resposta, também não parece a levar em consideração, repetindo a pergunta para os demais alunos e depois outra criança, no Turno 46, se opõe à perspectiva de Camila, colocando um novo ponto de vista/inferência para a pergunta. Sendo assim, a inferência produzida no turno 43 foi considerada como incoerente.

A nova inferência apresentada por Simone, no turno 46, por sua vez, é considerada coerente, uma vez que está condizente com os fatos narrados e não só é aceita pela professora, como também justificada pela continuação do texto.

Simone, no turno 46, não só apresenta uma nova inferência, também considerada como um novo posicionamento diante da situação, mas também trás o elemento argumentativo de oposição, que é apresentado explicitamente pelo início da sua fala “É não, é porque...”.

*Tópico 5: “Retrospectiva sobre o livro”*

<i>[CONTINUAÇÃO DO TURNO 51]</i> <i>Prof:</i> Essa é a história do monstro. Faz medo essa história?		
52. <i>Alunos:</i> Não.		
53. <i>Prof:</i> Monstro sempre dá medo?		
54. <i>Alunos:</i> Não		
55. <i>Prof:</i> Nessa história aqui o monstro tava fazendo o quê?	<i>Pergunta Literal</i>	
56. <i>Alunos:</i> [FICAM PENSANDO]		
57. <i>Prof:</i> O quê que ele estava fazendo na história?		
58. <i>Marcos:</i> Brincando.	<i>Resposta Descritiva</i>	
59. <i>Prof:</i> Brincando. Com quem?	<i>Pergunta Literal</i>	
60. <i>Marcos:</i> Com as crianças.	<i>Resposta Descritiva</i>	
61. <i>Prof:</i> Com as crianças. Ele brincava com as crianças e achava que as crianças conseguiam brincar?	<i>Pergunta Literal</i>	
62. <i>Alunos:</i> Não.	<i>Resposta Descritiva</i>	
63. <i>Prof:</i> Aí ele foi procurar quem pra brincar com ele?	<i>Pergunta Literal</i>	
64. <i>Alguém:</i> O javali	<i>Resposta Descritiva</i>	

Neste tópico a professora faz uma retrospectiva sobre os acontecimentos do livro. Desta forma, suas perguntas são literais, questionando por acontecimentos já narrados. Nenhuma inferência é realizada, assim como nenhum movimento argumentativo.

*Tópico 6: “Discussão sobre quem ganhou a corrida”*

65. <u>Prof</u> : O javali. Ele (O JAVALI) ganhou a corrida?		Estimula PVs
66. <u>Alguém</u> : Não		PV 6.1 – O javali perdeu a corrida
67. <u>Prof</u> : Vamos ver se ele (O JAVALI) ganhou a corrida. [ABRE O LIVRO E MOSTRA A FIGURA PARA AS CRIANÇAS]. Ganhou ou não ganhou? Por que você acha que ele (O JAVALI) ganhou a corrida?		
68. <u>Marcos</u> : Não ganhou.		PV 6.1
69. <u>Camila</u> : Porque ele tá levantando o braço		Oposição implícita ao PV 6.1/ PV 6.2 + justificativa
70. <u>Prof</u> : Ah, porque ele tá levantando o braço		
71. <u>Marcos</u> : É não, é porque ele (O MONSTRO) jogou uma coisa no nariz do javali e ele (O JAVALI) perdeu.		Resposta à oposição / Reforço ao PV 6.1 + justificativa
72. <u>Prof</u> : Foi? E aqui mostrou que...		
73. <u>Camila</u> : Uma pedra.		Resposta à justificativa do PV 6.1 / Complementação do PV 6.1
74. <u>Prof</u> : Jogou o que? Onde está que ele (O MONSTRO) jogou uma pedra? [MOSTRANDO A FIGURA]		
75. <u>Camila</u> : [DÁ OS OMBROS]		
76. <u>Simone</u> : Naquela página que você mostrou ___ jogava pedra.		Justificativa do PV 6.1
77. <u>Prof</u> : Ah, muito bem, Simone. Então quem venceu a corrida?		

78. <u>Simone</u> : O javali.		<i>Mesmo dizendo que o monstro jogou uma pedra no javali, continua com o PV que o Javali ganhou a corrida</i>
79. <u>Marcos</u> : O monstro.		<i>Continua com o PV 6.1</i>
80. <u>Prof</u> : O monstro. Mesmo assim ele venceu a corrida, não foi? Quem gostou da história bate palmas.		<i>Aceita o PV 6.1</i>

Durante a leitura da história não fica claro quem ganha a corrida, o monstro ou o javali. Neste tópico a discussão é em cima deste fato. Assim, a professora e as crianças voltam para algumas situações da história, bem como para as ilustrações mostradas ao longo da narração.

Duas inferências são elaboradas nesse tópico, uma que defende que o javali ganhou a corrida, baseando-se por uma das ilustrações do livro na qual o javali está levantando o braço; e outra que defende que o monstro ganhou a corrida, baseada em outra ilustração onde o monstro joga uma pedra no javali.

Considerando o plano argumentativo, logo de início a professora pergunta quem havia ganhado a corrida, estimulando desta forma que os alunos se posicionem a partir do que entenderam da história. Assim, surgem dois posicionamentos, o de Marcos (no turno 68) dizendo que o javali não ganhou a corrida; e o de Camila, no turno 69, a qual defende que o javali ganhou sim a corrida, apresentando sua justificativa baseada na ilustração do livro. Desta forma, Camila se opõe, implicitamente, ao ponto de vista de Marcos.

Marcos, por sua vez, na defesa do seu PV inicial, recusa o PV de Camila e apresenta uma justificativa para o seu PV (T.71). Camila então aceita a justificativa apresentada por Marcos (T.73) e ainda complementa-a. Simone, no turno 76, reforça mais ainda o PV 6.1, apresentando mais uma justificativa para esse PV.

Percebe-se ainda que, nesta história, a professora em nenhum momento direciona suas perguntas para alguém específico, deixando os alunos se posicionarem livremente.

#### 4.3 MACRO-ANÁLISE

O objetivo básico desta análise foi pôr em perspectiva o conjunto das sessões analisadas e observar o possível surgimento de ‘tendências’, ‘padrões’ a partir dos quais possam ser levantadas hipóteses desenvolvimentistas.

As dez histórias foram analisadas a partir de três questionamentos prévios e a os dados demonstrados em tabelas e discutidos:

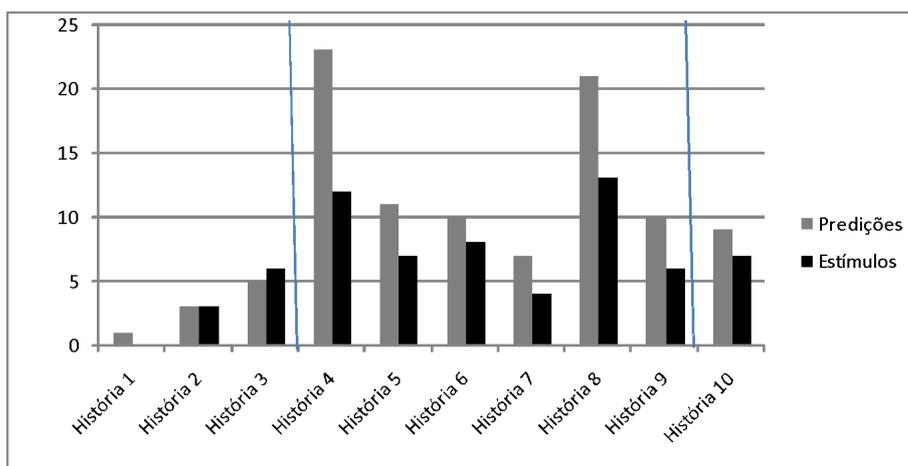
##### 1) Aumenta a produção de inferências de predição não solicitadas pela professora?

O primeiro gráfico (exposto abaixo) mostra a quantidade de predições realizadas pelas crianças (em cinza) e o quanto a professora solicitou que estas acontecessem, através das perguntas durante a leitura das histórias (em preto).

As predições foram contabilizadas todas as vezes em que as crianças se colocavam diante das situações da história, predizendo fatos sobre a esta (estando estas predições coerentes ou não, sendo repetidas ou não). Os estímulos da professora, por sua vez, foram contabilizados todas as vezes em que ela incentivou que as crianças realizassem inferências de predição, muitas vezes acontecendo desta repetir a pergunta, insistindo para que predições fossem formuladas.

O gráfico foi dividido em três partes, as quais ilustram os três momentos da construção dos dados (sem argumentação, com argumentação e sem argumentação), e pode ser visualizada logo abaixo:

Gráfico 1 - Produção de Inferências de Predição x Estímulo da professora para a produção de Inferências de Predição



Percebe-se que, no primeiro momento (caracterizado pelas três primeiras histórias), ocorrem predições na mesma proporção em que a professora estimula ou em menor quantidade. Relembrando que nas histórias 1 e 2 a professora não havia compreendido totalmente o que foi solicitado (motivo pelo qual ela não motiva nenhuma inferência de predição na história 1). Ressalta-se então a análise da história 3, onde aparecem menos predições do que a professora demandou.

No segundo momento, quando a argumentação é introduzida no ambiente de discussão, as predições aumentam e ocorrem mesmo quando a professora não estimula. Em todas as histórias as predições aparecem em maior quantidade do que os estímulos da professora. O que parece acontecer é que, quando a atividade argumentativa é introduzida e a atividade passa a ser refletida, as crianças colocam mais as suas opiniões nas discussões e, conseqüentemente, formulam mais predições.

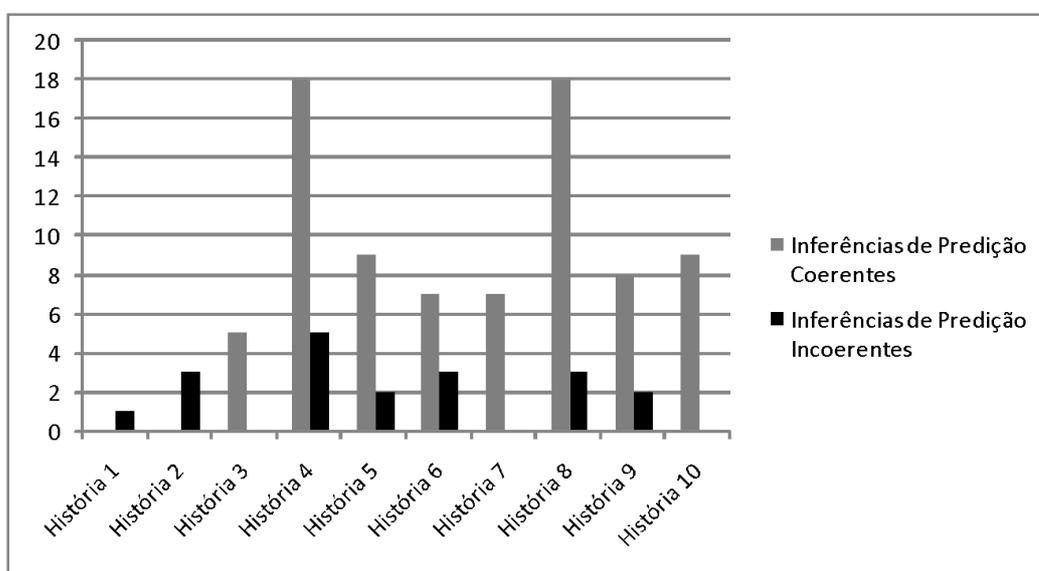
No terceiro momento, apesar de haver uma cessada por parte da professora nos estímulos à argumentação, as crianças continuam a se posicionarem diante das passagens da narrativa, apresentando inferências de predição além do que é estimulado pela professora.

Ressalta-se que a análise realizada aqui não se deteve no número de predições por parte das crianças e no número de solicitações realizadas da professora, uma vez que estes são variáveis de acordo também com o tamanho da história. A comparação realizada focou-se nas diferenças entre demandas/predições em cada uma das dez sessões.

2) As inferências de predição se tornaram mais coerentes ao longo das dez sessões?

Foram analisadas e contabilizadas todas as inferências de predição realizadas pelas crianças nas dez sessões de leitura de história. O gráfico abaixo mostra a quantidade de inferências de predição em cada história, separando-as em coerentes (cinza) e incoerentes (preto):

*Gráfico 2 - Produção de Inferências de Predição Coerentes x Produção de Inferências de Predição Incoerentes*

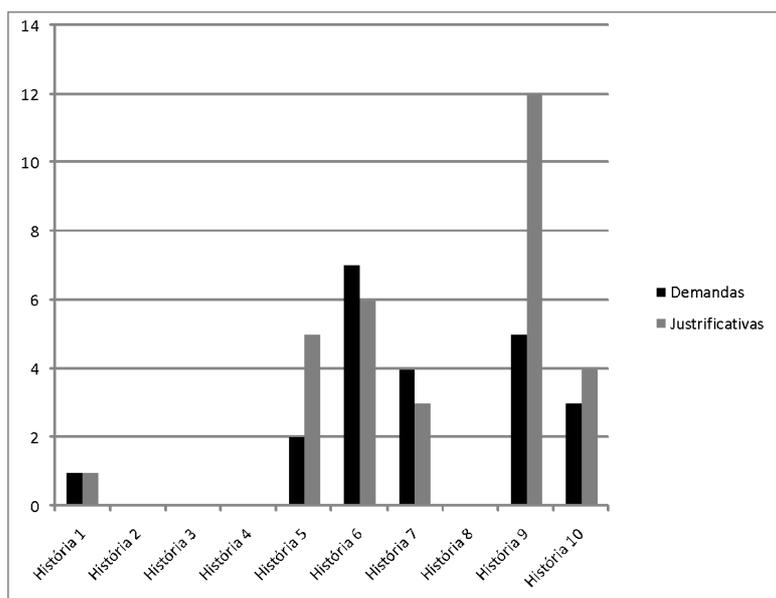


Percebe-se que, a partir desta análise, não se pode verificar um padrão de comportamento das crianças ao realizarem inferências coerentes e incoerentes. Entretanto, esses dados são de grande importância, uma vez que demonstram que as crianças, mesmo ainda não-leitoras, realizaram muito mais inferências coerentes do que incoerentes, demonstrando atenção e engajamento na atividade realizada pela professora, além da compreensão dos textos que eram lidos pela professora.

3) Existe um aumento de frequência de justificção espontânea de predições? Isto é, quando fazem uma predição, as crianças a justificam mesmo sem a professora solicitar especificamente a justificativa?

O gráfico abaixo demonstra todas as vezes em que a professora solicitou que as crianças justificassem suas inferências de predição (fornecessem as bases dessa inferência) e todas as vezes que as crianças o fizeram, sendo solicitadas ou não.

*Gráfico 3 - Demandas de justificativas por parte da professora x Justificativas das Inferências de Predição produzidas pelas crianças*



Os dados demonstram que todas as vezes que a professora solicitou que as crianças justificassem suas predições, estas corresponderam. Em algumas situações, (histórias 5, 9 e 10) as justificativas aconteceram em maior quantidade do que foi pedido pela professora, ou seja, mesmo que não fossem demandadas, as crianças produziram justificativas para seus posicionamentos. Entretanto, percebe-se também que foi necessário que a professora, em algum momento estimulasse essas bases, pois quando não isso não foi feito em nenhum momento por parte desta, as crianças também não se preocuparam em fazê-lo.

A tendência apresentada aqui relaciona-se com a necessidade, por parte das crianças, em que seja solicitado uma explicitação do seu posicionamento. Quando isso ocorre, estas se mostram capazes não só de realizar as inferências de predição, bem como de justificá-las.

## 5 CONCLUSÃO

Retomando o objetivo geral dessa investigação, que foi compreender melhor como ocorre o processo de geração de inferências de predição por crianças ainda não leitoras no contexto de leitura de narrativas em sala de aula e sua relação com a argumentação, algumas considerações podem ser apresentadas.

Cavalcante (2006) defende que é no processo argumentativo que são constituídas as inferências de predição, pela elaboração de hipóteses sobre a fatos do texto, que podem ser justificadas, refutadas, ajustadas ou confirmadas durante o processo que leva à compreensão textual. Sua hipótese de trabalho era de que “as inferências de predição, como possuem natureza argumentativa, possibilitam a emergência das operações argumentativas (pontos de vista, justificativas e movimentos opositivos)” (p.99)

Tomando como pressuposto as idéias defendidas por essa autora, a hipótese deste trabalho foi de que, se predizer em situações em que existem múltiplas alternativas ‘convoca’ argumentação, é possível que contextos argumentativos (reflexivos) criados em situações de leitura/escuta sejam contextos privilegiados para desenvolvimento de capacidades de inferenciação.

Os dados demonstraram como crianças que ainda não dominam a leitura constroem inferências de predição a partir de um texto que está sendo lido para elas. Estas foram capazes não só de gerar processos inferenciais de predição, como também explicitar as bases dessas inferências quando devidamente solicitadas. É interessante perceber que a maioria das inferências de predição foi considerada coerente, mostrando um bom desempenho de crianças dessa faixa etária na compreensão dos textos lidos nas situações de produção propostas neste estudo.

Marcuschi (1985) faz algumas colocações sobre a relevância didática em se estudar os processos inferenciais:

1. A necessidade de uma noção de texto como unidade linguística de natureza comunicativa. Isso implica ao professor trabalhar o texto numa perspectiva menos estanque, desenvolvendo exercícios que permitam a penetração do implícito e nas intenções subjacentes.

2. A necessidade do professor em trabalhar o leitor a partir de uma perspectiva crítica, desenvolvendo sua capacidade de raciocínio que vá além da contextualização cognitiva estrita.

Levando esses aspectos em consideração, o estudo mostrou que quando demandadas a argumentar, seja apresentando pontos de vista, justificativas, oposições ou respostas às oposições, as crianças produziram maior número de inferências de predição. As justificativas para que isso tenha ocorrido podem ser inúmeras, uma vez que não teve-se como intuito isolar variáveis que possivelmente pudessem estar influenciando nestes resultados. O que podemos concluir é que o ambiente rico em atividade reflexiva, proporcionado por estímulos a processos argumentativos, fez com que predições fossem mais frequentemente formuladas, justificadas e revistas. que a atividade argumentativa favoreceu ainda que predições pudessem ser revistas, defendidas e modificadas. As crianças, diante de pontos de vista diferentes, puderam refletir sobre os diversos sentidos que o texto poderia proporcionar.

O salto qualitativo das produções discursivas das primeiras histórias para as demais se apresentou não só por parte dos alunos, mas também da professora, a qual se engajou na proposta deste estudo modificando sua forma de trabalhar com seus alunos. Enquanto de início o foco dela recaía sobre a compreensão descritiva dos fatos narrados, esta passou a dar importância ao aluno enquanto sujeito participativo na produção desse novo texto que está sendo criado em sala de aula, desenvolvendo o raciocínio crítico destes diante de um texto.

Enfatiza-se também a ação da professora em não rejeitar de imediato as inferências das crianças, muitas vezes recorrendo ao texto para aceitá-las ou não. Como dito anteriormente, fazendo isso, ela não só prende a atenção das crianças para a continuidade da história, favorecendo o interesse pela atividade de leitura, mas também as informa de que as inferências precisam ser legitimadas pelo próprio texto, não sendo um simples processo de adivinhação.

Na macro-análise pôde-se perceber a importância do papel da professora em todo o processo de produção discursiva das crianças, uma vez que o seu incentivo foi essencial para alguns aspectos trabalhados, como no caso das justificações das inferências.

Com relação ao método adotado faz necessário problematizar a questão das diferenças e semelhanças entre inferências de predição feitas *on-line* de fato (internas e na velocidade da leitura ou da escuta cotidiana) e inferências feitas de modo externalizado num processo lentificado. O método utilizado neste estudo procurou explicitar o “diálogo” subjacente à compreensão. Ao dizer isso não se quer dizer que o que acontece durante a leitura na sala de aula é um “espelho” do que se passa no diálogo interno, presente na compreensão. A hipótese que se assume é de similaridade (paralelo), não de identidade.

O método utilizado e os resultados obtidos podem também levar a uma reflexão sobre a dimensão metacognitiva no processo de aprendizagem. Ao fazer com que o processo de inferenciação se torne uma atividade consciente e controlada, permite-se a elaboração de diversas possibilidades de fazer sentido para o texto, possibilitando ao leitor realizar uma auto-avaliação constante da própria compreensão.

Finaliza-se então ressaltando o que se considera fundamental no contexto pedagógico com relação à aprendizagem da leitura: compreender não é só escutar a história e entender a língua, reconhecer o que está sendo falado ou lido; mas sim entendê-la enquanto ato comunicativo na sua realidade concreta e viva, podendo questionar e refletir sobre o que se fala e escuta, lê e escreve, numa atitude responsiva ininterrupta. Segundo Smolka (2007):

Investigar, portanto, as relações de ensino e, nessas relações, examinar os modos de participação dos alunos na construção do conhecimento, ouvi-los, procurar entender como eles operam, de onde partem, como relacionam informações e conhecimentos, como justificam ou explicam essas relações, que suposições ou hipóteses elaboram, pode contribuir para o refinamento do olhar e dos modos de considerar o que acontece no espaço institucional da escola. No entanto, investigar a argumentação em aula supõe, também, um certo modo de trabalhar a relação de ensino, ou seja, supõe que haja espaço para elaboração conjunta e diálogo aberto e supõe, ainda, a possibilidade de registro desse trabalho em sala.

Neste aspecto, o estudo sugere possibilidades de tornar a leitura em sala de aula uma experiência de reflexão sobre as bases das inferências (logo, da compreensão) feitas, sobre a atenção ao texto como uma das fontes primárias de dados para a realização de inferências. E as possibilidades também de trabalhar com-

preensão/inferenciação em situações discursivas outras que não só as clássicas perguntas/respostas - quer sobre compreensões literais, quer sobre inferências, destacando o papel essencial da professora nestes processos.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. G. G. (2004) Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto. Quem faz uma citação também aumenta um? Intertextualidade e polifonia no texto científico. Revista da Faced, nº 08.
- BAKHTIN, M. (1997) A Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes.
- BAKHTIN, M. (2006) Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec.
- BRANDÃO, A. C. P.; SPINILLO, A. G. (1998) Aspectos gerais e específicos na compreensão de textos. Revista: Psicologia Reflexão e Crítica, 11 (2), pp.
- CAVALCANTE, T. C. F. Inferência e Argumentação na constituição da compreensão textual. (2006) Tese (Doutorado) – Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- FARACO, C. A. (2003) Linguagem & Diálogo: as idéias lingüistas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições.
- FÁVERO, L. L. (1997) Coesão e Coerência Textuais. 4ª Edição, Série Princípios, São Paulo: Ática
- FIORIN, J. L. (2006) Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática
- FREIRE (1991) A importância do ato de ler: três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez.
- KINTSCH, W. (1998). Comprehension: a paradigm for cognition. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEITÃO, S. (1996) A construção de argumentos no cotidiano. Em: Tópicos em Psicologia Cognitiva. Dias, M. G. & Spinillo, A. G. (org). Recife: Editora Universitária da UFPE.
- LEITÃO, S. (1996) Perspectivas no Estudo da Argumentação Quotidiana. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 12, (1), 11-21.
- LEITÃO, S. (1999) Contribuições dos estudos contemporâneos da argumentação a uma análise psicológica de processos de construção de conhecimento em sala de aula. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 1, 91-109.
- LEITÃO, S. (2003) Argumentação como processo de construção de conhecimento. Belo Horizonte, MG.
- LEITÃO, S. (2007) Processos de construção do conhecimento: a argumentação em foco. Pro-Posições, 18, (3), 75-92.

LEITÃO, S.; FERREIRA, A. P. M. (2006) Argumentação Infantil: condutas opositivas e antecipação de oposição. Em: A. G. Spinillo & L. Meira (org.) *Psicologia Cognitiva: Cultura, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Recife: Editora Universitária da UFPE.

MAHON, E. R.; SPINILLO, A. G. (2007) Compreensão de textos em crianças: comparação entre diferentes classes de inferências a partir de uma metodologia on-line. *Revista: Psicologia Reflexão e Crítica*, 20 (3)

MARCUSCHI (1985) Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. *Leitura: teoria e prática*: 4, 1-14.

MARCUSCHI, L. A. (1996). O livro didático de língua portuguesa em questão: o caso da compreensão de texto.

MORATO, E. M. (2000) Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. *Educação e Sociedade*. v.21; n.71.

PINTO, R. C. (1995). The relation of argument to inference. In: F. H. Van Eemeren; R. Grootendorst; J. A. Blair e C. A. Willard (eds.). *perspectives and approaches*. (pp. 271-286). Amsterdam: International Centre for Study of Argumentation.

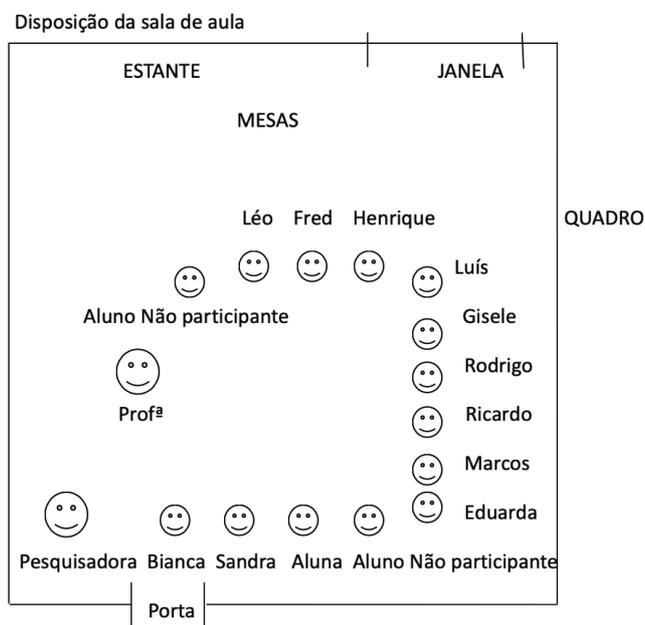
SANTA-CLARA, A.; SPINILLO, A. G. (2006). Pontos de convergência entre o inferir e o argumentar. *Psicologia: teoria e pesquisa*. V. 22, n.1 Brasília Jan/abr.

SERRA, J.; OLLER (2003) Estratégias de leitura e compreensão do texto no ensino fundamental e médio. Em Teberosky, A. (et. al.). *Compreensão de Leitura, a língua como procedimento*. Porto Alegre: Artmed Editora.

SOLE, I. (2003). Ler, leitura, compreensão: `sempre falamos da mesma coisa´. Em Teberosky, A. (et al.). *Compreensão de leitura. A língua como procedimento*. Porto Alegre: Artmed Editora.

VYGOTSKY, I. S. (2005) Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes.

## APÊNDICE A – ANÁLISE DA HISTÓRIA 1



Descrição da situação: Primeira situação de produção dos dados. A professora pareceu um pouco nervosa, porém as crianças não demonstraram nenhuma forma de incômodo com a gravação. Foi novamente explicado o propósito da pesquisa para eles e iniciada a história, como todos os alunos sentados em rodinha no chão da sala de aula, como era de costume no dia a dia deles neste tipo de atividade. A professora iniciou com uma votação entre dois livros, deixando-os escolher qual deles queriam que fosse lido. A história escolhida pelas crianças foi “Cocoricó, seres vivos”, a qual faz parte de uma coleção com os mesmos personagens, bastante conhecidos também pelas crianças por fazerem parte de um desenho animado. Duração de aproximadamente 07 minutos.

Resumo da História: A história conta uma situação onde Júlio comenta que sua professora pediu que ele e os demais colegas escolhessem um ser vivo para cuidar e então os outros personagens resolvem tomar a mesma atitude.

Tópico 1: "Início da História e discussão sobre os seus personagens"

História	Inferência	Argumentação
1. <u>Professora</u> : Quem quer "O corvo que quis imitar a águia" levanta a mão... 1, 2, 3, 4, 5... Ganhou quem?		
2. <u>Alguns alunos</u> : Cocoricó!!!		
3. <u>Professora</u> : Então eu vou contar a história do Cocoricó... (ALUNO LEVANTA AS MÃOS - TIPO, EBAAAA) Cocoricó, seres vivos... é da editora melhores amigos, ta? (ENTRA UM ALUNO ATRASADO) (INICIA A HISTÓRIA) "Júlio está no paiol cuidado de um vasinho de planta quando Lilica e Alípio chegam. Na escola, a professora manda cada aluno cuidar de alguém. 'Eu escolhi essa flor', conta Júlio aos amigos. Eles gostam da idéia e resolvem sair para procurar alguém para eles cuidarem também. Então Júlio foi para a escola e lá na escola a professora disse assim: 'você vão escolher um ser vivo para adotar e tomar conta dele.' Quando isso aconteceu os outros gostaram da idéia..." Quem gostou da idéia? Quem lembra? [VÁRIOS ALUNOS LEVANTAM A MÃO FALANDO "EU"] Quem gostou da idéia aqui na história? Quem foi? [ALGUNS ALUNOS CONTINUAM COM A MÃO LEVANTADA E FALAM "EU"] Quem foi o personagem que tava na história?	Pergunta Literal - Estimula uma Descrição	Estimula um PV
4. <u>Ricardo</u> : Júlio	Resposta Descritiva Incorreta	Ponto de vista 1.1
5. <u>Professora</u> : Júlio foi pra escola. Quem estava e que gostou da idéia?	Não aceita	Oposição ao PV 1.1

6. <u>Aluna</u> : Amanda...	Resposta Descritiva Incorreta	PV 1.2
7. <u>Professora</u> : Amanda? Tem Amanda em Cocoricó?	Questiona a Resposta	Oposição ao PV 1.2
8. <u>Alguns alunos</u> : Nãããã.	Se opõem à resposta do T6	Concordam com a oposição
9. <u>Professora</u> : Tem não Amanda em Cocoricó não. Eu vou ler outra vez pra ver quem consegue entender. “Júlio tava no paiol cuidando de um vasinho de planta quando Lilica e Alípio chegam.”		
10. <u>Ricardo</u> : Alípio!!!	Resposta Descritiva incompleta	PV 1.3
11. <u>Professora</u> : Quem estava com ele?	Estimula complementação da resposta	Oposição implícita, o PV 1.3 ainda não é aceitável porque não está completo.
12. <u>Ricardo</u> : Alípiooooo!!! E lilica!!!	Complementa a resposta	Complementa o PV 1.3
13. <u>Professora</u> : Ah sim, eu pensei que era só Alípio que estava ali. Também estava...	Aceita a resposta	
14. <u>Ricardo</u> : Lilica		
15. <u>Professora</u> : E gostaram de que?	Pergunta Literal	
16. <u>Maya</u> : Da idéia.	Resposta Descritiva	

### Tópico 2: “Idéia de cuidar de um ser vivo”

17. <u>Professora</u> : Da idéia. E que idéia era essa?	Pergunta Literal	Pergunta 2
18. <u>Maya</u> : Cuidar do vasinho de planta.	Resposta Descritiva	PV 2.1

19. <u>Professora</u> : Ah, cuidar do vasinho de planta. Só pode ser um vasinho de planta?		Aceita o PV 2.1 e estimula novos PVs
20. <u>Alunos</u> : Não		
21. <u>Professora</u> : Podia ser o quê também?	Estimula uma inferência de predição	
22. <u>Ricardo</u> : Um animal.	Inferência de predição coerente	PV 2.2
23. <u>Professora</u> : Por que pode ser um animal? Porquê?	Estimula as bases da inferência	Estimula uma justificativa
24. <u>Maya</u> : É um ser vivo.	Oferece as bases da inferência - baseada no conhecimento de mundo de que um animal é um ser vivo	Concorda com o PV 2.2 e apresenta uma Justificativa do PV 2.2
25. <u>Professora</u> : Ah, porque é um ser vivo. Continuando a história, vamos ver o que vai acontecer. (LENDO) “Lilica e Júlio vão até o quintal procurar um bichinho. Pouco depois, Lilica volta feliz com um gatinho: ‘- Julio, veja só o que eu encontrei.-’ ‘ Puxa, puxa, Lilica, você pode dar leite pra ele’”. Então Lilica achou um gatinho e ela já estava feliz. Ó, uma idéia: “- Vamos pedir leite para a Mimosa’, sugere Júlio.”	Aceita as bases da inferência	Aceita a justificativa do PV 2.2
26. <u>Ricardo</u> : A Mimosa é a vaca.	já conhecia a história, bem como suas personagens	

<p>27.<u>Professora</u>: [LENDO A HISTÓRIA]  “Enquanto Lilica e Júlio vão buscar o leite... tcham, tcham, tcham, tcham... Enquanto Lilica vai, Alípio continua procurando, coitadinho... Só ele que não tinha encontrado alguém pra ele cuidar. De repente...” O que será que vai acontecer, que ele vai encontrar? ‘ - Que pedra mais bonita, diz Alípio.’ E dá um beijo na pedra. Sem que Alípio perceba, Oriba se esconde e resolve brincar com ele, falando como se fosse a pedra. ‘-Ué, quem me chama?’ Pergunta Alípio encantado. - Falo, canto e estou com fome’, responde Oriba, fingindo-se se pedra.”</p>		
<p>28.<u>Ricardo</u>: Oriba é a mulher.</p>	<p>Já conhecia a história, bem como suas personagens</p>	

### Tópico 3: “Se pedra tem ou não vida”

<p>29.<u>Professora</u>: [CONTINUA A HISTÓRIA] ‘ -“Ah, pode deixar, Dona Pedra, eu vou cuidar de você.’ E Alípio vai correndo para o paiol pegar comida para sua nova amiga.” Quem acha que a pedra é um ser vivo? Levanta a mão.</p>	<p>Pergunta de conhecimento de mundo</p>	<p>Estimula um PV</p>
---	--	-----------------------

30. <u>Henrique</u> : (LEVANTA A MÃO, OLHA PARA OS AMIGOS E LOGO ABAIXA)		PV 3.1 - Oposição (ninguém levantou a mão) - Resposta (concorda com os amigos e volta atrás com relação ao ponto de vista inicial)
31. <u>Professora</u> : A pedra tem vida, é?	Repete a pergunta	Oposição ao PV 3.1
32. <u>Alunos</u> : Não	Resposta baseada no conhecimento de mundo	PV 3.2

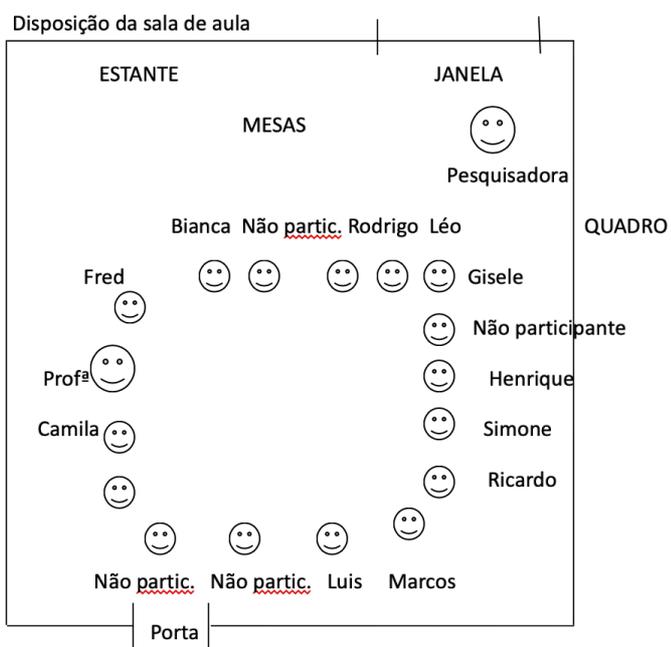
*Tópico 4: "Discussão sobre quem está atrás da pedra/ finalização da história"*

33. <u>Professora</u> : Tem não. Mas vamos ver o que vai acontecer. Ele não sabe, mas quem está atrás da pedra?	Pergunta Literal	Estimula um PV
34. <u>Henrique</u> : Lilica.	Resposta descritiva	Ponto de vista 4.1
35. <u>Professora</u> : Lilica?	Se opõe à resposta	Oposição implícita
36. <u>Ricardo</u> : Não... Lilica é a galinha...	Concorda com a oposição	Oposição ao PV 4.1 e justificativa
37. <u>Professora</u> : Não, então quem está?	Repete a pergunta	Estimula um novo PV
38. <u>Maya</u> : Oriba.	Resposta descritiva	PV 4.2

<p>39.<u>Professora</u>: Oriba está atrás da pedra... [CONTINUA A HISTÓRIA] “Ao chegar no paiol, deu logo um grito: ‘- Amigos, amigos, encontrei um ser vivo que falou comigo, (...) vocês querem conhecer?’ Então, Júlio e Lilica vão conhecer a nova amiga de Alípio. O pangaré aproveita para levar uma espiga de milho para ela, e lá se vão eles conhecer essa tal amiga de...” Quem?</p>	<p>Pergunta Literal</p>	
<p>40.<u>Alguém</u>: de Alípio</p>	<p>Resposta Descritiva</p>	
<p>41.<u>Professora</u>: De Alípio. [CONTINUANDO A HISTÓRIA] “Alípio todo entusiasmado, coitadinho, conta ao pessoal como conheceu uma nova amiga. Ao encontrar a pedra, ouve uma voz dizendo “rá-rá-rá, adoro milho. ‘A pedra está falando’ disse Júlio e Lilica. Eles ficam admirados, esperando o que vai acontecer.” Olha só.</p>		
<p>42.<u>Ricardo</u>: Eu acho que ela vai pular.</p>	<p>Inferência de Predição (Incoerente, já foi discutido o fato da pedra não ter vida, portanto pedra não pula)</p>	

<p>43. <u>Professora</u>: [CONTINUANDO A HISTÓRIA]  “Mas ao ouvir a voz da pedra, Júlio desconfia:  ‘Opa, opa, opa, eu conheço essa risadinha,  Oriba!’ ‘Surpresa!!!’ A indiazinha aparece  então, saindo de trás da pedra. Alípio fica  decepcionado, pois acreditou que a pedra  estava viva. Depois de tudo esclarecido, Júlio  promete que vai ajudar Alípio a encontrar  alguém para ele cuidar. Só que Alípio já sabia  de quem ele ia cuidar: ‘Sabe, acho que já  encontrei de quem eu vou cuidar. A minha  barriguinha, ela já está pedindo cenouras’. E  todos acharam graça da nova amiga do  pangaré.” Quem gostou da história?</p>		
<p>44. <u>Alunos</u>: [LEVANTAM A MÃO] Euuuuu</p>		
<p>45. <u>Professora</u>: Esse pangaré é mesmo esperto,  né? Essa foi a história de quem?</p>	<p>Pergunta Literal</p>	
<p>46. <u>Alunos</u>: Cocoricó</p>	<p>Resposta  descritiva</p>	
<p>47. <u>Professora</u>: Cocoricó é um personagem só  ou são muitos?</p>	<p>Pergunta Literal</p>	
<p>48. <u>Alunos</u>: Muitos.</p>	<p>Resposta  descritiva</p>	
<p>49. <u>Professora</u>: Muitos. Essa história foi a  história de quê? Cocoricó contando o quê?</p>	<p>Pergunta Literal</p>	
<p>50. <u>Alunos</u>: Dos seres vivos.</p>	<p>Resposta  descritiva</p>	
<p>51. <u>Professora</u>: <u>Dos seres vivos. Quem gostou  da história agora bate palmas, bem forte.</u></p>		
<p>[ALUNOS BATEM PALMAS.]</p>		

## APÊNDICE B – ANÁLISE DA HISTÓRIA 2



Descrição da situação: A história escolhida neste dia pela professora foi a colocada em votação na situação anterior e que tinha sido preterida pelos alunos. Novamente a professora os colocou na rodinha. Estes estavam bastante dispersos durante a leitura e a professora demonstrou estar bastante incomodada com a situação, se mostrando dispersa. Duração de aproximadamente 08 minutos e 30 segundos.

Resumo da História: A história tinha como título “o corvo que quis imitar a águia” e falava sobre um corvo que, após observar uma águia erguer um cordeiro, tentou imita-la, ficando preso na lã da ovelha.

*Tópico 1: “Discussão sobre o que é um corvo”*

<i>História</i>	<i>Inferência</i>	<i>Argumentação</i>
<i>1. Prof: Primeiro eu vou perguntar uma coisa a vocês. Não precisa dizer ‘eu sei, eu sei’, porque eu quero saber de cada um que achar que sabe... Eu queria saber quem é que sabe... o nome da história é “o corvo que quis imitar a... [PÁRA PARA CHAMAR A ATENÇÃO DE UM ALUNO QUE TAVA BRINCANDO]</i>		
<i>2. Aluno 1: A ovelha...</i>	<i>Inferência Coerente, pela figura do livro</i>	
<i>3. Aluno 2: Ovelha...</i>	<i>Repete a inferência</i>	
<i>4. Aluno 3: Tubarão...</i>	<i>Inf. Incoerente</i>	

5. <u>Prof:</u> A águia. Espera pra ver. A águia. Nem sempre a imagem diz o que a gente tá lendo. A imagem é muito o que a pessoa desenha. [chama a atenção dos alunos] Rodrigo e Léo, se não conseguirem eu vou ter que tirar. Olha só. Henrique, você sabe o que é um corvo?	Pergunta de conhecimento de mundo	Pergunta 1
6. <u>Alguém:</u> Eu sei.	Pede a palavra	
7. <u>Prof:</u> Eu tô perguntando a Henrique. Henrique, você sabe o que é um corvo?	Enfatiza a vez de Henrique / Repete a pergunta	
8. <u>Henrique:</u> [BALANÇA A CABEÇA NEGATIVAMENTE].	Resposta de conhecimento de mundo – não sabe	
9. <u>Prof:</u> Ricardo, você sabe o que é um corvo?		
10. <u>Ricardo:</u> fica calado.		
11. <u>Marcos:</u> [LEVANTA A MÃO] Eu	Pede a palavra	
12. <u>Prof:</u> Diga.	Concede a palavra à Marcos	
13. <u>Marcos:</u> É um pavão.	Resposta Inferencial	PV 1.1
14. <u>Prof:</u> Ele acha que é um pavão, você acha que é o quê? [APONTA PARA UM RODRIGO]		
15. <u>Rodrigo:</u> Eu acho que é uma criatura do mar.	Resposta Inferencial	PV 1.2
16. <u>Prof:</u> Uma criatura do mau.	Entende errado a inferência	
17. <u>Rodrigo:</u> Nãããão, do mar...	Corrige a professora	
18. <u>Alunos:</u> Do mar!!!	Enfatizam a correção	
19. <u>Prof:</u> Ah, do mar. Tá certo. Vocês, olhando a imagem, vocês acham que o corvo é o que? Ele diz um gavião.	Aceita a correção/ repete a inferência erradamente	

20. <u>Marcos</u> : Eu disse um pavão.	Corrige a professora	
--	----------------------	--

**Tópico 2: “O que significa a palavra erguer”**

21. <u>Prof</u> : Um pavão, um pássaro. E você disse uma criatura do mar. Vamos ver, eu vou começar. [INICIA A HISTÓRIA] “O corvo que quis imitar a águia. Pousado numa galha de uma árvore, o corvo admirou-se ao ver a águia pegar um cordeiro com as garras e erguê-lo com facilidade do chão.” O que é erguer?	Pergunta de Conhecimento de mundo	
22. <u>Henrique</u> : Pegar, carregar.	Resposta de	
23. <u>Marcos</u> : Carregar	Repete a resposta	
24. <u>Prof</u> : Pegar, carregar, levantar. Quem foi que pegou o cordeiro?	Pergunta Literal	
25. <u>Henrique</u> : A águia	Resposta Descritiva	
26. <u>Ricardo</u> : O gavião	Resposta Descritiva	
27. <u>Simone</u> : A águia	Resposta Descritiva	
28. <u>Prof</u> : A águia. O cordeiro, que animal é o cordeiro?		
29. <u>Henrique</u> : Ovelha		

**Tópico 3: “Discussão sobre as passagens lidas do texto”**

30. <u>Prof.</u> : Ovelha. Então a águia ergueu ele. [CONTINUANDO A HISTÓRIA] “A águia levou o cordeiro para o seu ninho, nas montanhas, batendo as asas como se não levasse nenhum peso. O corvo ficou admirado e com inveja de não poder imitar a águia e quis fazer o mesmo. Embora fosse menor em tamanho, o corvo tinha uma fome voraz, além disso, um cordeiro seria um prato delicioso para ele.” Lá está ele, ó [MOSTRA O DESENHO DO LIVRO]. Ele está onde, Guilherme? O corvo?	Pergunta Literal	
31. <u>Alguém</u> : Na árvore.	Resposta Descritiva	
32. <u>Prof.</u> : Deixa Guilherme falar.	Assegura o turno	
33. <u>Guilherme</u> : Em cima da árvore.	Resposta Descritiva	
34. <u>Prof.</u> : Em cima da árvore. Ele estava fazendo o que Eduarda?	Pergunta Literal	
35. <u>Simone</u> : Olhando.	Resposta Descritiva	
36. <u>Prof.</u> : Eduarda, Simone.	Assegura o turno	
37. <u>Eduarda</u> : Olhando.	Resposta Descritiva	
38. <u>Prof.</u> : Não é o momento de Simone agora, né, amor? Olhando o quê, Gisele, o que ele tava olhando?	Pergunta Literal	Pergunta 2
39. <u>Alguém</u> : O corvo.	Resposta Descritiva	PV 2.1
40. <u>Gisele</u> : [NÃO DÁ PRA ENTENDER]		
41. <u>Prof.</u> : O cordeiro, era, Ricardo, que ele tava olhando?	Pergunta Literal	
42. <u>Ricardo</u> : Não, ele tava olhando o Gavião.	Resposta Descritiva errada	(oposição ao PV 2.1) + PV 2.2
43. <u>Prof.</u> : O gavião? Será que era um gavião mesmo?	Não aceita a resposta	Oposição ao PV 2.2

44. <u>Alguns alunos (Henrique, Marcos):</u> A águia, a águia.	Resposta Descritiva	Resposta à Oposição do PV 2.2
45. <u>Prof:</u> Por que ele tava com tanta inveja da águia, Henrique?	Pergunta Literal	
46. <u>Henrique:</u> Porque ele queria imitar, a águia.	Resposta Descritiva	
47. <u>Prof:</u> Ah, porque ele queria imitar. E porque ele queria imitar, hein?	Pergunta Literal	
48. <u>Marcos:</u> Por que ele tava com muita fome.	Resposta Descritiva	
49. <u>Prof:</u> Muita fome. E queria pegar quem mesmo?	Pergunta Literal	
50. <u>Ricardo:</u> O cordeiro.	Resposta Descritiva	
51. <u>Marcos:</u> O cordeiro.	Repete a resposta	
52. <u>Prof:</u> O cordeiro. Vamos ver se ele vai conseguir.	Aceita a resposta	
53. <u>Henrique:</u> Eu acho que sim.	Inferência de predição Incoerente, que o corvo era menor que a águia,	

**Tópico 4: “Se o corvo vai ter dificuldades em erguer um cordeiro”**

54. <u>Prof:</u> [CONTINUANDO A HISTÓRIA] “Não demorou muito e o corvo se aproximou dos cordeiros que pastavam tranquilamente. Ele, muito esperto, foi pra junto dos...”		
55. <u>Alunos:</u> Cordeiros!!!	Resposta Descritiva	

<p>56.<u>Prof:</u> [CONTINUANDO A HISTÓRIA]  “...cordeiros. Com os olhos atentos...”  [PAUSA NA HISTÓRIA] olhos atentos é assim ó, bem atentos como eu estou olhando agora [CONTINUANDO A HISTÓRIA]  “escolheu um dos cordeiros bem gordinho, imaginando que o banquete seria uma delícia. Não esperou muito, voou baixo e tentou pegar a vítima. ‘ “Você é um cordeiro magnífico, gordo, bonito, será uma ótima refeição’...”</p>		
<p>57.<u>Léo:</u> Tia, Rodrigo tá me atrapalhando.</p>		
<p>58.<u>Prof:</u> [CONTINUANDO A HISTÓRIA]  “...Dizendo essas palavras, lançou-se e nheco. Começou a berrar o cordeiro, coitado.”</p>		
<p>59.<u>Ricardo:</u> Bééé, bééé</p>		
<p>60.<u>Prof:</u> Mas o corvo quis imitar a águia, viu Léo, sem pensar que poderia ter dificuldades... Vocês acham que ele vai ter dificuldade?</p>	<p>Pergunta Inferencial de Predição</p>	<p>Pergunta 3</p>
<p>61.<u>Ricardo:</u> Nããão (balançando a cabeça negativamente).</p>	<p>Inferência de predição Incoerente</p>	<p>PV 3.1</p>
<p>62.<u>Outros alunos:</u> Nããão.</p>	<p>Concordam com a inferência</p>	
<p>63.<u>Prof:</u> Você acha que ele vai conseguir?</p>	<p>Pergunta Inferencial de Predição</p>	<p>Oposição</p>
<p>64.<u>Ricardo:</u> Nããão. Eu tenho uma história dessa, ele vai enrolar o pé .</p>	<p>Já conhecia a história</p>	<p>PV 3.2 + Justificativa</p>
<p>65.<u>Prof:</u> Eita, então guarda aí, guarda, guarda... Olha só...</p>		
<p>66.<u>Léo:</u> Tia... (APONTA PARA RODRIGO QUE TÁ EMPURRANDO ELE)</p>		

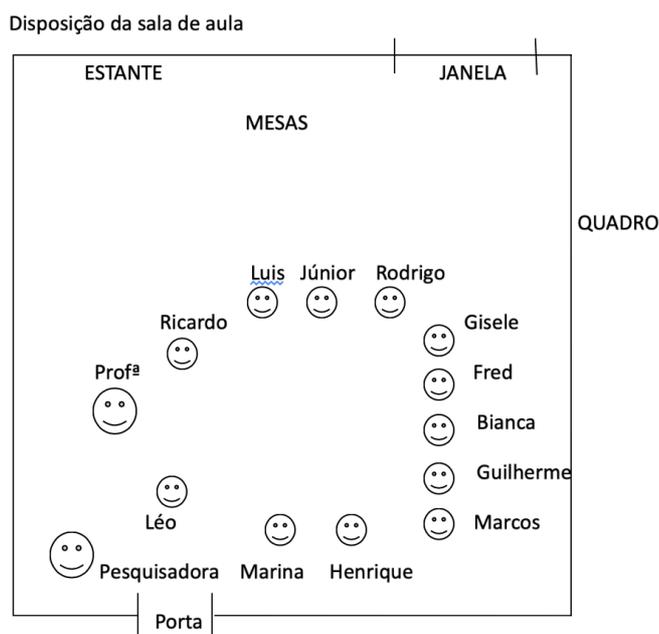
*Tópico 5: Finalização da história*

67. <u>Prof.</u> : [CONTINUANDO A HISTÓRIA] “Mas o corvo quis imitar pensando que ia conseguir...”		
[RODRIGO FICA DANDO MURRO EM LÉO]		
68. <u>Prof.</u> : [CONTINUANDO A HISTÓRIA] “...o corvo não imaginava que o cordeiro fosse tão pesado. A águia tinha mais força e as garras maiores...”		
69. <u>Léo</u> : Tia! [SE LEVANTA E MUDA DE LUGAR]		
70. <u>Prof.</u> : Será que hoje eu vou ter que tirar alguém? Eu acho que vou ter que tirar Léo e o outro Luis. Os dois. O que quê a águia tinha mais que o corvo? Eu acabei de ler.	<i>Pergunta Literal</i>	
71. <u>Ricardo</u> : Mais força!!!	<i>Resposta Descritiva</i>	

<p>72.<u>Prof</u>: Mais força. E aí ele ficou ó, olha ele lá [MOSTRA O DESENHO DO LIVRO PARA AS CRIANÇAS] admirando, admirando, admirando... E também as patas do corvo eram... [VAI SEPARAR DOIS ALUNOS] Dá licença meu amor, eu já pedi tanto. [MUDA UM DOS ALUNOS DE LUGAR.] Eu vou inverter minha posição, eu vou ficar assim, pra ver se Luis consegue. [VAI PRA OUTRO LUGAR NA RODA] [CONTINUANDO A HISTÓRIA] “As patas do corvo também eram mais curtas e finas...” [LÉO VOLTA PARA JUNTO DE RODRIGO] “...por isso, devido à lã espessa.” [PAUSA NA HISTÓRIA] O que é espessa? Quem sabe o que é espessa? Espessa quer dizer muito, quer dizer que ela tá enroscada, aí ele não conseguia pegar o cordeiro bem. [CONTINUANDO A HISTÓRIA] “Mas além do corvo não poder erguê-lo do chão, ainda ficou preso na lã. Quando o cordeiro começou a gritar, chegou alguém lá...” [PAUSA NA HISTÓRIA] Quem chegou?</p>	<p>Pergunta Inferencial de Predição</p>	
<p>73.<u>Ricardo</u>: Bééé</p>		
<p>74.<u>Aluno</u>: O corvo</p>	<p>Predição Incoerente - o corvo já estava na história</p>	

<p>75.<u>Prof.</u>: [CONTINUANDO A HISTÓRIA] “O pastor, que pastorava as ovelhas, chegou com os gritos do cordeiro. O pastor levou o corvo para que seus filhos brincassem com ele e ele ficou preso por muito tempo.” [PAUSA NA HISTÓRIA] Pegou o corvo, ó, e disse ‘agora eu vou te pegar’... Pegou o corvo e levou para os filhos dele brincar. [CONTINUANDO A HISTÓRIA] “Assim, o corvo teve tempo para meditar sobre as conseqüências de querer imitar os outros sem ter as mesmas condições que eles.” [TÉRMINO DA HISTÓRIA] A gente tem que pensar que a gente tem que ser nós mesmos, o outro é o outro, devemos gostar da gente como a gente é. O corvo gostava dele mesmo?</p>	<p>Pergunta Inferencial</p>	
<p>76.<u>Alunos</u>: Nãããã.</p>	<p>Inferência</p>	
<p>77.<u>Prof.</u>: Ele queria ser alguém?</p>	<p>Pergunta Literal</p>	<p>Pergunta 4</p>
<p>78.<u>Alunos</u>: Nããã.</p>		<p>PV 4.1</p>
<p>79.<u>Prof.</u>: Ele queria ser alguém?</p>		<p>Oposição ao PV 4.1</p>
<p>80.<u>Alunos</u>: Queria.</p>		<p>Resposta à Oposição do PV 4.1, os alunos mudam de opinião.</p>
<p>81.<u>Prof.</u>: Ele queria ser quem?</p>	<p>Pergunta Literal</p>	
<p>82.<u>Henrique</u>: A águia</p>	<p>Resposta Descritiva</p>	<p>Justificativa da Resposta à Oposição do PV 4.1</p>
<p>83.<u>Prof.</u>: A águia. Mas ele também tinha que ver que ele tinha as qualidades dele, não é? Quem gostou da história?</p>		

## APÊNDICE C – ANÁLISE DA HISTÓRIA 4



Descrição da situação: Primeira história na qual foi solicitado que a professora implementasse atividades de argumentação durante as pausas. Esta demonstrou-se engajada na atividade, fazendo as crianças participarem bastante da situação. Duração de aproximadamente 7 minutos e 45 segundos.

Resumo da História: “O leão e o camundongo” fala do encontro entre esses dois personagens em dois momentos distintos. No primeiro o camundongo esbarra no leão e implora pra que este não o devore, o leão, sem fome no momento, deixa o camundongo ir embora. Num segundo momento o leão fica preso numa rede e encontra novamente o camundongo, que o salva e eles se tornam amigos.

*Tópico 1: “Discussão sobre o que o leão vai fazer com o camundongo”*

<i>História</i>	<i>Inferência</i>	<i>Argumentação</i>
<i>1. Prof: [A história já havia iniciado] “...ficou satisfeito depois da caçada e encontrou um belo lugar com sombra para descansar. O camundongo querendo escapar das garras afiadas do falcão precisava encontrar rapidamente um esconderijo. O camundongo corria tão rápido pelo bosque que nem percebeu quando esbarrou no rosto de um terrível leão que dormia tranqüilamente.” O que você acha que vai acontecer depois, Rodrigo?</i>	<i>Pergunta Inferencial de Predição</i>	<i>Pergunta 1</i>
<i>2. Marcos: O leão vai atrás dele.</i>	<i>Inferência de Predição Coerente</i>	<i>PV 1.1</i>
<i>3. Prof: O leão vai atrás dele. Você acha também Ricardo, que o leão vai atrás dele?</i>	<i>Repete a Pergunta Inferencial de Predição</i>	
<i>4. Ricardo: Não, eu acho que o rato vai... o rato vai ficar perto dele</i>		<i>(oposição) + PV 1.2</i>
<i>5. Prof: O rato vai ficar perto dele. Vocês acham que o rato vai ficar perto do leão?</i>	<i>Repete a Pergunta Inferencial de Predição</i>	
<i>6. Guilherme: Eu acho que o rato vai...</i>		
<i>7. Ricardo: Porque ele vai se esconder, aí ele achou o leão pra se esconder.</i>		<i>Justificativa do PV 1.2</i>
<i>8. Guilherme: Eu acho que o rato vai ser amigo do leão.</i>	<i>Inferência de Predição</i>	<i>PV 1.3</i>
<i>9. Prof: O rato vai ser amigo do leão. Vamos ver. “Dessa vez você escapou, mas da próxima não terá tanta sorte”, disse o falcão ao ver o camundongo próximo do leão. O camundongo percebeu o leão e tentou sair dali bem depressa. Mostra o desenho.</i>		

10. <u>Marcos</u> : Tá vendo (...)		Resposta
11. <u>Ricardo</u> : É não. Ele foi se esconder, aí o leão abaixou a pata (... )Eu também tenho um livro desse.	Conhece a história	Oposição + PV 1.5 + Justificativa
12. <u>Prof</u> : Quem acha que é como Ricardo disse? Que a história vai ser assim? Que o leão vai ficar amigo do rato? E se ele (o leão) não ficar amigo do rato, o que que vai acontecer?	Pergunta Inferencial de Predição	Pergunta 2
13. <u>Fred</u> : Ele vai embora.	Inferência de Predição Coerente, predição viável, se não ficarem amigos, o rato vai embora	PV 2.2
14. <u>Prof</u> : E se ele (o leão) não ficar amigo do rato? O que vocês acham que vai acontecer com ele (o camundongo)?	Pergunta Inferencial de Predição	
15. <u>Fred</u> : Ele (o leão) vai comer ele (o camundongo).	Inferência de Predição (Coerente)	PV 2.3
16. <u>Alguém</u> : Comer ele.		
17. <u>Prof</u> : E se ele (o leão) não comer ele (o camundongo), o que que ele (o leão) podia fazer com ele (o camundongo)?	Repete a Pergunta Inferencial de Predição	
18. <u>Henrique</u> : Matar	Inferência de Predição (Coerente)	PV 2.4
19. <u>Prof</u> : E matar e comer não é a mesma coisa não?		Oposição ao PV 2.4
20. <u>Henrique</u> : É.		Resposta
21. <u>Ricardo</u> : Caçar.	Inferência de Predição Coerente	PV 2.5

22. <u>Fred</u> : Caçar pra fritar.	<i>Inferência de Predição Incoerente, o leão não vai fritar o camundongo antes de comê-lo</i>	PV 2.6
-------------------------------------	---	--------

Tópico 2: “O que o leão estava pensando”

23. <u>Prof</u> : Caçar pra fritar. Vamos lá. “Para sua felicidade, o rei da selva... olha o que ele fez, nada disso ele fez, nem comeu, nem caçou, ó. O rei da selva prendeu-o pelo rabo. O leão estava pronto para devorá-lo quando o camundongo suplicou desesperado ‘por favor senhor rei, poupe a minha vida, faça essa bondade, um dia poderei retribuir.’ O leão riu com desprezo e pensou...” O que será que ele está pensando? (mostra o desenho). O que será que ele está pensando que vai fazer com ele?	<i>Pergunta inferencial de Predição</i>	Pergunta 3
24. <u>Alguém</u> : Atacar.	<i>Inferência de Predição Coerente</i>	PV 3.1
25. <u>Prof</u> : Ele pediu para não devorá-lo, pra não comer ele, aí o leão parou e começou a pensar. O que será? O que será que o leão pensou?		
26. <u>Marcos</u> : Ele pensou pra pedir pra eles serem amigos.	<i>Inferência de Predição Coerente</i>	PV 3.2
27. <u>Prof</u> : Ele acha que o leão pensou em ser amigo dele. Quem mais pensa que ele pensou para serem amigos?	<i>Repete a Pergunta Inferencial de Predição</i>	

28. <u>Marina</u> : Eu (levanta o braço)		
29. <u>Henrique</u> : levanta o braço		
30. <u>Fred</u> : Eu não.		Oposição ao PV 3.2
31. <u>Bianca</u> : Eu não.		
32. <u>Prof</u> : Então você acha que ele pensou o que Fred?	Repete a Pergunta Inferencial de Predição	
33. <u>Fred</u> : Eu acho que ele pensou que ia comer ele.	Inferência de Predição coerente	PV 3.3
34. <u>Ricardo</u> : Vai comer não.	Já conhece a história	Oposição ao PV 3.3
35. <u>Prof</u> : Ele parou pra pensar que ia comer ele? Quem acha que ele ia comer? Ele quis devorar, prendeu ele pelo rabo e ficou pensando. Vamos ver o que ele tá pensando. O leão riu com desprezo e pensou: “como um pobre camundongo poderia me retribuir alguma coisa”, mas como estava sem fome, comoveu-se e deixou ele ir.	Repete a Pergunta Inferencial de Predição	
36. <u>Ricardo</u> : Eu disse.		Resposta
37. <u>Prof</u> : Porque foi que ele não comeu o camundongo?	Pergunta Literal	
38. <u>Ricardo</u> : Porque...		
39. <u>Marina</u> : ...ele não tava com fome.	Resposta Descritiva	
40. <u>Prof</u> : Porque?	Repete a pergunta	
41. <u>Marcos</u> : Porque ele não tava com fome.	Resposta Descritiva	

42. <u>Prof</u> : <i>Porque ele não tava com fome. Mas vamos ver o que ele vai fazer, porque o camundongo foi embora, vamos ver se o camundongo foi embora.</i>		
43. <u>Ricardo</u> : <i>Aí o leão...</i>		
44. <u>Prof</u> : <i>“Dias depois...”</i>		
45. <u>Ricardo</u> : <i>O leão ficou preso...</i>		
46. <u>Prof</u> : <i>“...quando o leão passeava tranquilamente...”</i>		
47. <u>Ricardo</u> : <i>Ficou preso na rede.</i>		
48. <u>Prof</u> : <i>“...ficou suspenso por uma rede que o prendeu. A rede era muito forte e ele não conseguia livrar-se...”</i>		
49. <u>Ricardo</u> : <i>(...) o camundongo.</i>		
50. <u>Prof</u> : <i>“...por mais que tentasse, ele não conseguia. Não restando mais nada para fazer, o leão urrou o mais alto que pôde a fim de chamar outros leões para salvá-lo.” Tá aqui ó (mostrando o desenho). Ele foi pego pela rede e chamou outro leão para salvá-lo. Quem você acha que vai salvar ele, Henrique?</i>	<i>Pergunta Inferencial de Predição</i>	
51. <u>Prof</u> : <i>O rato? O camundongo?</i>		
52. <u>Guilherme</u> : <i>É (Balança a cabeça afirmando)</i>	<i>Inferência de Predição</i>	
53. <u>Henrique</u> : <i>Balança a cabeça afirmando</i>	<i>Concorda com a inferência</i>	
54. <u>Júnior</u> : <i>É, o rato, o camundongo.</i>	<i>Concorda com a inferência</i>	
55. <u>Henrique</u> : <i>É, o camundongo.</i>	<i>Reafirma a inferência</i>	
56. <u>Ricardo</u> : <i>O camundongo vai salvar.</i>	<i>Já conhecia a história</i>	

57. <u>Marcos</u> : Eu prefiro o camundongo.	Concorda com a inferência	
58. <u>Prof</u> : Todo mundo acha que é o camundongo?		
59. <u>Marcos</u> : Aham.		
60. [OS ALUNOS BALANÇAM A CABEÇA AFIRMANDO]		
61. <u>Prof</u> : Vamos ver. “O camundongo que estava por perto, ouviu o rugido do leão e o reconheceu imediatamente. Percebendo que havia algo errado foi correndo retribuir a bondade do leão que deixou ele vivo.” E aí: Quem foi mesmo que ajudou?	Pergunta Literal	
62. <u>Alunos</u> : O rato. Camundongo.	Resposta Descritiva	

#### Tópico 4: “Como o camundongo tirou o leão da rede”

63. <u>Prof</u> : Como será que ele ( o camundongo) tirou ele (o leão) da armadilha?	Pergunta Inferencial de predição	
64. <u>Ricardo</u> : Mordendo.	Inferência de Predição Coerente	PV 4.1
65. <u>Prof</u> : Ele era pequeno...		Oposição ao PV 4.1
66. <u>Fred</u> : Ele roeu.	Inferência de Predição Coerente	PV 4.2
67. <u>Guilherme</u> : Com o dente.		
68. <u>Fred</u> : Ele roeu...com o dente.	Reafirma a inferência do T.66, complementando-a	Complementa o PV 4.2

69. <u>Prof</u> : Quem acha que ele roeu com o dente?		
70. <u>Alunos</u> : Eeeeeu!!! (levantando o braço)	Concordam com a inferência do T.68	Concordam com o PV 4.2
71. <u>Prof</u> : Todo mundo acha? Mas se ele não roesse com o dente, como ele poderia também tirar ele de lá?	Pergunta Inferencial de predição	Oposição implícita ao PV 4.2
72. <u>Bianca</u> : Puxando.	Predição Incoerente, (um rato não teria força pra puxar um leão)	PV 4.3
73. <u>Prof</u> : Puxando? E você acha que ele teria força suficiente pra puxar ele de lá?	Rejeita a inferência do T.72	Oposição ao PV 4.3
74. <u>Marcos</u> : Aí ele pega uma tesoura e corta.	Predição Incoerente, rato não usa tesoura	PV 4.4
75. <u>Fred</u> : Não, ele vai lá em cima e desamarra a corda.	Predição Incoerente	Oposição + PV 4.5
76. <u>Prof</u> : Ah, ele pegava uma tesoura e cortava, Marcos, podia ser também?		
77. <u>Marcos</u> : [afirma com a cabeça.]		
78. <u>Prof</u> : Mas lá não tinha tesoura...	Rejeita a inferência do T.74	Oposição ao PV 4.4
79. <u>Júnior</u> : Hahahaha		
80. <u>Prof</u> : E então, o que ele podia fazer também?	Pergunta Inferencial de predição	
81. <u>Fred</u> : E se fosse...		
82. <u>Guilherme</u> : E se fosse uma folha de cortar.	Inferência de Predição Incoerente	PV 4.5
83. <u>Prof</u> : Ah, podia ser uma folha de cortar também?		
84. <u>Guilherme</u> : [afirma com a cabeça]		

*Tópico 5: “Como o camundongo conseguiu subir na árvore”*

85. <u>Prof</u> : <i>Mas olha só, ele foi até rápido, mas como foi que ele subiu na árvore se tava lá tão alto?</i>	<i>Pergunta Inferencial de Predição</i>	<i>Pergunta 5</i>
86. <u>Guilherme</u> : <i>Oxe, pega uma escada e sobe.</i>	<i>Predição Incoerente, rato não usa escada</i>	<i>PV 5.1</i>
87. <u>Marcos</u> : <i>É não, é não.</i>	<i>Rejeita a predição</i>	<i>Oposição</i>
88. <u>Prof</u> : <i>Você acha que ele precisa de uma escada?</i>		
89. <u>Marcos</u> : <i>Eu sei, eu sei... (levantando o braço)</i>		
90. <u>Ricardo</u> : <i>Não, ele escalava</i>	<i>Inferência de Predição Coerente</i>	<i>(Oposição ao PV 5.1) PV 5.2</i>
91. <u>Prof</u> : <i>Ah, o rato escala, é?</i>		
92. <u>Marcos</u> : <i>Eu sei, eu sei... ele subiu na árvore, depois deu um pulo na árvore, depois subiu e cortou...</i>	<i>Inferência de Predição coerente</i>	<i>PV 5.3</i>
93. <u>Prof</u> : <i>Vamos ver se foi assim. Vamos continuar. Ao ver o leão preso na armadilha, o camundongo rapidamente roeu as cordas e conseguiu soltá-lo.</i>	<i>Aceita a inferência sob condição da continuidade do texto</i>	
94. <u>Alguém</u> : <i>Eu disse</i>		
95. <u>Outro</u> : <i>Eu também.</i>		
96. <u>Prof</u> : <i>Foi, olha o que ele disse “o senhor jamais pensou que eu, tão pequeno, poderia salvar a sua vida, agora sabe que isso é perfeitamente possível”</i>		

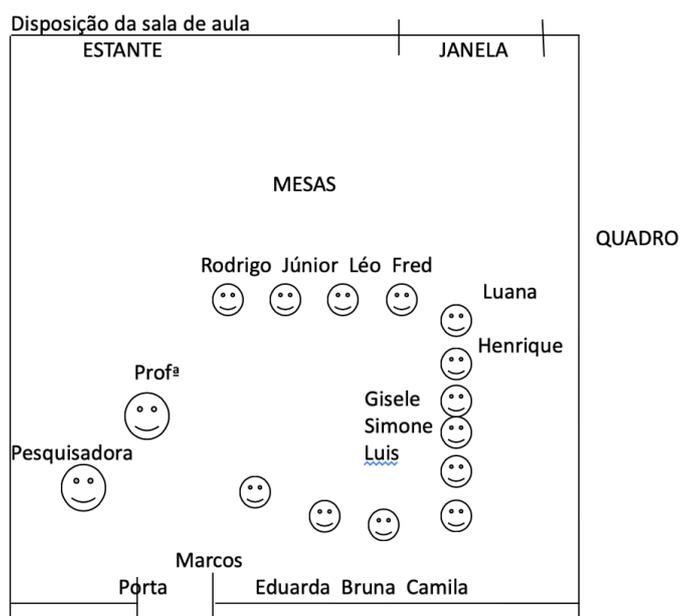
97. <u>Ricardo</u> : Eu disse que ele escalava a árvore (olhando a figura do livro)	Aceita a própria inferência a partir do que a ilustração do livro mostra	
98. <u>Prof</u> : Olha aqui (mostrando o desenho para todos).		
99. <u>Marcos</u> : Sabia, tá vendo que ele escalou a árvore?	Aceita a própria inferência a partir do que a ilustração do livro mostra	
100. <u>Alguém</u> (Luis): Ele escalou a árvore?		
101. <u>Marcos</u> : Ele escalou a árvore.		
102. <u>Luis</u> : Balança a cabeça negativamente.		

#### Tópico 6: Finalização da história

103. <u>Prof</u> : O leão, percebendo o erro que tinha acontecido, chamou o camundongo... pra onde chamou o camundongo?		
104. <u>Ricardo</u> : Pra dormir!!!	Já conhecia a história	
105. <u>Prof</u> : Pra dormir com ele. E os dois não percebiam mais a diferença que existiam entre eles.		
106. <u>Léo</u> : Ficou amigo.	Inferência Coerente, já que dormiram juntos e não percebiam mais as diferenças entre eles, então foi porque ficaram amigos)	

107. <u>Prof.</u> : Ficou o que Lucas?		
108. <u>Léo</u> : Amigo.		
109. <u>Prof.</u> : Ficaram amigos. E essa foi a história do Leão e o camundongo. Pra ver que cada um pode ajudar o outro.		

## APÊNDICE D – ANÁLISE DA HISTÓRIA 5



Descrição da Situação: A história escolhida pela Professora neste dia foi “Saci, o amigo da floresta”, por se tratar da semana do folclore. Porém, antes dessa escolha, ela apresentou dois livros, esse do Saci e um outro do boto cor de rosa, pedindo para que a pesquisadora escolhesse qual era o melhor. Foi dada uma olhada nos livros, mas enfatizou-se a questão dela mesma escolher aquela que julgasse melhor. Novamente as crianças estavam sentadas na rodinha. Ressalta-se que houve um problema de gravação e o final da história não foi registrado. Neste dia foi solicitado à Professora que ela incentivasse duas ações: 1) que os alunos justificassem as suas inferências e 2) que, na atividade de argumentação, depois de uma

oposição, ela procurasse voltar ao aluno que elaborou o PV, a fim de obter respostas destes. Duração de aproximadamente 9 minutos e 30 segundos.

Resumo da História: “Saci, o amigo da floresta” fala sobre o personagem folclórico muito conhecido pelas crianças, contando sobre seus costumes e suas travessuras.

<i>Transcrito</i>	<i>Plano Inferencial</i>	<i>Plano Argumentativo</i>
<i>1. Prof: Essa lenda é a lenda do saci. Esse livro aqui diz assim, o nome dessa história diz assim, o saci tem muitas aventuras, o saci ele vive num local e ele pode fazer muitas travessuras, uma dessas aqui, que vai contar agora, é “Saci, o amigo da floresta”. “Todos os dias, ao nascer do sol, o saci já está de pé, fumando...” O quê? O que é que o saci fuma?</i>	<i>Pergunta de conhecimento de mundo</i>	
<i>2. Bruna: O cachimbo</i>	<i>Resposta</i>	
<i>3. Prof: O cachimbo. E aí ele tá fumando o seu cachimbo. “O saci é um moleque ativo, que vive nas matas do sudeste do país.” Se o saci, Luana, não vivesse na mata, você acha que ele ia viver onde?</i>	<i>Pergunta Inferencial</i>	<i>Pergunta 1</i>
<i>4. Luana: [NÃO RESPONDE, FICA PENSANDO]</i>		
<i>5. Marcos: Numa casa.</i>	<i>Inferência</i>	<i>PV 1.1</i>
<i>6. Prof: Numa casa. Porque você acha que ele ia morar numa casa, Marcos?</i>	<i>Pede as bases da inferência</i>	<i>Estimula justificativas</i>
<i>7. Marcos: É porque... é porque... porque ele não pode ficar muito na floresta.</i>	<i>Dá as bases da inferência</i>	<i>Justificativa do PV 1.1</i>
<i>8. Prof: Porque ele não pode ficar muito na floresta. Você acha que ele não pode ficar muito na floresta, Henrique?</i>		

9. <u>Henrique</u> : [BALANÇA A CABEÇA NEGATIVAMENTE]	Não concorda com a inferência do T.5	Oposição à justificativa 1.1
10. <u>Prof</u> : Acha?	Repete a pergunta	
11. <u>Henrique</u> : [BALANÇA A CABEÇA NEGATIVAMENTE]	Repete a oposição	
12. <u>Prof</u> : E o que você acha? Fala, responde. O quê que você acha?	Estimula inferências	Estimula PVs
13. <u>Henrique</u> : Ele tem que ficar (na floresta).	Inferência	Justificativa da oposição 1.1 / PV 1.2
14. <u>Prof</u> : Ele tem que ficar. Porque ele tem que ficar na floresta?	Estimula as bases da inferência	Estimula Justificativas para o PV 1.2
15. <u>Henrique</u> : [FICA PENSANDO]		
16. <u>Simone</u> : Porque é o lugar dele.	Concorda com a inferência do T, 13 e apresenta as bases da Inferencia	Concorda com o PV 1.2 / Justificativa 1 do PV 1.2
17. <u>Prof</u> : Porque é o lugar dele. Mas porque essa mata, a floresta, é o lugar do saci? Porque?		
18. <u>Bruna</u> : Porque ele nasceu lá.	Concorda com a inferência do T, 13 e apresenta as bases da Inferência	Concorda com o PV 1.2 / Justificativa 2 do PV 1.2
19. <u>Marcos</u> : Porque tem muitos bichos.	Concorda com a inferência do T, 13 e apresenta as bases da Inferência	Concorda com o PV 1.2 / Justificativa 3 do PV 1.2

20. <u>Aluno</u> : Porque ele mora lá na floresta.	Concorda com a inferência do T, 13 e apresenta as bases da Inferência	Concorda com o PV 1.2 / Justificativa 4 do PV 1.2
21. <u>Prof</u> : Peraí, deixa Bruna falar. Porque?		
22. <u>Bruna</u> : Porque... ele vive lá porque ele se criou lá.	Repete a resposta do T.18	Repete a Justificativa 2 do PV 1.2
23. <u>Prof</u> : Porque ele se criou lá. Mas quem botou esse saci lá pra ele se criar lá? Quem?		Pergunta 2 / Oposição
24. <u>Marcos</u> : Não sei.		
25. <u>Prof</u> : Não sabe.		
26. <u>Simone</u> : Os animais.		PV 2.1

Tópico 2: “O que o saci come no café da manhã”

27. <u>Prof</u> : Os animais. Voltando aqui pra ler. “No café da manhã ele se serve de muitas coisas da floresta”. O quê que você acha que ele come, Gisele?	Pergunta Inferencial	Pergunta 3
28. <u>Marcos</u> : Eu acho que...		
29. <u>Prof</u> : Gisele. O quê que ele come, Gisele?		
30. <u>Gisele</u> : Sei lá.		
31. <u>Prof</u> : Sei lá? O quê que ele come, Marcos? Diz pra mim.		
32. <u>Marcos</u> : Ele come fruta.	Inferência de Predição coerente	PV 3.1
33. <u>Prof</u> : Come fruta. Que fruta você acha que ele come?		Pergunta 4

34. <u>Fred</u> : Banana	<i>Inferência de Predição coerente</i>	PV 4.1
35. <u>Prof</u> : Banana. Banana tem na mata?		
36. <u>Alguém</u> : Tem.		
37. <u>Prof</u> : Banana tem na mata?		Oposição ao PV 4.1
38. <u>Alguns alunos</u> : Nããã.	<i>Rejeitam a inferência do T.34</i>	Resposta à Oposição do PV 4.1
39. <u>Prof</u> : Quem acha que banana...		
40. <u>Marcos</u> : Abacaxi!	<i>Inferência de Predição coerente</i>	PV 4.2
41. <u>Prof</u> : Abacaxi. Pode até ser. Que outra fruta?		
42. <u>Simone</u> : Maçã!	<i>Inferência de Predição coerente</i>	PV 4.3
43. <u>Fred</u> : Tem bananeira, oxe.	<i>Inferência de Predição coerente</i>	Resposta à oposição do PV 4.1/ PV 5.1
44. <u>Prof</u> : Tem uma bananeira, oxe. Claro. E porque você acha que tem uma bananeira lá na mata?	<i>Estimula as bases da inferência</i>	
45. <u>Fred</u> : Pra poder ele ir lá e pegar a banana, pra comer.	<i>Dá as bases da inferência do T.43</i>	Justificativa do PV 5.1
46. <u>Prof</u> : Pra ele poder pegar a banana e comer?		
47. <u>Fred</u> : [Faz que sim com a cabeça]		
48. <u>Prof</u> : Muito bem.		
49. <u>Simone</u> : E pra fazer machucado também.	<i>Concorda com a inferência do T.43 e Dá as bases dessa inferência</i>	Justificativa do PV 5.2

50. <u>Prof</u> : Será que o saci faz machucado de banana? Faz? Vocês acham que o saci vai saber fazer machucado de banana?	Pergunta Inferencial de Predição	Oposição ao PV 5.2
51. <u>Bruna</u> : Nãããã		PV 5.3
52. <u>Fred</u> : Machucado é assim, é só pegar o garfo e machucar a banana [FAZ O GESTO]	Bases da Inferência	Justificativa do PV
53. <u>Henrique</u> : Ele não tem garfo.	Bases da inferência	Oposição à resposta 5.2
54. <u>Prof</u> : Ah, ele não tem garfo. Por que ele não tem garfo, Henrique? Porquê?		
55. <u>Henrique</u> : [DÁ OS OMBROS]		
56. <u>Simone</u> : Porque ele come com a mão.	Bases da inferência	Justificativa da oposição 5.2
57. <u>Henrique</u> : Eca!!!		

### Tópico 3: “Quem o saci pode encontrar no rio”

58. <u>Prof</u> : Porque ele come com a mão. Será que é? Vamos ver. Ele diz aqui que ele comia deliciosos frutos da floresta. Vocês acertaram, ele gosta muito de frutos. “Na hora do banho, diverte-se nas águas dos lagos e dos rios.”. Quem você acha que ele encontra lá no rio, Camila?	Pergunta Inferencial de predição	Pergunta 6
59. <u>Bruna</u> : Peixe.	Inferência de Predição coerente	PV 6.1
60. <u>Prof</u> : Camila. Quem?	Repete a Pergunta Inferencial de predição	
61. <u>Camila</u> : Peixe.		

62. <u>Prof</u> : Peixe. Que mais?	Repete a Pergunta Inferencial de predição	
63. <u>Bruna</u> : Jacaré.	Inferência de Predição coerente	PV 6.2
64. <u>Prof</u> : Jacaré. O que mais?	Repete a Pergunta Inferencial de predição	
65. <u>Simone</u> : Tubarão.	Inferência de Predição coerente	PV 6.3
66. <u>Prof</u> : Tubarão. Tubarão tem no rio, Bruna?	Coloca em xeque a inferência do T.45	Oposição ao PV 6.3
67. <u>Marcos</u> : Caranguejo, caranguejo!!!	Inferência de Predição coerente	PV 6.4
68. <u>Bruna</u> : Nããã. [Balançando o dedo negativamente]		
69. <u>Henrique</u> : Tubarão é no mar.	Rejeita a inferência do T.65	Justificativa da oposição 6.3
70. <u>Prof</u> : Tubarão é onde, Henrique?		
71. <u>Henrique</u> : No mar.		

*Tópico 4: “Se o tubarão vive no mar ou no rio”*

72. <u>Prof</u> : No mar. E por que tubarão não mora no rio, só mora no mar? Porquê?	Sai da história	Pergunta 7
73. <u>Bruna</u> : Porque ele... viveu lá... porque...		PV 7.1

74. <u>Aluno</u> : <i>Porque ele nasceu lá no mar.</i>		PV 7.2
75. <u>Bruna</u> : <i>Porque ele ficou lá no mar e a mãe dele... nasceu lá no mar.</i>		PV 7.3
76. <u>Henrique</u> : <i>Ei, como é que ele foi até o rio?</i>		Oposição ao PV 6.3
77. <u>Prof</u> : <i>Como é? Quem acha que ele pode chegar até o rio? Como é que ele pode chegar no rio? Você acha que ele pode chegar no rio, Marcos?</i>		
78. <u>Marcos</u> : [BALANÇA A CABEÇA POSITIVAMENTE]		
79. <u>Camila</u> : <i>Pode, claro, nadando até lá.</i>		Resposta 1 à Oposição do PV 6.3
80. <u>Marcos</u> : <i>Pode.</i>		
81. <u>Prof</u> : <i>Pode, Camila? Porquê? Deixa Camila dizer, porquê?</i>		
82. <u>Camila</u> : <i>Porque ele tem nadadeira.</i>		Justificativa da Resposta 1 à Oposição do PV 6.3
83. <u>Prof</u> : <i>Porque ele tem nadadeiras.</i>		
84. <u>Henrique</u> : <i>Ei, mas como é que ele vai sair do mar? Se ele sair do mar ele morre.</i>		Oposição à Resposta 1 + Justificativa da Oposição (???)
85. <u>Camila</u> : <i>Não, ele pode ir nadando.</i>		Resposta 2 à Oposição ao PV 6.3 + Justificativa da Resposta 2
86. <u>Prof</u> : <i>Ele pode ir nadando por onde?</i>		Oposição à Resposta 2 / Pergunta 10

87. <u>Marcos</u> : Pelo rio.		Resposta à Oposição da Resposta 2 / PV 10.1
88. <u>Prof</u> : Como é, Camila? Camila tá dizendo.		
89. <u>Camila</u> : Pelo caminho do rio.		
90. <u>Prof</u> : Pelo caminho do rio. E o mar chega no rio?		Oposição ao PV 10.1
91. <u>Marcos</u> : Não. [balançando a cabeça]		PV 10.2
92. <u>Bruna</u> : Não.		
93. <u>Prof</u> : Não. Quem acha que o mar chega no rio?		
94. <u>Aluno</u> : Eu não sei.		
95. <u>Henrique</u> : Não tem passagem do mar pro rio, pro tubarão ir.		Justificativa do PV 10.2
96. <u>Marcos</u> : Eu sei, eu sei.		
97. <u>Prof</u> : Não tem passagem do rio pro mar.		
98. <u>Marcos</u> : Porque vem pela cachoeira.		Justificativa do PV 10.1
99. <u>Prof</u> : Ah, vem pela cachoeira, e chega até o rio? E Camila? Você acha que ele chega ou não chega no rio, o tubarão?		
100. <u>Camila</u> : Chega.		Reforça o PV 10.1
101. <u>Marcos</u> : Não.		Oposição ao PV 10.1 / Reforça o PV 10.2
102. <u>Henrique</u> : Chega não.		Concorda com a oposição ao PV 10.1
103. <u>Prof</u> : Finalmente, ele é do rio ou é do mar?		
104. <u>Alunos</u> : Do mar!!!		

## Tópico 5: “Que animais tem na floresta”

105. <u>Prof.</u> : Ah, do mar, é verdade. Vamos ver o que se passa na seqüência: “o saci é amigo de todos os animais da floresta. Todos.” Que animal que você acha que tem na floresta, Fred?	Retoma a história/ Pergunta de conhecimento de mundo	Pergunta 11
106. <u>Marcos</u> : Tem... eu sei...		
107. <u>Prof.</u> : Fred. Diz. Que animal você acha que tem nessa floresta?		
108. <u>Fred</u> : Jacaré.		PV 11.1
109. <u>Prof.</u> : Jacaré. E você Luana? Que animal?		
110. <u>Luana</u> : [FICA PENSANDO]		
111. <u>Prof.</u> : Gisele?		
112. <u>Gisele</u> : Leão.		PV 11.2
113. <u>Henrique</u> : Tem não.		Oposição ao PV 11.2
114. <u>Gisele</u> : (NÃO DÁ PRA ENTENDER)		
115. <u>Prof.</u> : Leão. E Simone?		
116. <u>Simone</u> : Onça.		PV 11.3
117. <u>Prof.</u> : Onça. Olha só, Henrique acha que na floresta não tem leão.		
118. <u>Henrique</u> : Tem		????
119. <u>Prof.</u> : Tem ou não tem?		
120. <u>Henrique</u> : [BALANÇA A CABEÇA NEGATIVAMENTE E DEPOIS DÁ OS OMBROS]		
121. <u>Alguém</u> : Tem.		
122. <u>Prof.</u> : Qual desses animais...		
123. <u>Fred</u> : Tem crocodilo.		PV 11.4

124. <u>Prof</u> : Tem crocodilo. Mas crocodilo na floresta, precisa ter o quê pra ele estar na floresta?		Oposição ao PV 11.4
125. <u>Marcos</u> : Água.		
126. <u>Prof</u> : Água. E tem água nessa floresta?	Pergunta literal	
127. <u>Marcos</u> : Não.		PV 12.1 – Não tem água na floresta
128. <u>Alguém</u> : Tem, do rio.	Resposta Descritiva	Oposição ao PV 12.1 e justificativa
129. <u>Prof</u> : Tem ou não tem?		
130. <u>Marcos</u> : Tem.		Resposta – Mudou de PV, aceitando a oposição
131. <u>Prof</u> : O saci foi pra onde?	Pergunta Literal	
132. <u>Fred</u> : Pro rio.		
133. <u>Prof</u> : Pro rio. E encontrou quem lá?	Pergunta Literal	
134. <u>Simone</u> : Os peixes.		

**Tópico 6: “Por que o saci assusta os homens”**

135. <u>Prof</u> : Os peixes, não foi? E outros animais. Vamos lá: “mas, se o homem aparece por lá, o saci dá um susto para ele nunca mais voltar”. Por que você acha que o saci assusta os outros, Eduarda?		
136. <u>Bruna</u> : Pra não... [TAPA A BOCA]		
137. <u>Camila</u> : Pra não...		

138. <u>Prof</u> : Eduarda que vai dizer, deixa ela falar. Porquê?		
139. <u>Eduarda</u> : Pra não... não sei.		
140. <u>Prof</u> : Não sabe. Diz Bruna. Por que você acha que ele assusta as pessoas que vão para a floresta?		
141. <u>Bruna</u> : Pra não caçar os animais.		
142. <u>Prof</u> : Pra não caçar os animais. E você, Gisele?		
143. <u>Gisele</u> : Eu também.		
144. <u>Prof</u> : Pra não caçar os animais. Por que que eles não devem caçar os animais?		Pergunta 13
145. <u>Marcos</u> : Porque o saci não deixa.		PV 13.1
146. <u>Prof</u> : O saci não deixa. Mas...		
147. <u>Bruna</u> : Porque os animais fazem parte da natureza.		Justificativa do PV 13.2
148. <u>Prof</u> : Mas me diga uma coisa, Simone, o saci existe?		
149. <u>Alunos</u> : Nããão.		
150. <u>Prof</u> : Como é que ele protege a natureza se ele não existe?		Oposição
151. <u>Simone</u> : É porque... é só imaginar.		Resposta
152. <u>Prof</u> : Ah, imaginar, é? E como é imaginar, Marcos?		
153. <u>Marcos</u> : Pensar.		
154. <u>Prof</u> : Pensar. E quando a gente pensa, acontece?		Pergunta
155. <u>Alunos</u> : Nããão.		PV
156. <u>Prof</u> : Acontece não, quando a gente pensa?		Oposição
157. <u>Simone</u> : Acontece não.		Resposta
158. <u>Bruna</u> : Às vezes sim, às vezes não.		Resposta

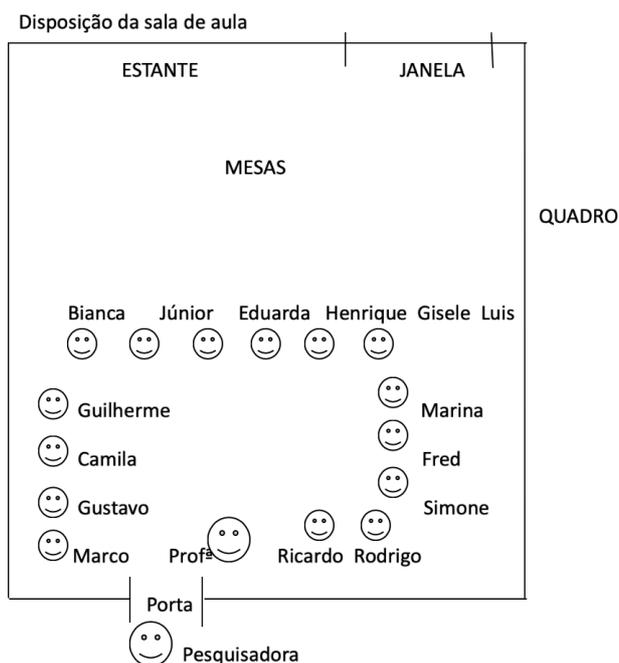
159. <u>Prof.</u> : Às vezes sim, às vezes não, é Bruna? E quando é esse às vezes sim e às vezes não?		
160. <u>Bruna.</u> : Quando a gente pensa bom, acontece; quando a gente pensa mal, não acontece.		Justificativa

### Tópico 7: Finalização da História

161. <u>Prof.</u> : Gostei. Muito bem. E aí, continuando: “... nos fins da tarde, sobe nas montanhas para ver o pôr do sol.” Quando chega de tarde, ele sobe na montanha para ver o pôr do sol. E lá está ele vendo o pôr do sol. [mostra a figura pros alunos] “A noite cai, e ele se deita na relva, cansado de tantas travessuras.” Luís, que travessuras você acha que ele fez durante esse dia?	Pergunta Literal	Pergunta 14
162. <u>Luís</u> : [DÁ OS OMBROS]		
163. <u>Prof.</u> : Que travessuras você acha que ele fez durante o dia, Léo?	Pergunta Literal	
164. <u>Fred</u> : Dormir.		PV 14.1
165. <u>Prof.</u> : Durante o dia, o que foi que ele fez de travessuras	Repete a pergunta	
166. <u>Alguém</u> : De dia. Dia.		Oposição ao PV 14.1
167. <u>Simone</u> : Comeu frutas.	Resposta Descritiva	PV 14.2
168. <u>Prof.</u> : Fez o que?	Repete a pergunta	
169. <u>Simone</u> : Comeu frutas.	Resposta Descritiva	

170. <u>Prof</u> : Comeu frutas. Fez mais o que?	<i>Repete a pergunta</i>	
171. <u>Henrique</u> : Assustou o moço.	<i>Resposta Descritiva</i>	<i>PV 14.3</i>
172. <u>Prof</u> : Assustou o moço. Como será que ele assustou o moço?	<i>Pergunta Inferencial</i>	<i>Pergunta 15</i>
173. <u>Marcos</u> : Ele pegou um pau e assustou ele com um pau.	<i>Inferência</i>	<i>PV 15.1</i>
174. <u>Prof</u> : Assustou ele com um pau.		
175. <u>Henrique</u> : Não.		<i>Oposição ao PV 15.1</i>
176. <u>Prof</u> : Como será que esse homem estava pra ele assustar?		

## APÊNDICE E – ANÁLISE DA HISTÓRIA 6



Descrição da situação: Ainda na semana do folclore, a história escolhida foi “O boto cor de rosa”. As crianças mais uma vez foram colocadas na rodinha. Duração de aproximadamente 8 minutos e meio.

Resumo da História: A história conta a história do boto cor de rosa, o qual vivia no rio Amazonas e se transformava em ser humano, roubando rosas e encantando as moças das cidades.

*Tópico 1: “Brincadeiras que o boto faz no rio”*

<i>Transcrito</i>	<i>Plano Inferencial</i>	<i>Plano Argumentativo</i>
-------------------	--------------------------	----------------------------

1. <u>Professora</u> : ...olha aqui [MOSTRANDO A CAPA DO LIVRO], o boto cor de rosa. “O boto é uma espécie de golfinho que habita o rio da grande floresta Amazônica.” [MOSTRA A FIGURA] O boto mora onde mesmo?	Pergunta Literal	
2. <u>Júnior</u> : No mar.	Resposta Descritiva	
3. <u>Marcos</u> : Na água.	Resposta Descritiva	
4. <u>Professora</u> : No mar? No rio. Onde? Que rio? Fica onde, esse rio?	Pergunta Literal	
5. <u>Ricardo</u> : Amazônia.	Resposta Descritiva	
6. <u>Professora</u> : Perto da floresta...	Resposta Descritiva	
7. <u>Alunos</u> : Amazônia	Resposta Descritiva	
8. <u>Professora</u> : “Ele é alegre, divertido e adora brincar com os animais do fundo do mar. Que brincadeiras você acha que ele faz no fundo do mar, Gisele?”	Pergunta Inferencial	Pergunta 1
9. <u>Gisele</u> : Ah. [NÃO RESPONDE]		
10. <u>Professora</u> : Que brincadeiras você acha que ele faz no fundo do mar, Fred?	Repete a pergunta	
11. <u>Marcos</u> : Pular	Inferência de Predição	PV 1.1
12. <u>Professora</u> : Eu perguntei a Fred, é o momento de Fred. Que brincadeiras ele faz lá no fundo do mar? [VIRANDO-SE PARA FRED]		
13. <u>Fred</u> : Eu acho que ele... ele salta.	Inferência de Predição	PV 1.2
14. <u>Professora</u> : Ele salta? Porque você acha que ele salta, Júnior? Ou ele faz outra brincadeira?	Estimula as bases da inferência	

15. <u>Júnior</u> : [FICA PENSANDO]		
16. <u>Professora</u> : Hein, Júnior?		
17. <u>Júnior</u> : [NÃO RESPONDE]		
18. <u>Professora</u> : E tu, Marina? Tu acha que ele só faz saltar? Quê que ele faz mais?		
19. <u>Marina</u> : Nadar pelo mar... pelo rio.	Inferência de Predição	PV 1.3
20. <u>Professora</u> : Nada pelo rio. Por que tu acha? Por que tu disse isso?	Estimula as bases da inferência	
21. <u>Marcos</u> : Eu sei.		
22. <u>Professora</u> : O que tu acha que ele faz, Marcos?		
23. <u>Marcos</u> : Eu acho que ele pula.		
24. <u>Professora</u> : Ele pula.		
25. <u>Marcos</u> : E dá salto.		
26. <u>Professora</u> : Pula e dá salto. Por que você acha que ele dá salto? Por quê?	Estimula as bases da inferência	
27. <u>Marcos</u> : Porque eu to vendo aqui [APONTA PRO LIVRO]	Dá as bases da inferência	Justificativa 1 do PV 1.1 e 1.2
28. <u>Alguém (Marina?)</u> : Pra ele respirar.	Dá as bases da inferência	Justificativa 2 do PV 1.1 e 1.2

### Tópico 2: “Porque o boto pula”

29. <u>Professora</u> : Ah, pra ele respirar. E pra ele respirar tem que dar salto, é?		Oposição à Justificativa 2
30. <u>Alunos (inclusive Marcos)</u> : É.		Resposta 1 à oposição da Justificativa 2

31. <u>Henrique</u> : Não.		Resposta 2 à oposição da Justificativa 2
32. <u>Professora</u> : Não? Por quê que não?		
33. <u>Henrique</u> : [DÁ OS OMBROS]		
34. <u>Professora</u> : Tu acha que pra ele respirar ele não precisa dar salto. Por que você acha que ele respira dando salto? Porquê? Diga, Marina.		
35. <u>Marcos</u> : Porque ele respira pouco.	Dá as bases da inferência	Justificativa 1 da Resposta 1
36. <u>Professora</u> : Por que? Quê que acontece?		
37. <u>Bianca</u> : Ele respira pela boca.	Dá as bases da inferência	Justificativa 2 da Resposta 1
38. <u>Professora</u> : Ele respira pela boca. Sim. Mas porque será que ele tem que dar salto para respirar pela boca?		
39. <u>Marcos</u> : Se não ele morre.	Dá as bases da inferência	Justificativa 3 da Resposta 1
40. [VÁRIOS ALUNOS FALAM AO MESMO TEMPO]		
41. <u>Bianca</u> : Porque senão ele vai morrer.		
42. <u>Camila</u> : ...porque engole mais água ainda...	Dá as bases da inferência	Justificativa 4 da Resposta 1
43. <u>Professora</u> : Ah, porque se ele não pular ele engole mais água, é isso?		
44. <u>Camila</u> [AFIRMA COM A CABEÇA]		
45. <u>Professora</u> : Quem acha que é por isso? Que ele precisa pular, para respirar. E se ele não respirar ele engole mais água.		
46. <u>Bianca</u> : Eu não.	Opõe-se	Oposição à Justificativa 4 da Resposta 1

47. <u>Vários alunos</u> : <i>Eu não</i>	Opõe-se	Oposição à Justificativa 4 da Resposta 1
48. <u>Professora</u> : <i>E por que será que ele pula?</i>		
49. <u>Bianca</u> : <i>Porque é pra ele respirar.</i>		?????
50. <u>Professora</u> : <i>Ah, porque é pra ele respirar, ta bom.</i>		
51. <u>Alguém</u> : <i>Porque ele tem cauda.</i>	Dá as bases da inferência	Justificativa da resposta 2
52. <u>Professora</u> : <i>Ah, ele pula porque tem cauda?</i>		
53. <u>Bianca</u> : <i>É. E cauda... ele tem que pular... se ele não pular... [NÃO DÁ PRA ENTENDER]</i>		
54. <u>Simone</u> : <i>Tia. [LEVANTA A MÃO] Deixa eu dizer uma coisa.</i>		
55. <u>Professora</u> : <i>E a gente pula ou não pula?</i>		
56. <u>Alunos</u> : <i>Pula.</i>		
57. <u>Professora</u> : <i>E a gente tem cauda?</i>		
58. <u>Alunos</u> : <i>Não.</i>		
59. <u>Bianca</u> : <i>Tem, ó aqui [JUNTA AS PERNAS]</i>		
60. <u>Professora</u> : <i>E por que a gente pula, se a gente não tem cauda?</i>		Oposição à justif. 1 da resposta 2
61. <u>Camila</u> : <i>A gente tem perna.</i>		Resposta à oposição da Justificativa 1 da resposta 2
62. <u>Professora</u> : <i>Ah, a gente tem perna. E o boto tem o que?</i>		
63. <u>Alunos (Bianca, Júnior)</u> : <i>Cauda.</i>		
64. <u>Bianca</u> : <i>Então...</i>		
65. <u>Camila</u> : <i>E quando a gente vai nadar tem que bater assim [BATE AS PENAS NO CHÃO]</i>		Resposta

## Tópico 3: “Por que o boto é um animal diferente”

66. <u>Professora</u> : Ah, muito bem, Camila. A gente tem que bater para fazer como se fosse o que? A cauda dele, né?! “Ele é alegre e brinca com todos os animais no fundo do rio. Dá vários saltos...” Vocês acertaram “...sobre as águas, exibindo as suas habilidades. Mas o boto é um peixe diferente.” Por que você acha que ele é diferente?	Retoma a História Pergunta Inferencial	Pergunta 2
67. <u>Ricardo</u> : Porque ele vira humano.	Conhece a História	PV 2.1
68. <u>Professora</u> : Ah, porque ele vira humano? E só porque ele vira humano que ele é diferente?		
69. <u>Alguém</u> : Não.		Oposição ao PV 2.1
70. <u>Gisele</u> : Porque ele é rosa.	Resposta Descritiva – Vê a figura do livro	PV 2.2
71. <u>Henrique</u> : [VIRA PRA GISELE E BALANÇA A CABEÇA NEGATIVAMENTE]		Oposição ao PV 2.2
72. <u>Professora</u> : Ah, porque ele é rosa. Porque ele é humano, é rosa, por isso ele é diferente. Bianca, por que esse peixe aqui, ele é diferente?	Repete a Pergunta	
73. <u>Bianca</u> : Porque ele é.		PV 2.3
74. <u>Professora</u> : [NÃO DÁ PRA ENTENDER]		
75. <u>Camila</u> : Ele nasceu assim.		PV 2.4
76. <u>Bianca</u> : Ele nasceu assim.		

## Tópico 4: “Como o boto encanta as moças”

77. <u>Professora</u> : Ah, ele nasceu assim. Por isso ele é diferente. Vamos ver porque ele é diferente. “Diz a lenda que, às vezes, ele se transforma em um belo rapaz e encanta as jovens habitantes da floresta.” [MOSTRA O DESENHO]		
78. <u>Marcos</u> : [FAZ ALGUM COMENTÁRIO SOBRE A FIGURA]		
79. <u>Professora</u> : Você acha que ele encanta porque? Por que que ele encanta? Ele encanta as belas moças da cidade com o que, Simone?		Pergunta 3
80. <u>Simone</u> : Com a voz.	Inferência de Predição	PV 3.1
81. <u>Professora</u> : Com a voz. E o boto tem voz?		Oposição ao PV 3.1
82. <u>Bianca</u> : Nããão. Tem.		Resposta à oposição do PV 3.1
83. <u>Professora</u> : Tem? Como é a voz do boto? Quem sabe fazer a voz do boto? Se tem, como é a voz do boto?		
84. <u>Alguém</u> : Ô tia, Rodrigo ta me aperreando.		
85. <u>Marcos</u> : Caiu a agenda.		
86. <u>Professora</u> : [SE ABAIXA PRA PEGAR A AGENDA] Como é que faz?		
87. <u>Fred</u> : Ihhh, ihhhh... [FAZENDO A VOZ DO BOTO]		Justificativa da Resposta à oposição do PV 3.1
88. <u>Professora</u> : Faz aí Bianca, a voz do boto, já que você disse que ele tem.		
89. <u>Bianca</u> : Mas eu não sei fazer.		

90. <u>Professora</u> : Ah, olha só Fred fazendo. E com essa voz ele encanta quem? Quem ele encanta?	Pergunta Literal	
91. <u>Marcos</u> : A moças.	Resposta Descritiva	
92. <u>Professora</u> : As moças		
93. [NÃO DÁ PRA ENTENDER]		
94. <u>Professora</u> : “Deixa o rio sorrateiramente, visita os jardins das casas, roubando flores para suas namoradas” [MOSTRA A FIGURA]		
95. <u>Bianca</u> : Olhaaa... que chique...		
96. <u>Professora</u> : “Colhe uma rosa...”		
97. <u>Bianca</u> : Oooooolha...		
98. <u>Professora</u> : “... bem bonita e volta correndo para o rio”		
99. <u>Bianca</u> : Ooolha...		
100. <u>Júnior</u> : Marcos ta mordendo a caneta.		

#### Tópico 5: “Onde e como o boto colhe rosas”

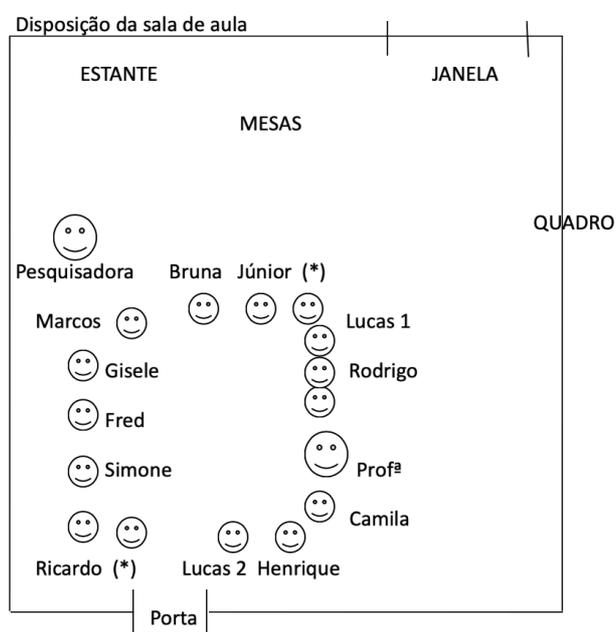
101. <u>Professora</u> : Veja só, ele colhe essas flores aonde?	Pergunta Literal	Pergunta 4
102. <u>Júnior</u> : Na rua.		PV 4.1
103. <u>Bianca</u> : Na rua.		
104. <u>Professora</u> : Na rua?		Oposição ao PV 4.1
105. <u>Alguém</u> : No jardim.	Resposta Descritiva	PV 4.2
106. <u>Professora</u> : Mas o boto vive onde?	Pergunta Literal	

107. <u>Alunos</u> : [FALAM AO MESMO TEMPO, RUA, ÁGUA, JARDIM, RIO...]		
108. <u>Bianca</u> : Naaaa... no rio		
109. <u>Professora</u> : No rio. Como será que ele consegue chegar no jardim?	Pergunta Literal	Oposição ao PV 4.2
110. <u>Bianca</u> : Porque ele não sabe nadar no chão. Ele não consegue nadar no chão.		???
111. <u>Professora</u> : Sim, então como é que ele chegou lá pra pegar a flor?		
112. <u>Marina</u> : Virando humano.	Resposta Descritiva	Resposta à Oposição do PV 4.2
113. <u>Marcos</u> : Correndo.	Inferência de Predição – já assumiu que ele virava humano e realiza uma predição de como roubaria as rosas dos jardins	Resposta à Oposição ao PV 4.2
114. <u>Professora</u> : Ah, por que?		
115. <u>Marina</u> : Virando humano.		
116. <u>Professora</u> : Ah, porque ele virou humano, foi?		
117. <u>Marina</u> : [BALANÇA A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE]		
118. <u>Professora</u> : Mas se ele não virasse humano ele tinha como chegar no jardim?	Pergunta Inferencial de Predição	Pergunta 5
119. <u>Alguns alunos</u> : Nããã.		PV 5.1
120. <u>Outros alunos</u> : Tiiinha.		PV 5.2
121. <u>Professora</u> : Quem acha que tinha? Diz aí [APONTANDO PRA BIANCA], como é que ele chegava lá no jardim?		

122. <u>Bianca</u> : <i>Porque ele ia botar a patinha dele assim [ESTENDE A MÃO PRA FRENTE], aí ia pegar a flor pra poder dar pra namorada dele, e a namorada dele ia beijar ele...</i>	<i>Inferência de Predição</i>	Justificativa do PV 5.2
123. <u>Professora</u> : <i>Sim, mas acontece que ele mora no rio. Quando ele sai do rio ele consegue ficar fora dá'gua?</i>		Oposição à Justificativa do PV 5.2
124. <u>Bianca</u> : <i>Não, mas aí a namorada dele pode ta na água, ele pode beijar na boa.</i>	<i>Predição Incoerente</i>	Resposta à Oposição da Justificativa do PV 5.2
125. <u>Professora</u> : <i>Ah, a namorada dele pode estar na água. Mas se ela não estiver na água, ele vai conseguir chegar lá no jardim?</i>		
126. <u>Bianca</u> : <i>Não, ela pode estar no jardim, comendo flores.</i>	<i>Inferência de Predição</i>	
127. <u>Júnior</u> : <i>Ecaaaa.</i>		
128. <u>Bianca</u> : <i>Comendo cocô de cachorro.</i>		
129. <u>Professora</u> : <i>“Quando ele volta pro rio ele se transforma novamente...”</i>		
130. <u>Alguém</u> : <i>Ô tia, Gabriel tá me aperreando.</i>		
131. <u>Professora</u> : <i>“...no boto cor de rosa.”</i>		
132. <u>Alguém</u> : <i>Rodrigo!</i>		
133. <u>Professora</u> : <i>ó, Júnior ele volta a ser novamente...</i>		
134. <u>Fred</u> : <i>E a namorada dele...</i>		
135. <u>Júnior</u> : <i>Golfinho...</i>		
136. <u>Professora</u> : <i>Um golfinho. Boto, não é? “As donas das casas nunca entendem porque sempre falta uma rosa nos seus jardins. Mas o boto, muito esperto, sabe muito bem onde elas se encontram.” [MOSTRA A FIGURA]</i>		
137. <u>Bianca</u> : <i>Mas aí, olha aí a namorada</i>		PV 6.1

138. <u>Professora</u> : Não, tem alguma namorada aqui?		Oposição ao PV 6.1
139. <u>Alunos</u> : Nããã.		Resposta à Oposição do PV 6.1
140. <u>Bianca</u> : Não, a namorada do peixe, a azulzinha [SE LEVANTA E APONTA PARA O LIVRO]		Resposta à Oposição do PV 6.1
141. <u>Professora</u> : Não, mas ele não encanta... E ele encanta os peixes?		Oposição à Resposta da Oposição do PV 6.1
142. <u>Bianca</u> : Encanta.		Resposta 1 Oposição à Resposta da Oposição do PV 6.1
143. <u>Professora</u> : Encanta os peixes?		
144. <u>Alunos</u> : Nããã		Resposta 2 à Oposição à Resposta da Oposição do PV 6.1
145. <u>Professora</u> : Bianca não conseguiu entender. Aí diz assim: "ele sabe que a rosa irá agradar mais uma de suas muitas namoradas".		
146. <u>Bianca</u> : Olha, que chique... Ele faz assim, ó [FICA PASSANDO A PALMA DA MÃO NA BOCA]		
147. <u>Professora</u> : Quem gostou da história?		

## APÊNDICE F – ANÁLISE DA HISTÓRIA 8



Descrição da situação: Ao chegar na sala de aula, algumas crianças já haviam iniciado uma atividade, porém a Professora se mostrou um pouco impaciente, interrompeu a atividade e iniciou a leitura da história. A história era grande, os alunos estavam dispersos, havendo muita conversa paralela. Duração de aproximadamente 19 minutos.

Resumo da História: “Lalá, a latinha de lixo” era uma lata que morava no parque da cidade e estava bastante incomodada com o fato das pessoas jogarem lixo no chão. Até o dia em que aconteceu dela cair no chão e conhecer Joãozinho, fazendo com que este tomasse consciência da importância de se colocar o lixo no lixo.

<i>Transcrito</i>	<i>Plano Inferencial</i>	<i>Plano Argumentativo</i>
<i>1. <u>Prof.</u>: Quem escreveu essa história foi Socorro Miranda. Essa autora é uma autora que se preocupa muito com o meio ambiente, como está esse meio ambiente, como as pessoas estão cuidando dele. E por isso ela fez esse livro chamado “Lalá, a latinha de lixo”. Vamos ver onde que Lalá mora. Se Lalá é uma latinha de lixo, você acha que ela mora onde, Marcos?</i>	<i>Pergunta Inferencial de Predição</i>	<i>Estimula PVs</i>
<i>2. <u>Marcos</u>: No parque, no rio...</i>	<i>Inferência de Predição 1/ Inferência de Predição 2</i>	<i>PV 1.1/ PV 1.2</i>
<i>3. <u>Prof.</u>: No parque, no rio... Será que no rio tem uma lata de lixo?</i>	<i>Questiona a Inferência de Predição 2</i>	<i>Oposição ao PV 1.2</i>
<i>4. <u>Alunos</u>: Nããããooo...</i>		<i>Resposta 1 à Oposição do PV 1.2</i>
<i>5. <u>Outros alunos</u>: Teeeeeem</i>		<i>Resposta 2 à Oposição do PV 1.2</i>
<i>6. <u>Alunos</u>: Tem, pendurada na árvore.</i>	<i>Inferência de Predição 3</i>	<i>Justificativa da Resposta 2</i>

7. <u>Prof:</u> Ah, tem pendurada na árvore. Só na árvore que pode ter?	<i>Aceita a Inferência de Predição 3/ Estimula novas inferências</i>	<i>Estimula outros PVs</i>
8. <u>Alunos:</u> Nãããã		
9. <u>Marcos:</u> Tem na praia	<i>Inferência de Predição 4</i>	<i>PV 1.3</i>
10. <u>Prof:</u> Tem na praia? Onde na praia?		
11. <u>Fred:</u> No pau, pendurada.	<i>Complementação da Inferência de predição 4</i>	
12. <u>Prof:</u> Ah, na parte da areia, pendurada.	<i>Aceita a inferência de predição 4</i>	
13. <u>Lucas:</u> Na rua.	<i>Inferência de Predição 5</i>	<i>PV 1.4</i>
14. <u>Ricardo:</u> Não, na praia tem aqueles saquinhos de lixo.	<i>Questiona a Inferência de Predição 4</i>	<i>(Oposição ao PV 1.3) Justificativa da Oposição ao PV 1.3</i>
15. <u>Prof:</u> Saquinho. Essa daqui é uma latinha de lixo. Bora ver onde ela mora. “Lalá é uma latinha de lixo que vive no parque da cidade. Foi colocada ali pela prefeitura, para ensinar às pessoas a jogarem o lixo no lugar certo.” Olha ela aqui, onde ela mora. [MOSTRA A FIGURA PARA AS CRIANÇAS]. Onde ela mora mesmo?	<i>Pergunta Literal</i>	
16. <u>Ricardo:</u> No par-queeee.	<i>Resposta Descritiva</i>	
17. <u>Marcos:</u> No parque.		
18. <u>Prof:</u> No parque. Será que quando a gente vai ao parque, todo mundo joga o lixo na lata de lixo?	<i>A professora sai da história e questiona situações da vida das crianças</i>	<i>Pergunta 2</i>
19. <u>Alunos:</u> Não.		<i>PV 2.1</i>
20. <u>Simone:</u> Joga.		<i>PV 2.2</i>

21. <u>Prof.</u> : Joga ou não joga?		
22. <u>Alguns alunos</u> : Joga não.		
23. <u>Fred</u> : Joga fora [APONTA PARA A FIGURA DO LIVRO]		Justificativa do PV 2.1
24. <u>Prof.</u> : Ah, joga fora. Quando a gente vai no carro da gente, será que todo carro que a gente tem, de papai, de mamãe, de tio da gente, tem um lixeirinho dentro?		
25. <u>Alguns alunos</u> : Tem		
26. <u>Outros alunos</u> : Não		
27. <u>Prof.</u> : Quem aqui tem o carro do papai ou da mamãe que tem o lixeirinho dentro?		
28. [A MAIORIA DOS ALUNOS LEVANTA A MÃO].		
29. <u>Ricardo</u> : Eu não.		
30. <u>Fred</u> : Eu não.		
31. <u>Prof.</u> : E aí o que você faz com o lixo que tá no carro?		
32. <u>Ricardo</u> : Eu espero pra voltar pra minha casa pra jogar no lixo da minha casa.		
33. <u>Prof.</u> : Sim. E você joga aonde o seu lixo do seu carro, João?		
34. <u>Júnior</u> : No saquinho dentro do carro.		
35. <u>Prof.</u> : Ah, porque o de Júnior tem um saquinho dentro do carro. Vamos continuar. "Nesse parque tem muitas árvores, bancos de cimentos, balanços, gangorra, pista de corrida, ciclovia e até pista de patinação."	Retoma a história	
36. <u>Ricardo</u> : Eu tenho patins.	Disgressão	
37. <u>Lucas</u> : Eu também.	Disgressão	

<p>38.<u>Prof.</u>: “Ah, e também tem um pipoqueiro e um sorveteiro. Uma delícia. A criançada se diverte muito e os adultos fazem suas caminhadas relaxando junto à natureza. Lalá fica observando todo mundo do parque, com isso, ela fica olhando as pessoas que ignoram ela e não olham para ela.” Por que será que tem pessoas que não olham para ela? Por que será, Gisele, que essa pessoa não olha pra Lalá?</p>	<p>Pergunta Inferencial</p>	
<p>39.<u>Gisele</u>: [DÁ OS OMBROS]</p>		
<p>40.<u>Prof.</u>: O que ela quis dizer quando ela disse “que não olham pra mim e ficam me ignorando”? O que você acha, Henrique?</p>	<p>Repete a pergunta</p>	
<p>41.<u>Henrique</u>: [DÁ OS OMBROS]</p>		
<p>42.<u>Prof.</u>: Por que será que ela disse que tem gente que não olha para ela? Por que Ricardo?</p>	<p>Repete a pergunta</p>	
<p>43.<u>Ricardo</u>: Porque joga lixo no chão.</p>	<p>Inferência</p>	
<p>44.<u>Prof.</u>: Ah, porque joga lixo no chão. E que tipo de lixo você acha que jogam? Que tipo de lixo?</p>	<p>Pergunta Inferencial</p>	<p>Pergunta 3</p>
<p>45.<u>Marcos</u>: O lixo do parque, o lixo da praia...</p>	<p>Inferências</p>	<p>(PV 3.1) PV 3.2</p>
<p>46.<u>Prof.</u>: Da praia? E aqui ta na praia?</p>	<p>Questiona Inferência</p>	<p>Oposição ao PV 3.2</p>
<p>47.<u>Alunos</u>: Nããããooo.</p>		<p>Resposta à Oposição do PV 3.2</p>
<p>48.<u>Ricardo</u>: O lixo do parque.</p>		<p>Resposta ?????</p>
<p>49.<u>Prof.</u>: O lixo do parque. Que lixo? Que lixo ele joga no chão?</p>	<p>Repete pergunta inferencial</p>	
<p>50.<u>Luis</u>: Do parque</p>		
<p>51.<u>Bruna</u>: Quando ele joga o papel da pipoca no chão.</p>	<p>Inferência</p>	<p>PV 3.3</p>

52. <u>Prof.</u> : Ah, como é? [VOLTANDO-SE PARA BRUNA]		
53. <u>Bruna.</u> : Quando come a pipoca...		
54. <u>Prof.</u> : Come pipoca e joga o lixo no chão. É isso mesmo, Bruna. Ela fica dizendo “com isso o parque tá ficando cada vez mais sujo e latinha desnutrida, porque o lixo é o seu alimento. A lata precisa de lixo. Ficou tão fraca, tão fraca, que uma bola conseguiu derrubá-la. Aí ela ficou dias e mais dias deitada no chão.” Por que será que ela ficou dias e mais dias deitada no chão?	Pergunta Inferencial	Pergunta 4
55. <u>Marcos.</u> : Porque alguma pessoa chutou uma bola e bateu no lixo.	Resposta Descritiva	PV 4.1
56. <u>Prof.</u> : Bateu nela. Mas por que será que ela ficou lá deitada lá no chão, caída no chão?		
57. <u>Marcos.</u> : Porque bateu a bola.		Repete o PV 4.1
58. <u>Prof.</u> : Bateu a bola. E...		
59. <u>Camila.</u> : Porque ela não tem perna.		PV 4.2
[Rodrigo chega atrasado]		
60. <u>Marcos.</u> : Aí ela caiu...		
61. <u>Camila.</u> : Ela não tem perna.		Repete o PV 4.2
62. <u>Prof.</u> : Porque ela não tem perna, né, Camila? Mas o quê que precisa pra alguém levantar?	Pergunta Inferencial de Predição	Pergunta 5
63. <u>Marcos.</u> : Segurar.	Inferência de predição	PV 5.1
64. <u>Ricardo.</u> : Não, pular, pula.	Inferência de Predição 10	(Oposição ao PV 5.1) PV 5.2
65. <u>Prof.</u> : Pular? A lata pula?	Questiona a Inferência de Predição 10	Oposição ao PV 5.2

66. <u>Marcos</u> : Segurar, segurar.		Repete o PV 5.1
67. <u>Fred</u> : Ela pula assim, ó [FICA PULANDO SENTADO, APOIANDO OS BRAÇOS NO CHÃO E COM AS PERNAS DOBRADAS]		Resposta à Oposição do PV 5.2
[VÁRIOS ALUNOS FALAM AO MESMO TEMPO]		
68. <u>Prof</u> : Olha só o que que diz... Vem pra cá, Lelê. Como é? Lelê tá dizendo aqui... Senta aqui, Lelê, que eu vou pra porta pra ver quem tá chegando... Como é, Camila? Ela está derrubada porque ela não tem perna pra levantar, você disse. E o que precisa pra ela levantar então?	Pergunta Inferencial = Como ela vai levantar?	
69. <u>Marcos</u> : Uma pessoa.	Inferência de Predição	PV 5.3
70. <u>Camila</u> : Uma pessoa, pra pegar ela e levantar ela de volta.	Complementação da Inferência de Predição	Repete o PV 5.3 + Justificativa
71. <u>Prof</u> : Ah, uma pessoa pra levantar ela de volta. Aí diz assim “Alguém precisa ajudar Lalá.” Olha só, o que Camila disse aconteceu. “Joãozinho, que sempre visitava o parque andava despreocupado, quando zás, escorregou numa casca de banana e foi cair bem perto de Lalá: ‘- Poxa, que parque sujo. Ai meu bumbum, acho que quebrei o coitado’.” [ALGUNS ALUNOS RIEM] O quê que a gente pode fazer pra isso não acontecer? O quê que você acha que alguém fez para poder ajudar ele, Joãozinho, Simone?	Pergunta Inferencial	Pergunta 6
72. <u>Fred</u> : Pegar... pegar os lixos e colocar no lixo.	Inferência de Predição (Coerente)	PV 6.1
73. <u>Marcos</u> : Não...		Oposição ao PV 6.1

74. <u>Prof:</u> E colocar no lixo. Mas se a lata tiver muito cheia, o que a gente tem que fazer?	Pergunta Inferencial	
75. <u>Ricardo:</u> Colocar no reciclado.	Inferência de Predição	PV 6.2
76. <u>Prof:</u> Ah, colocar no reciclado. O que a gente vai colocar no reciclado?	Pergunta de conhecimento de mundo	
77. <u>Alguns alunos:</u> O lixo.		
78. <u>Prof:</u> Que tipo de lixo?		
79. <u>Marcos:</u> O lixo que a gente joga.		
80. <u>Prof:</u> Peraí, deixa ele dizer. Que tipo de lixo?		
81. <u>Ricardo:</u> Lata, plástico, papel e metal.		
82. <u>Prof:</u> Lata, plástico, papel e metal. Eles são recicláveis? E o que é ser reciclável? [aponta pra Ricardo]		
83. <u>Ricardo:</u> Fazer uma coisa ir pro lixo.		
84. <u>Prof:</u> Ah, transformar. Fazer uma coisa desse lixo. Ricardo ta certo mesmo.		
85. <u>Fred:</u> Fazer uma coisa nova		
86. <u>Prof:</u> Existem lixos que são recicláveis e lixos que não são. Quem sabe o lixo que não é reciclável? Quem sabe?		
87. <u>Marcos:</u> Eu		
88. <u>Bruna:</u> Casca de banana não é reciclável.		
89. <u>Prof:</u> Muito bem, casca de banana não é reciclável		
90. <u>Ricardo:</u> Nem maçã não é.		
91. <u>Prof:</u> Nem maçã...		
92. <u>Ricardo:</u> Isso daqui é [MOSTRA ALGUMA COISA NA FIGURA DO LIVRO]		
93. <u>Prof:</u> É		
94. <u>Marcos:</u> E nem laranja não é.		

95. <u>Prof</u> : E esses lixos devem ir pra onde, esses lixos?		
[VÁRIOS ALUNOS FALAM AO MESMO TEMPO, A PROF MUDA RODRIGO DE LUGAR, COLOCANDO-O ENTRE HENRIQUE E CAMILA] 96. <u>Prof</u> : Esses lixos devem ir pra onde?		
97. <u>Simone</u> : Lixeiro.		
98. <u>Ricardo</u> : Pro lixão.		
99. <u>Prof</u> : Ah, o lixo deve ir pro lixão. É verdade, existe um local que junta todos os lixos, que é chamado de lixão. Agora a gente vai ver o que aconteceu mais. “Lalá ficou mesmo fraca, coitadinha. Começou a rir do menino, ela, a latinha.” Por que será que ela riu do menino, a latinha Lalá?	Retoma a história/ Pergunta Inferencial	Pergunta 7
100. <u>Marcos</u> : Por que caiu.		PV 7.1
101. <u>Ricardo</u> : Porque o menino caiu		PV 7.2
102. <u>Prof</u> : Mas será que ela é tão má que riu porque ele simplesmente caiu?		Oposição ao PV 7.2
103. <u>Marcos</u> : É Não.		(Resposta 1 à Oposição). (Resposta 2 à Oposição)
104. <u>Prof</u> : Não. Por que será que ela riu?		
105. <u>Marcos</u> : Ela riu porque escorregou		PV 7.3
106. <u>Alguém</u> : Porque achou engraçado.		PV 7.4
107. <u>Prof</u> : Escorregou onde?	Pergunta Literal	
108. <u>Ricardo</u> : Na casca de banana.	Resposta Descritiva	
109. <u>Marcos</u> : na casca de banana.		
110. <u>Prof</u> : Sim, mas aí ela riu. Será que ela riu porque ele caiu ou riu de outra coisa que a gente ainda não descobriu?		

111. <u>Simone</u> : Foi não.		
112. <u>Prof</u> : Deixa Simone dizer.		
113. <u>Simone</u> : Quando o homem chutou a bola e bateu nela, ela tava deitada, não foi?		
114. <u>Prof</u> : Foi		
115. <u>Simone</u> : Aí ela já tava deitada e ele caiu e ficou deitado igual a ela.		PV 7.5
116. <u>Prof</u> : Ah, ela acha...		
117. <u>Ricardo</u> : Ele pisou na casca de banana...		PV 7.6
118. <u>Prof</u> : [PARA RICARDO] Peraí, deixa eu terminar, ele pisou na casca de banana, mas ela acha que ela riu porque ele ficou deitado igual a ela, como ela caiu aí ela disse assim: 'agora eu vou rir porque ele caiu igual a mim'		
119. <u>Marcos</u> : Escorregou		
120. <u>Prof</u> : Mas ela riu por quê? Ela riu só porque ele escorregou?		
121. <u>Marcos</u> : [BALANÇA A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE]		
122. <u>Prof</u> : Eu acho que não...		
123. <u>Marcos</u> : Porque ele caiu no chão		
124. <u>Prof</u> : Caiu no chão. Mas será que ela simplesmente é tão má que ela ri quando as pessoas caem? A gente pode rir?		Oposição
125. <u>Alunos</u> : Nããão		Resposta
126. <u>Prof</u> : Quando as pessoas caem a gente vai sorrir?		
127. <u>Ricardo</u> : Se não ninguém vai gostar mais dela.	Inferência de predição	Justificativa da Resposta
128. <u>Prof</u> : Ninguém vai gostar mais dela. Por que será que essa latinha sorriu?		

129. <u>Ricardo</u> : <i>Aí todo mundo vai tirar o lixo dela pra ela ficar fraca.</i>	<i>Inferência de Predição</i>	
130. <u>Prof</u> : <i>Ah, vai tirar o lixo dela. Mas quando eu tiro o lixo dela, pra ela ficar fraca, esse lixo ta onde?</i>		
131. <u>Alguém</u> : <i>No chão</i>		
132. <u>Prof</u> : <i>No chão. E esse lixo é bom pra gente? Ele no chão?</i>		
133. <u>Alunos</u> : <i>Não</i>		
134. <u>Alguém</u> : <i>Mas coloca no outro lixo.</i>		
135. <u>Prof</u> : <i>Ah, coloca no outro lixo.</i>		
136. <u>Fred</u> : <i>Não</i>		
137. <u>Prof</u> : <i>Mas o outro lixo é amiga da Lalá, e aí?</i>		
138. <u>Ricardo</u> : <i>Mas lixo não fala. Essa fala.</i>		
139. <u>Alguém</u> : <i>Porque essa daí é da historinha.</i>		
140. <u>Prof</u> : <i>Da historinha.</i>		
141. <u>Fred</u> : <i>É porque cada vez que coloca lixo, escorrega pela boca dela</i>		
142. <u>Prof</u> : <i>É, cada vez que escorrega pela boca dela. Vamos ver porque ela sorriu. Eu acho que não é porque o menino caiu, porque ela não seria tão má de ver uma pessoa cair e começar a sorrir. Eu acho que ela sorriu por outra coisa e vocês não chegaram nessa outra coisa. Vamos ver. Aí ta ela aqui pensando, ó [MOSTRA A FIGURA] – ‘ “ Porque você está rindo?’ Disse Joãozinho. ‘- Que tipo de lata é você? Não tem pena de mim?’ ’- Estou preocupada.” Por que será que ela está preocupada?</i>	<i>Pergunta Inferencial</i>	<i>Pergunta 8</i>
143. <u>Ricardo</u> : <i>Porque ele caiu.</i>		<i>PV 8.1</i>

144. <u>Prof.</u> : <i>Porque ele caiu? Vocês acham que é porque ele caiu?</i>		Oposição
145. <u>Marcos</u> : <i>Eu acho.</i>		Resposta
146. <u>Prof.</u> : <i>Por que será que ela tá preocupada?</i>		
147. <u>Simone</u> : <i>Porque as pessoas estão jogando lixo no chão.</i>		PV 8.2
148. <u>Prof.</u> : <i>Ah, porque as pessoas estão jogando lixo no chão. Ela sorriu porque ele caiu por causa do que?</i>		
149. <u>Marcos</u> : <i>Da banana.</i>		
150. <u>Prof.</u> : <i>Do lixo...</i>		
151. <u>Alguns alunos</u> : <i>... do chão.</i>		
152. <u>Prof.</u> : <i>Aí ela ficou preocupada e começou a sorrir. Aí ela disse assim ‘ “- Estou rindo porque você escorregou na sua própria sujeira. Se lembra que foi você mesmo que jogou essa casca de banana no chão ontem? Eu, paradinha aqui, vejo tudo que todos fazem.’ ‘- É mesmo, Lalá, eu fiz muito mal. Você tem razão. Agora estou vendo que esse parque está muito sujo, uma vergonha. O que eu posso fazer para ajuda-lá?’” O que você acha que ele pode fazer para ajudar Lalá? –</i>	Pergunta Inferencial de Predição	Pergunta 9
153. <u>Marcos</u> : <i>Pegar o lixo... levantar ela, pegar o lixo e jogar na lata.</i>	Inferência de Predição (Coerente)	PV 9.1
154. <u>Prof.</u> : <i>Pegar o lixo e jogar na lata. O que mais pode fazer até pegar o lixo, o que pode fazer para ajudar Lalá?</i>		
155. <u>Bruna</u> : <i>Não jogar mais coisas no chão.</i>	Inferência de Predição (Coerente)	PV 9.2

156. <u>Prof.</u> : Não jogar mais coisas no chão, apanhar o lixo... O que mais fazer para ajudar Lalá?		
157. <u>Marcos</u> : Jogar o lixo...		
158. <u>Prof.</u> : No lixeiro. Ela já disse, não jogar o lixo no chão, você disse apanhar o lixo. O que mais? Será que só podemos fazer isso?		
159. <u>Simone</u> : Eu sei, tia. [LEVANTA O BRAÇO]		
160. <u>Prof.</u> : Que mais?		
161. <u>Simone</u> : Limpar o parque.	Inferência de Predição (Coerente)	PV 9.3
162. <u>Prof.</u> : Ah, limpar o parque. Muito bem.		
163. <u>Bruna</u> : Botar na lata, tudo bem direitinho.	Inferência de Predição (Coerente)	PV 9.4
164. <u>Prof.</u> : Muito bem		
165.[VÁRIOS ALUNOS FALAM AO MESMO TEMPO]		
166. <u>Prof.</u> : Aí diz assim: “Joãozinho levantou a lata, enfim, e foi jogando todos os lixos que encontrou por perto. Só que algumas coisas que o menino colocava, automaticamente ela jogava fora.” Essas pessoas que jogam fora estavam fazendo bem?		
167. <u>Alunos</u> : Nããã.		
168. <u>Prof.</u> : Olha aqui ele ajudando. [mostra a figura] Ele foi começar a ajudar ela a juntar os lixos. Levantou ela e começou a perceber que tinha muito lixo no chão.		
169. <u>Simone</u> : Ela ta nervosa.		

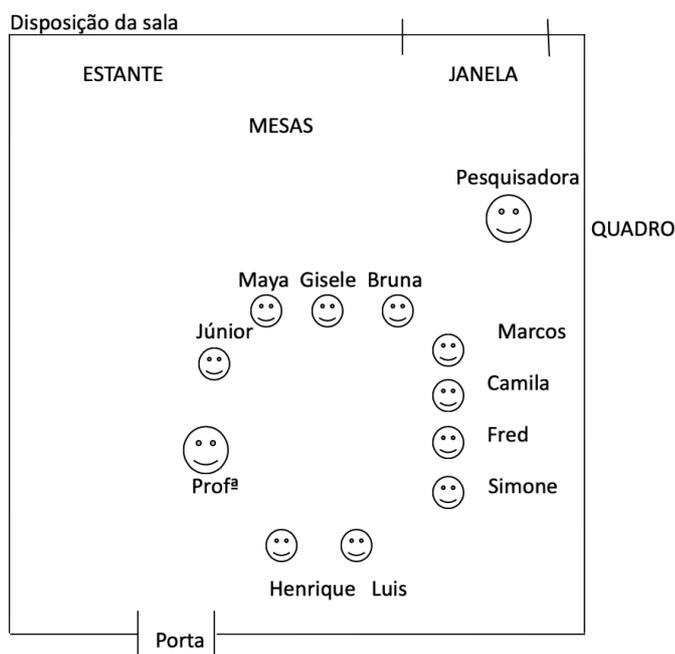
<p>170.<u>Prof.</u>: <i>Aí ele disse: “- O que é isso, sua lata mal-agradecida? Por que está jogando tudo fora?” Olha só. Ela começou, ele botava e ela jogava, ele botava e ela jogava. Ele não entendeu nada. Por que será que ela ta jogando as coisas pra fora?</i></p>	<p><i>Pergunta Inferencial</i></p>	<p><i>Pergunta 10</i></p>
<p>171.<u>Bruna</u>: <i>Porque ela é malvada</i></p>	<p><i>Inferência de Predição</i></p>	<p><i>PV 10.1</i></p>
<p>172.<u>Prof.</u>: <i>Tu acha que ela é malvada?</i></p>		
<p>173.<u>Bruna</u>: <i>[BALANÇA A CABEÇA AFIRMANDO]</i></p>		
<p>174.<u>Ricardo</u>: <i>É não, é porque esse lixo é reciclável.</i></p>	<p><i>Inferência de Predição</i></p>	<p><i>(Oposição ao PV 10.1) PV 10.2</i></p>
<p>175.<u>Prof.</u>: <i>Ah, eu acho que é por aí mesmo. Eu acho que ela queria que ele separasse. Vamos ver se é isso. ‘ “- Calma amigo, só estou jogando fora o lixo que não é lixo” Olha só [MOSTRA A FIGURA] Ricardo acertou? Acertou. Ela estava jogando o lixo que não é lixo, o lixo que pode ser usado para outra coisa. ‘ “- É o lixo que pode ser reciclado. Você nunca ouviu falar disso?’ ‘- Claro que ouvi. É o que pode ser transformado em coisas novas, como vidro, papel, plástico e outras latas em outras coisas.’ ‘- Vejo que você sabe mesmo. Pois é, esse lixo deve ficar em latas separadas, que tenham o símbolo da reciclagem.” Olha o símbolo da reciclagem aqui [MOSTRA A FIGURA]. Essas setinhas. Quando vocês forem a algum lugar que tiver o lixeiro com essas setinhas...</i></p>		
<p>176.<u>Ricardo</u>: <i>É reciclável</i></p>		
<p>177.<u>Prof.</u>: <i>...é porque ali eu só posso colocar coisas que é reciclável. Se eu comer uma maçã eu posso colocar lá a casca?</i></p>		

178. <u>Alunos</u> : Nãããooo		
179. <u>Prof</u> : Se eu comer um chocolate, eu posso colocar o restinho dele lá dentro?		
180. <u>Alunos</u> : Nãããooo		
181. <u>Fred</u> : Mas pode colocar a embalagem.		
182. <u>Prof</u> : A embalagem. Muito bem		
183. <u>Ricardo</u> : A embalagem pode, mas o restinho não. Ela disse o restinho, não foi a embalagem [VIRANDO-SE PARA FRED].		
184. <u>Prof</u> : Vamos ver ‘ “- Agora, só jogue dentro de mim o lixo que for orgânico.” O que será lixo orgânico?		
185. <u>Ricardo</u> : É...		
186. <u>Marcos</u> : O lixo que é o lixo.		
187. <u>Ricardo</u> : ...maçã		
188. <u>Prof</u> : Maçã		
189. <u>Marcos</u> : O lixo que é o lixo		
190. <u>Ricardo</u> : Comida		

<p>191.<u>Prof</u>: Muito bem. Orgânico, que não serve para fazer outras coisas, que não presta. Mas alguns dos orgânicos serve para virar adubo de planta. Eles juntam, levam, transformam em adubo e bota nas plantas. “Quando o menino terminou o trabalho, Lalá agradeceu e disse: ‘- Muito obrigada, Joãozinho, acho que você entendeu o meu problema.’ ’- Entendi. E estou muito envergonhado. De agora em diante, não vou jogar mais lixo no chão e ensinarei a meus amigos a fazerem o mesmo” Viu, Rodrigo? E aqui ta ele aqui, ó, preocupado, separando os lixos e botando tudo no seu lugar devido. [MOSTRA A FIGURA] “E foi o que aconteceu. No mesmo dia o menino contou ao pai sobre a necessidade de latas especiais no parque e foi até a prefeitura.” A prefeitura é o órgão que toma conta da nossa cidade, é ele que tem o prefeito e ele que faz a organização da nossa cidade para que a gente tenha uma cidade limpa, viu Ricardo? E aí ele foi e conversou na escola, ele falou com sua Prof... O que foi que você acha que ele falou com a Prof dele? [DIRIGINDO-SE A MARCOS]</p>	<p>Pergunta Inferencial de predição</p>	
<p>192.<u>Marcos</u>: Para aprender</p>		
<p>193.<u>Prof</u>: Aprender o que?</p>		
<p>194.<u>Marcos</u>: Aprender a não jogar lixo no chão.</p>	<p>Inferência de Predição (Coerente)</p>	
<p>195.<u>Prof</u>: Sim, mas ele foi dizer pra ela como? O que foi que ele disse pra ela, Simone? Hein, Simone? O que foi que Joãozinho chegou dizendo para a Prof lá na escola?</p>		

196. <u>Bruna</u> : Ééé, pra não jogar o lixo...		
197. <u>Marcos</u> : Pra não jogar mais lixo, pra não jogar mais lixo no chão.		
198. <u>Prof</u> : E fazer o que então?		
199. <u>Marcos</u> : Uma limpeza	Inferência de Predição (Coerente)	
200. <u>Prof</u> : Uma limpeza		
201. <u>Marcos</u> : Limpeza geral		
202. <u>Prof</u> : Uma limpeza geral. E para colocar nas salas que tipo de lixo? [EDUARDA CHEGA ATRASADA]		
203. <u>Prof</u> : Ele pediu para fazer as latas recicladas, ó, para reciclagem, vidro, lata, papel e metal. [reclama com Simone] E de vidro. “Uma semana depois todos os amigos já estavam colocando lixo no...”		
204. <u>Ricardo</u> : Lixo		
205. <u>Prof</u> : “...no lixo. O parque voltou a ser um grande parque. Todos não botavam mais lixo no chão. E não é só o parque que deve ser limpo. Não devemos jogar lixo nem na rua e principalmente nos rios e nas praias. A natureza agradece.”		
206. <u>Camila</u> : E também nem na escola.		
207. <u>Prof</u> : Nem na escola. A natureza agradece. Olha aqui. [mostrando a figura]		
208. <u>Camila</u> : E também nem na nossa casa.		
209. <u>Prof</u> : Olha aqui a Lalá agradecida porque o parque voltou a ser aquele parque bonito, sem lixo no chão. Quem gostou da história?		
210. <u>Alunos</u> : Eeeeeuuu!!!		

**APÊNDICE G – ANÁLISE DA HISTÓRIA 9**



Descrição da situação: Essa história tem como especificidade a escrita com rimas, o que tornou a narração, e principalmente, o entendimento desta, confusa. A professora não utilizou deste recurso e leu a história corrida, muitas vezes atropelando o que estava escrito e demonstrando ela própria se perder durante a narrativa. Duração de aproximadamente 10 minutos.

Resumo da História: Com o título de fantasma, a história conta de um fantasmilha que tinha asma e ficava apenas olhando os meninos brincando, até descobrir que precisava de um chá de unha de coruja para se curar do seu problema.

### Tópico 1: “Se fantasma existe ou não”

<i>História</i>	<i>Inferência</i>	<i>Argumentação</i>
<i>1. Prof: Quem acha que o fantasma existe?</i>		<i>Estímulo para formulação de PVs</i>
<i>2. Alunos: Eu não.</i>		
<i>3. Marcos: O fantasma não existe.</i>		<i>Ponto de vista 1.1</i>
<i>4. Prof: Se ele não existe por que...</i>		

5. <u>Marcos</u> : Mas é na mente, que a gente pensa.		Justificativa do ponto de vista 1.1
---	--	-------------------------------------

Tópico 2: “Onde o fantasma mora”

6. <u>Prof</u> : Ah, é na mente, que a gente pensa... Mas então ele mora ou não mora na casa mal assombrada?		Pergunta 2
7. <u>Marcos, Lucas</u> : Mora.		Ponto de vista 2.1
8. <u>Camila</u> : É porque ele mora no outro país		Ponto de vista 2.2
9. <u>Prof</u> : Ah, ele mora em outro país. E que país é esse?		
10. <u>Fred</u> : País da casa mal assombrada.		Ponto de vista 2.3
11. <u>Simone</u> : É não		Oposição ao ponto de vista 2.3
12. <u>Prof</u> : É ou não é?		
13. <u>Simone</u> : É o país do fantasma.		Ponto de vista 2.4
14. <u>Prof</u> : O país do fantasma. Mas, finalmente, o fantasma existe ou não existe?		
15. <u>Alunos</u> : Nããão.		
16. <u>Prof</u> : E se ele não existe, porque que é que ele mora?		Oposição ao ponto de vista 1.1 ou pontos de vista 2
17. <u>Camila</u> : Mora em outro país, mas só que não existe.		Resposta 1
18. <u>Prof</u> : Sim, mas então ele existe ou ele não existe?		
19. <u>Alunos</u> : Nããão.		
20. <u>Prof</u> : E se ele não existe, porque que ele mora?		Oposição a resposta 1

<i>21. Marcos: Porque ele... mora... com os fantasmas.</i>		<i>Resposta 2</i>
<i>Prof: Sim, ele mora onde, então?</i>		
<i>Marcos: Na casa.</i>		
<i>Simone: Tia, eu sei. Não existe no mundo, só que passa na televisão, o filme.</i>		<i>Resposta 3</i>
<i>Prof: Ah, não existe no mundo mas passa na televisão, nos filmes. É verdade. Vamos lá: “O fantasma vivia pelos cantos, cabisbaixo, sonhando com o dia em que poderia brincar com seus amigos. Ah, Fan era fantasma de um fantasma.” [mostra a figura] Ele sonhava mesmo com o que?</i>	<i>Início da História/ Pergunta Literal</i>	
<i>Marcos: Porque ele estava brincando com uns amigos.</i>	<i>Resposta Descritiva</i>	

### Tópico 3: “Do que o fantasma poderia brincar com seus amigos”

<i>Prof: Ele sonhava em brincar com os amigos. Tu acha que ele ia brincar de que, Simone?</i>	<i>Pergunta Inferencial</i>	<i>Estimula PVs</i>
<i>Simone: [PENSATIVA]</i>		
<i>Prof: O fantasma ia brincar de quê?</i>		
<i>Simone: De pular corda.</i>	<i>Inferência de Predição Coerente</i>	<i>Ponto de vista 3.1</i>
<i>Prof: De pular corda. E você, Gisele, acha que ele ia brincar de quê?</i>		
<i>Henrique: [SENTANDO NA RODA] Eu sei do que ele ia brincar...</i>		
<i>Alguém: De assustar</i>	<i>Inferência de Predição Coerente</i>	<i>Ponto de vista 3.2</i>
<i>Prof: Ah, de assustar.</i>		

<u>Camila</u> : Eu acho que ele ia querer ser uma borboleta para voar.	Inferência de Predição Incoerente	Ponto de vista 3.3
<u>Prof</u> : Ah, tu acha que ele ia querer ser uma borboleta pra voar. E você, Henrique, que chegou agora? Você acha que ele ia querer brincar de que, esse fantasma?		
<u>Henrique</u> : [FICA PENSATIVO, DE CABEÇA BAIXA]		

Tópico 4: “Se o menino estava vendo o fantasma”

<u>Prof</u> : “Ele via os meninos que não eram fantasma correndo pelos campos. Fan era um fantasma que ficava muito triste ao olhar os amigos.” [mostra a figura]. Você acha que os amigos, os meninos, tavam vendo ele, Marcos?	Pergunta Inferencial	Estimula um PV
<u>Marcos</u> : Tava. O menino.	Inferência de Predição 1 Coerente	PV 4.1 – (O menino estava vendo o fantasma)
<u>Prof</u> : Tu acha que o menino tava vendo ele?		
<u>Marcos</u> : Ele tá olhando assim, ó [VIRA A CABEÇA DE LADO]	Bases da Inferência de Predição 1	Justificativa do PV 4.1
<u>Prof</u> : Por que você acha que ele está vendo?	Solicita as bases da inferência	

<u>Camila</u> : Não, ele tá olhando pro passarinho.	<i>Inferência de Predição 2 Coerente, (baseando-se na figura do livro)/ Dá as bases da Inferência</i>	<i>Oposição ao PV 4.1 (O menino não estava vendo o fantasma) / Formula PV 4.2 - (O menino estava olhando para o passarinho)</i>
<u>Lucas</u> : Ele tava olhando pro passarinho.	<i>Concorda com a Inferência de Predição 2</i>	<i>Concorda com o PV 4.2</i>
<u>Prof</u> : Ah, ele tava olhando pro passarinho. E por que você acha que ele tá olhando pro fantasma?	<i>Estimula as bases da inferência de predição 2</i>	<i>Estimula uma Justificativa para o PV 4.1</i>
<u>Simone</u> : Não, ele tá olhando pra flor.	<i>Inferência de Predição 3 Coerente (baseando-se na figura do livro)</i>	<i>Oposição aos PVs 4.1 e 4.2 / Formula PV 4.3</i>
<u>Prof</u> : Ele tá olhando pra flor. Mas ele acha que ele tá olhando pro fantasma, por que será que ele acha que ele tá olhando pro fantasma?		<i>Estimula Justificativas para o PV 4.1</i>
<u>Camila</u> : Não, porque...		
<u>Marcos</u> : Porque ele tá correndo, ele viu o fantasma.	<i>Bases Da Inferência de Predição 1</i>	<i>Apresenta justificativa para o PV 4.1 / Resposta às oposições</i>
<u>Camila</u> : Ele tá perto da flor.	<i>Bases da Inferência da Inferência de Predição 3</i>	<i>Justificativa do PV 4.3</i>

<p><u>Prof:</u> Ah, porque ele tá correndo aí você acha que ele viu o fantasma? Vamos ver se foi isso: “A avó de Fan disse que só havia ele, sozinho no mundo, e seria um remédio bom... [PÁRA A HISTÓRIA PARA PEDIR PARA HENRIQUE E LUCAS PARAREM DE CONVERSAR] ...o único remédio capaz de curar a sua asma, ele tinha asma, tava cansado, Fan deveria encontrar uma coruja, tirar as unhas da coruja e realizar um chá de pó de unha. A tarefa não seria nada fácil, mas Fan não desistiu.” A avó dele disse que ele tinha que pegar o que mesmo?</p>	<p>Pergunta Literal</p>	
<p><u>Aluna:</u> Uma coruja</p>	<p>Resposta Descritiva</p>	
<p><u>Marcos:</u> Uma coruja, pra fazer um chá de unha.</p>	<p>Resposta Descritiva</p>	

Tópico 5: “Se o fantasma vai conseguir pegar a coruja”

<p><u>Prof:</u> Chá de unha. Você acha que ele vai conseguir pegar uma coruja?</p>	<p>Pergunta Inferencial de Predição</p>	<p>Estimula PVs</p>
<p><u>Camila:</u> Não, porque coruja se assusta e ela voa.</p>	<p>Inferência de Predição Coerente + Bases da Inferência</p>	<p>PV 5.1 (não vai conseguir) / Justificativa do PV 5.1</p>
<p><u>Prof:</u> Ah, porque coruja quando se assusta ela voa. E você acha que ela vai pegar? [PARA MARCOS]</p>		<p>Estimula outros PVs</p>
<p><u>Marcos:</u> [BALANÇA A CABEÇA NEGATIVAMENTE]</p>	<p>Inferência de Predição Coerente</p>	<p>Concorda com o PV 5.1</p>

<i>Prof:</i> Não? Por quê?	<i>Solicita as bases da inferência</i>	<i>Estimula Justificativas para o PV 5.1</i>
<i>Marcos:</i> Não, eu acho que ele vai pegar, porque fantasma voa também.	<i>Inferência de Predição Coerente + Bases da Inferência</i>	<i>Oposição ao PV 5.1/ PV 5.2 (vai conseguir) / Justificativa do PV 5.2</i>
<i>Prof:</i> Ah, fantasma voa. Quem acha que fantasma voa?		
<i>Camila:</i> Mas voa muito devagar.	<i>Retoma a inferência do T. 55 e dá as bases da inferência</i>	<i>Resposta à oposição do PV 5.1 (reafirma PV 5.1)</i>
<i>Prof:</i> [RECLAMA NOVAMENTE COM LUCAS E HENRIQUE] Voa devagar.		
<i>Marcos:</i> [PARA CAMILA] Mas...		
<i>Simone:</i> O fantasma não pode conseguir pegar a coruja. O fantasma é invisível, aí vai assustar a coruja e ela vai voar.	<i>Inferência de Predição 3 + Bases da Inferência</i>	<i>Retoma PV 5.1 (não vai conseguir) / Justificativa do PV 5.1</i>
<i>Marcos:</i> É não		<i>Oposição à justificativa do PV 5.1</i>
<i>Prof:</i> Ah, ele não vai conseguir porque ele é invisível e quando ele chegar junto ela vai se assustar e vai voar.		
<i>Marcos:</i> É não...		
<i>Bruna:</i> É sim		
<i>Marcos:</i> Peraí... quando ele vai assombrar, quando ele fica invisível, não assusta.	<i>Inferência de Predição 4 Coerente + bases da inferência</i>	<i>Oposição ao PV 5.1</i>

<i>Prof:</i> Quando ele tá invisível ele não assusta. Quem acha que ele assusta ou que ele não assusta?		
<i>Alunos:</i> Não	<i>Inferência de predição</i>	
<i>Bruna:</i> Eu acho que ele assusta.	<i>Inferência de predição</i>	<i>Resposta 1 da Justificativa da Oposição do PV 5.3</i>
<i>Marcos:</i> [VIRA PRA BRUNA MEIO BRABO] Assusta não.		<i>Resposta 2 da Justificativa da Oposição do PV 5.3</i>
<i>Prof:</i> Por que você acha que ele não assusta quando ele tá invisível?	<i>Estimula as Bases da Inferência 4</i>	
<i>Marcos:</i> Porque ninguém não vê ele.	<i>Dá as bases da Inferência 4</i>	<i>Justificativa da Resposta 2</i>
<i>Bruna:</i> Mas ele faz “Booo”	<i>Inferência de Predição 5</i>	<i>Justificativa da Resposta 1</i>
<i>Prof:</i> E pra assustar ele precisa ta como?		
<i>Bruna:</i> Mas ele não vai ficar invisível.	<i>Predição</i>	
<i>Fred:</i> Mas quando ele ta invisível ele grita assim “booo”	<i>Repete a predição do T.76</i>	
<i>Prof:</i> É? Ele fica invisível e grita assim “booo”. Quem acha que ele vai conseguir pegar a coruja? Quem acha?		
<i>Marcos:</i> Eu não.		<i>Resposta</i>
<i>Bruna:</i> Eu não.		<i>Resposta</i>

Tópico 6: “Se fantasma é medroso”

<i><u>Prof:</u> Atenção. Uns acham que ele consegue, outros acham que ele não consegue. “Ao tentar arrancar a unha da coruja que encontrou, recebeu uma pinhada, que é uma pinha lançada na cabeça. Jogaram uma pinha na cabeça dele. E tratou logo de tomar seu rumo, medroso que ele era.” Quem acha que fantasma é medroso?</i>		<i>Pergunta 6</i>
<i><u>Alguns alunos:</u> Eeeeu.</i>		<i>PV 6.1</i>
<i><u>Prof:</u> Fantasma é medroso?</i>		<i>Oposição ao PV 6.1</i>
<i><u>Alguns alunos:</u> Nããão.</i>		<i>Resposta à Oposição do PV 6.1</i>
<i><u>Simone:</u> É corajoso.</i>		<i>Resposta à Oposição do PV 6.1</i>
<i><u>Prof:</u> Ah, é corajoso. E por que você acha que ele é corajoso?</i>		
<i><u>Camila:</u> Porque ele é fantasma</i>		<i>Justificativa 1 da Resposta à Oposição do PV 6.1</i>
<i><u>Simone:</u> Porque ele assusta as pessoas</i>		<i>Justificativa 2 da Resposta à Oposição do PV 6.1</i>
<i><u>Prof:</u> E porque ele assusta ele é corajoso?</i>		<i>Oposição à Justificativa 2 da Resposta à Oposição do PV 6.1</i>

<u>Fred</u> : Não.		Resposta à Oposição à Justificativa 2 da Resposta à Oposição do PV 6.1
<u>Prof</u> : Porque mesmo que tu dissesse, Camila?		
<u>Camila</u> : Porque ele é um fantasma. E fantasma assusta a pessoa.		

Retomada do Tópico 1: “Se fantasma existe ou não”

<u>Prof</u> : Assusta a pessoa. Mas vocês não disseram que fantasma não existe?		
<u>Marcos</u> : Não.		
<u>Fred</u> : [BATE COM A MÃO NA TESTA.]		
<u>Camila</u> : É. Mas só na história.		
<u>Prof</u> : Ah, só na história.		
<u>Simone</u> : E no filme.		
<u>Prof</u> : E no filme.		
<u>Marcos</u> : E no desenho.		
<u>Prof</u> : E no desenho. Mas Marcos antes disse que ele existia também em outro lugar. Onde é que ele existe?		
<u>Simone</u> : Na casa mal assombrada.		
<u>Gisele</u> : No cemitério		
<u>Prof</u> : No cemitério? Será que tem fantasma no cemitério? Por que você acha que tem fantasma no cemitério?		Estimula PVs
<u>Marcos</u> : Não.		

<u>Prof:</u> Por que você acha/ Deixa ela dizer.		
<u>Gisele:</u> Porque lá vive umas almas.		
<u>Prof:</u> Ah, porque lá vive umas almas. E que almas são essas?		
<u>Gisele:</u> Ah, dos fantasmas		
<u>Bruna:</u> [VIRA PARA GISELE] Não, fantasma de gente morta.		
<u>Prof:</u> Ah, a alma do fantasma. Mas que almas são essas?		
<u>Camila:</u> Eu acho que é das pessoas que morrem.		
<u>Prof:</u> Ah, das pessoas que morre. É, até que pode ser mesmo...		
<u>Fred:</u> Alma das caveiras [MEXENDO OS BRAÇOS E FAZENDO ENTONAÇÃO DE ASSOMBRAÇÃO]		
<u>Camila:</u> [ABAIXA OS BRAÇOS DE FRED, MANDANDO ELE PARAR]		
<u>Marcos:</u> Eu sei, quando morre, as pessoas, o fantasma que vive na mente das pessoas e vira fantasma		

### Tópico 7: “Finalização da História”

<u>Prof:</u> “Ele levou uma pinhada na cabeça e saiu correndo, com medo.” Ele aqui ficou nervoso, porque caiu, ó, pinha, na cabecinha dele.	Retoma a história	
<u>Marcos:</u> [coloca a mão na cabeça] Ai, isso dói.		
<u>Bruna:</u> Dói nada.		
<u>Prof:</u> Ele não pegou a coruja, ele pegou?		
<u>Alguns alunos:</u> Não.		

<i><u>Marcos:</u> Ai, isso dói.</i>		
<i><u>Bruna:</u> [coloca a mão na cabeça] Dói bem aqui, ó.</i>		
<i><u>Marcos:</u> [balança a cabeça negativamente] Não. _____</i>		
<i><u>Prof:</u> Ele não pegou. Vamos ver. “Na verdade, a verdadeira simpatia para curar o fantasma, é fazer com que a pessoa que tenha um susto bem grande, diga assim: _____. Fan deveria ter sabido dessa simpatia, que era ele dar um susto em uma pessoa e se a pessoa se assustasse, ele ficaria bom. Fan deveria ter sabido dessa simpatia antes de ter morrido da sua incurável asma. Então Fan também, diz aqui na história, que ele morreu. Fantasma morre, é?”</i>		
<i><u>Marcos:</u> Não. [enfaticamente, balançando a cabeça negativamente]</i>		
<i><u>Outros alunos:</u> Não.</i>		
<i><u>Prof:</u> O fantasma não morre, né? A gente já chegou na conclusão...</i>		
<i><u>Camila:</u> Só na história, que morre.</i>		
<i><u>Marcos:</u> Mas o fantasma entra na mente das pessoas...</i>		
<i><u>Prof:</u> É, o fantasma está na mente das pessoas, gostei muito Marcos. E que a aqui na história ele morreu, mas na verdade ele não é...</i>		
<i><u>Marcos:</u> ...xiste.</i>		
<i><u>Prof:</u> Ele não existe. Quem gostou da história?</i>		
<i><u>Alunos:</u> Eu.</i>		
<i><u>Prof:</u> Essa história fez medo?</i>		
<i><u>Alunos:</u> Não.</i>		

<p><i><u>Prof.</u> É de fantasma mas não fez medo, né verdade? Pronto, agora a gente vai pras mesinhas.</i></p>		
---	--	--